

3 1761 09616812 5

Goes, Damião de
Chronica d'el-rei
D. Manuel

DP
604
G6
1909
v.8

BLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXVI)

CHRONICA D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. VIII

ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—
1911

2828

BIBLIOTHECA
DE
Classicos Portuguezes
Proprietario e fundador
MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXVI)

CHRONICA
D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. VIII

ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—
1911

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Tratado de Grammatica e Logica - Marco Antonio de Almeida

(VOLUME LXVI)

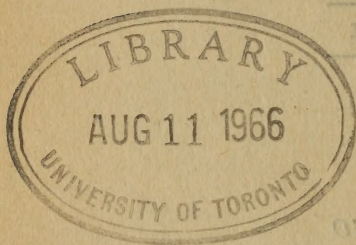
CHRONICA

D. EL-REI D. MANUEL

FOR

DAMAO DE COIS

1105709



DP

604

G6

1909

v.8



CAPITULO LII

De duas entradas, que dom Pedro de Meneses conde Dalcoutim fez em terra de Mouros.

ATRAS fica dito como el Rei mandou dom Pedro de Meneses conde Dalcoutim, filho de dom Fernando marques de Villa Real a Septa por capitam, o qual depois de la ser, como bom, e esforçado cavalleiro nunca sessou de desinquietar os Mouros com entradas que fazia, e mandava fazer pela terra, com que os constrangia deixarem suas casas, quintas, e castellos que tinham no campo, recolhendosse ás villas cercadas, pera segurança de

suas pessoas. Entre as quaes entradas foi huma no mes de Julho destanno de M. D. xiiii, chegando ate as atalaias de Tetuam, donde tornou vitorioso, e trouxe alguns captivos, o que os Mouros tiveram em tanto que muitos daquella villa se foram pera Fez, e outros se vieram lançar em Septa, entre os quaes foi hum cavalleiro dos milhores, e mais esforçados de Tetuam, da casa, e familia dos Alhamazes linhagem que antrelles he muito nobre, e antiga, e os filhos de Barraxa. Tendo os Mouros por nova que el Rei dom Emanuel queria passar em Africa, tiveram inteligencias per hum Pero Arraez Portugues que estava captivo na mesma villa, per cujo meo fezerão saber a el Rei que o queriam servir e seus vassalos se passasse. Depois da qual cavalgada se fizeram outras, de que por serem de menos substancia não faço mençam, senam de huma que neste mesmo anno fez no primeiro dia Doutubro em que soube como dous irmãos del Rei de Fez vinham sobre Septa com dez mil lanças, e alguma gente de pe, e outra que traziam per mar, os quais depois de serem em lugar que lhes pera isso pareceo conveniente, se poseram em duas ciladas mandando a gente de pe que vinha por mar em xxvi barcos de longo da praia, pera atalharem os nossos, se saissem a xxv almogavres, que lançaram das ciladas em que estavam, pera correrem ate vista dos nossos atalaias, aos quaes Almogavres o Conde dom Pedro sahio com cento, e trinta de cavallo, de que soltou quinze que os seguiram ate averem vista de huma das ciladas donde saíram alguns Mouros seguindoos de tam perto, que forão constrangidos recolherensse pera o Conde. O qual vendo que tras estes seguiam outros muitos teve por bom conselho recolherse pera os vallos, o que nam pode fazer sem que nas costas entrassem com

elle duzentos, e cincoenta de cavallo dentro nos mesmos vallos, sobre os quaes voltou com toda a gente que levava, em que ouve huma tal peleja que matarão dos Mauros quasi duzentos, e dos nossos forão feridos xxxvi, e hum morto. No qual tempo chegaram os dous irmãos del Rei de Fez, junto dos vallos com a mais gente que trazião, mandando logo gastadores pera os derrubarem, nas costas dos quaes se vierão chegando tanto para onde o Conde estava pellejando, que pela grande multidão que dos Mouros era já entrada foi constrangido se recolher com sua gente cerrada perá cidade, no qual instante chegaram os barcos em que vinha a gente que dixe, com tenção de atalharem aos nossos tendo por certo que os levarião todos nelles, porque segundo o poder que os irmãos delRei de Fez traziam, e saberem a pouca gente que avia na cidade, se podiam com razão persuadir fazerem o a que vinham com pouca dificuldade. Mas Deos o ordenou de maneira, que em lugar da presa que cuidavão fazer lhes servirão os barcos para levarem os corpos dos seus que recolheram com muita tristeza, por antrelles aver alguns homens nobres, e de authoridade. O que feito se recolheram, assi os dos barcos, como os irmãos del Rei de Fez, correndo de caminho a Arzilla, donde levarão mais de setecentas cabeças de gado, ao que os da villa nam poderam resistir pola grossa companhia que era.

CAPITULO LIII

Em que se conthem o traslado de huma carta que el Rei dom Emanuel escreveo a Nuno Fernandez Dataide sobelos mouros da Xerquia.

ERA tamanho o nome del Rei dom Emanuel per todas aquellas partes da Barbaria, que muitos mouros se faziam seus vassallos, e tributarios de suas proprias vontades, pedindolhe que de sua mam possesse os capitaens que tivesse por bem, para os governar, e elles lhes obedecerem em seu nome. Entre estes foram os da Xerquia, os quaes mandaram a este regno algumas pessoas de calidade, que depois de terem tratado o a que vinham, el Rei despedio, e lhes fez merces, per quem screveo a Nuno Fernandez Dataide huma carta, de que ho theor he o seguinte. Nuno Fernandez amigo, nos el Rei vos enviamos muito saudar; com Rui e Barreto vieram a nos Mahamed Mahamed, e Mahamed Bencelme, e Nacer Zagamim Xeques principaes da xerquia, e por si, e por os xeques, e povos da xerquia nos apontaram algumas cousas fundadas em nosso serviço, e com que mais descansadamente, e sem impedimento, nem torvaçam alguma nos poderiam servir, antre os quaes foi que nos prouvesse que elles fossem apartados sobre si, e sobre toda Xerquia posessemos hum nosso Alcaide que os governasse em justiça, e tivesse sobrelles mando, e jurdiçam assi, e naquella propria forma, modo, e maneira que o era sobre Abida, e Garabia, Iheabentafuf, e apontarão, e nos pedirão afincadamente por merce, que este Alcaide ouvessemos por bem que fosse Audaramam que foi criado

de Iheabentafuf, o qual era apto, e pertencente pera nisso nos poder, e saber bem servir, de qual ja dantes muitos dias nos estavamos bem informados pelo Duque meu muito amado, e prezado sobrinho, e assi per outras vias, e segundo informaçam que delles temos nos pareceo que nos poderia, e saberia nisso servir com toda lealdade, e fieldade, e mais por ser criado de Iheabentafuf, de quem aprenderia perás cousas de nosso serviço, toda lealdade, e sendo nos isto assi requerido por elles, com grande instancia tivemos sobrisso pratica, e olhadas razoens per huma parte, e pela outra, e todos los proveitos, e impedimentos que se poderiam seguir de lho outorgarmos, ou denegarmos, tudo bem visto, acordamos que era muito nosso serviço fazermos nossso Alcaide aho dito Audaramam de toda Xerquia, e apertamos, com elle sobre si, porque ainda que Iheabentafuf seja tal servidor, e tão leal, e verdadeiro, e tal pessoa que parecesse que tudo poderia, seria para elle grande carga, e averia impedimentos taes dantrelles, que era melhor ficar assi apartada a Xerquia, que debaixo de seu mandado, e jurdiçam, e mais ficando com pessoa que fora seu criado, e que quasi parecia que ficava tudo em sua mam, e tambem porque a carga da Bida, e Garabia he tamanha que abasta para Iheabentafuf ter bem que fazer em a governar, e ministrar em Justiça, e ter assim sossegados como os tem, e mesturandosse sempre haveria torvaçoens, e escandalos, e assentamos nisso, com outras cousas que com nosco mais assentarão, assim do que nos pagaram de tributo, como em outras cousas, de que levam assento, e capitulos que enviamos a dom Pedro de Sousa nosso capitam Dazamor, porque alli hão dacudir segundo formados ditos poderes, e assentos. E porque isso assentamos, por nos parecer cousa de nosso serviço, e no

que fomos bem servido, temos por certo que vos nam obriga outro nenhum interesse, nem particular respeito, salvo sermos servidos a nossa vontade, e assi como nos convem, e este temos visto em todos vossos serviços, que he vosso principal intento pelo que vo lo notificamos, e assi vo lo encomendamos, que esta nossa determinação vos pareça bem pois nos o avemos por nosso serviço, e segundo que o temos bem praticado, he o melhor que se pode fazer. E posto que assi Xerquia apartamos na maneira sobredita, e com Alcaide a partado, quanto aos alimentos da terra, e termo que ha de ficar com Azamor, e com Çafim, nos o assentaremos como nos parecer que seja cousa justa, e honesta pera cada parte, e enviaremos disso nossa determinação, e teremos lembrança do que acerca disto nos tendes escripto.

Item. Porque Iheabentafuf he razam que com favor seja de nos tratado, por seus serviços, nos lhe notificamos esta nossa determinação, encomendando-lhe pois nos avemos assi por servido lhe pareça assi bem, como sempre lhe parecem as cousas de nosso serviço, com algumas cousas, porque a isso mais nos movemos, e que avemos por honrras pera elle, segundo que pela carta que lhe screvemos o vereis. E mais alem disso, que nos praz, que sendo caso que ajuntandosse os mouros de toda Duecala, assi por nos lho mandarmos, por o avermos assim por nosso serviço, como por lhe ser requerido, e mandado per nossos capitaens, como tambem per os mesmos mouros o quererem assi fazer por nosso serviço que em qualquer destas maneiras em que toda Duecala se ajuntassem, em tal caso elle fique, e seja nosso capitam principal, e como tal seja obedecido, e se cumpram inteiramente seus mandados em quanto assi Duecala estiver junta, e isto outorgamos assi por nos

parecer nosso serviço, e sua honrra, e vos assi lho di zei da nossa parte, alem de nos lho escrevermos como dito he.

Item. Porque se não possa seguir inconveniente a nosso serviço, e este apartamento de Xerquia possa melhor conservarse, e se nam aze alguma torvaçam, vos encomendamos que querendosse apartar alguns Mouros de Xerquia para Abida, ou Garabia, ou para as cabildas, de que he nosso Alcaide Meimam vos q's nam consintaes receber, nem favorecer a Iheabenta-fuf, nem ao dito Meimam, antes lhos fazei logo tornar pera Xerquia donde vierão, porque nos o ave-mos por muito nosso serviço, e assi o escrevemos, e mandamos aos ditos Alcaides, e encomendamos vos que tomeis grande, e especial cuidado de assi o fazerdes cumprir, e guardar. Scripta em Lisboa a seis de Septembro. Antonio Fernandez a fez de M. D. xiiii. A qual carta pus aqui de verbo a verbo, por nella se tratar inteiramente tudo aquillo que se neste capitulo poderia dizer per outras palavras, e modo acostuma-do no estillo historico.

CAPITULO LIV

De huma entrada que Diogo lopez almocadem de çafim fez, até chegar as portas da cidade de Marrocos.

NEste anno no mes Doutubro mandou Nuno fernandes dataide a Diogo lopez almocadem que fosse a Xerquia, e desse ordem pera os Mouros della levarem a Azamor o trigo que eraõ obrigados a pagar de suas pareas, o que elle negociou, e sendo a duas legoas de Baluam com as cargas de trigo que fora buscar, estando repousando, chegou a elle o adail Dazamor com sessenta de cavallo, a horas de jantar, do que os mouros sobresaltados, parecendo-lhe que hiam sobrelles derão com as tendas no chão, pondosse em som de peleja, ao que o Almocadem Diogo lopez acudio apacificandoos, mas nem por isso pode acabar com elles que levassem o trigo a Azamor dizendo que nam conheciam outro capitão em nome del Rei dom Emanuel, senam Nuno fernandez dataide, e que com elle contrataram e por amor delle se vieram viver a Xerquia, que se lhe dom Pedro de sousa nam quisesse guardar suas liberdades se tornarião pera terra de Marrocos donde vieram, por os elle tratar muito mal depois que era capitão de Azamor, e porque os sessenta de cavallo Dazamor buscassem quem lhes levassem o pam, porque elles o nam aviam de fazer. Pelo que Diogo lopez com medo que se nam tornassem pera donde eraõ, pera os omeziar com os mesmos seus naturaes, fez tanto que os induzio a irem dalli correr a Marrocos, dos quaes levando quatrocentos, e xxviii, com xxvii Portugueses todos de cavallo, partio a huma quinta

feira dapar de Tazarote, e a sesta pela menhã chegaram aos aduares que estavam assentados pouco mais de huma legua de Marrocos, em que mataram alguns Mouros, e trouxeram cincoenta, e tres almas captivas, e outro despojo com dez mil ovelhas, e trezentos, e trinta camellos, dos quaes mouros de pazes chegaram alguns tanto adiante, ate darem com os coutos das lanças nas portas da cidade, bradando viva el Rei dom Emanuel nosso senhor, ao que saio el Rei de Marrocos em pessoa com a mor parte da gente que então alli estava, de quem se defenderam de maneira que lhe matarão quatro de cavallo, e se recolherão ate onde deixaraõ os seus aduares. Os Mouros se foram pera Xerquia com o gado, camellos, e outro despojo, e o Almocadem Diogo lopez entrou com as cincoenta, e tres almas em Çafim. Da qual victoria a enveja chegou, nam somente aos principaes, que na cidade estavão mas ainda ao capitão, a que tocou a mor parte della.

CAPITULO LV

Da embaixada, e obediencia que el-Rei mandou ao Papa Leam.

NO fim do anno passado, de mil, e quinhentos, e treze, ordenou el-Rei, que fosse a Roma por embaixador Tristam da cunha, pera dar obediencia ao Papa Leam decimo, a quem como per premicias das navegaçoens da India mandou por elle hum presente, em que entrava huma capa, manto, almategas e frontal de brocado de peso, todo borlado, e guarnecido de perlas, e pedraria de muito preço, a cousa mais rica de sua calidade, que de memoria de homens se nunca vira. Alem deste pontifical lhe mandou el-Rei joias de grande valor, e um Elephante, e uma Onça de caça com hum cavallo Persio que lhe mandara el-Rei de Ormuz com hum caçador da mesma provincia que trazia a Onça sobelas ancas do cavallo, posta em huma coberta nervada, e dourada muito bem feita. Com esta embaixada partio Tristam da cunha de Lisboa per mar indo com elle por acessores os Doutores Diogo pacheco, e Ioam de faria, e por Secretario Garcia de Resende, e por Guarda do Elephante Nicolau de faria estribeiro pequeno del Rei. Levava Tristão da Cunha consigo Nuno da Cunha, que depois foi veador da fazenda del Rei dom Ioam terceiro, e governador da India, e Simam da Cunha, e Pero Vaz da Cunha seus filhos, com alguns fidalgos seus parentes, e amigos, que hiam por gentis homens da embaixada até numero de vinte, e outra gente de sua familia, toda mui bem concertada. Fazendo assim sua viagem chegou ao Porto Dalicante em oito dias, dahi

foi ter a Iuiça, e Malhorca, donde com bom tempo chegou ao porto Hercule, que he da senhoria de Sena, no fim do mes de Janeiro de M. D. xiiii. Dalli partio Tristão da Cunha per terra pera Roma, onde chegou aos xiiii de Fevereiro, e porque o Elephante o nam detivesse no caminho, deixou cargo a Nicolao de Faria que o desembarcasse, e de seu vagar se fosse com elle, e com a Onça a Roma, no qual caminho foi sempre acompanhado de tanta gente de pe, e de cavallo que vinha ver o Elephante, que nam podia passar pelas estradas, nem entrar nos lugares senão com muito trabalho. Alguns dias depois de Tristão da Cunha ser em Roma, e toda sua familia, e dos que com elle hião, e assi Nicolao de Faria, com o Elephante, e Onça, ordenou o Papa que fizesse sua entrada no primeiro Domingo da Coresma, xii dias de Março, no qual dia se foi ante manhã a huas casas, e jardim do Cardeal Adriano, que estão junto da cidade, donde as duas horas depois do meo dia começaram todos de caminhar pera ella, levando diante suas familias, e apos ellas os trombetas, e apos os trombetas os charamellas, e tras elles a Onça, e o Elephante junto do qual hia Nicolao de Faria, em hum fermoso ginete da estrebaria del Rei, ajaezado darreos que lhe mandou douro esmaltado, cordoens, nominas, e caparazã, e peitoral tudo lavrado douro mociço, perlas, aljofar, e seda de cores. Atras elles seguiam os gentis homens da Embaixada, apos os quaes hia Garcia de resende, e diante de Tristão da cunha, e dos dous acesores da embaixada o Rei darmas de Portugal com sua cota, dos quaes Diogo pacheco hia a mam direita de Tristam da cunha, e Ioam de Faria a esquerda. Indo assim nesta ordem, os primeiros que chegaram a elles foram as familias dos Cardeaes, com seus Prelados, e apos elles chegou o Em-

baixador del Rei de Polonia, e logo o Dinglaterra, e apos estes o del Rei de França, depois vierão o Duque de Barre, irmam do Duque de Milam, e Alberto do carpe que estava por Embaixador do Emperador, e juntamente veo com elles o embaixador del Rei de Castella, e os do Duque de Milam, e por derradeiro chegaram os de Veneza, Luca, e Bolonha que eram todolos embaixadores que então andavão na corte de Roma, os quaes chegando a Tristão da Cunha, lhe fizeram cada hum delles particularmente muitos offerecimentos, louvando as grandezas, e magnificencias del Rei dom Emanuel, e vigilancia que tinha nas cousas da Fe, e guerra que continuadamente fazia aos infieis, ao que tudo respondia na mesma lingoa latina em que elles fallavam o Doutor Diogo pacheco, mas não ao Embaixador de Castella, porque este fallou em lingoa Castelhana, a quem Tristam da cunha, pela entender mui bem, respondeo na Portugueza, pola saber melhor, como sua natural. Feitas todas estas arengas, e cerimonias, tendo já todos juntos a tiro de besta da porta da cidade, sahio o Governador de Roma com todolos Prelados, e familia do Papa, e alli fez uma arenga em nome da sua Santidade a Tristam da Cunha, dando-lhe da sua parte a bem vinda, com grandes offerecimentos, e mostras da boa vontade que tinha a todalas cousas del Rei, ao que o doutor Diogo pacheco respondeo o que taes, e tam bons offerecimentos requerião. Neste lugar poserão os mestres das cerimonias a embaixada na ordem com que avia dentrar pelo modo seguinte. A mão direita de Tristão da Cunha, o Duque de Barre, e a esquerda o governador de Roma. No segundo lugar poseram Diogo Pacheco com o Bispo de Nicosia, a sua mam direita, e Alberto do carpe a esquerda. No terceiro poseram Ioam de Fa-

ria, e a sua mão direita o Bispo de Napoles, e o Embaixador de França a esquerda, e atras elle hia o Embaixador de Castella com hum prelado, e apos elle ho de Inglaterra, com outro, e assi nesta ordem, e lugar acostumado a cada hum, seguiam os Embaixadores del Rei de Polonia, Veneza, Milam, Luca, e Bolonha, e tras elles numero infinito de Arcebispos, Bispos, e outros Prelados. Diante dos embaixadores hia o Rei darmas Portugal, e logo os Maceiros do Papa, e diante destes Garcia de Resende so, e hum pouco mais avante hiam os filhos de Tristam da Cunha, com os outros fidalgos da Embaixada. Diante destes fidalgos hia Nicolao de Faria com o Elephante, e onça e trombetas, e charamellas. Diante deste hião os trombetas, e charamellas do Papa, aos quaes precedia a sua guarda de Soiços, em ordenança cõ seus piques, e adiante a familia do Papa, e adiante a sua guarda de cavallo, com seus besteiros, e diante destes hia a familia de Tristão da cunha, e a diante a do doutor Diogo Pacheco, e diante desta a do doutor Ioam de Faria, e diante destes os Portugueses cortezãos, que andavam em Roma assi Clerigos, como leigos, e diante destes hião as familias dos Cardeaes, cada huma em seu lugar com muitos Pifaros, atambores, na qual ordem entraraõ na cidade, onde era tanta a gente, que alem da que estava pelas janellas, e sobre telhados, senão podia passar pelas ruas, se não a força de Alcaides e outros officiaes de Iustica. Caminhando nesta ordem chegaram a vista do castello de Santo Angelo, onde o Papa estava com os Cardeaes, pera dalli ver passar a Embaixada, donde sendo avista começou a desparar a artelharia, que he muita, e mui fermosa, e de mestura tanger as charamellas do Castello, o que tudo durou ate desaparecerem, passando pela ponta do Ti-

bre, donde tomaram a volta pela rua dos Banqueiros e dalli passando campo de Frol chegaram a pouxada, donde se despediram todos os que acompanhavam a Embaixada, no que se fallou todo aquelle dia. Neste caminho em o Elephante chegando ao Castello ante o Papa, que estava a huma janella do mais baixo apousento delle, com alguns Cardeaes, fazendo sua reverencia tres vezes, tomou agoa na tromba de huma grande dorna, que para isso alli estava chea, e a lançou tam alta, que passando acima da janella onde o Papa estava, foi dar nas outras em que per tres vezes borrifou muitos Cardeaes, e outras pessoas de calidade que nellas estavam, e voltando-se pera o povo que o tinha cercado fez o mesmo, tanto a sua vontade que sairão dalli os mais bem molhados. Acabadas estas, e outras cousas que o Indio, que o governava, lhe dizia que fizesse, fez sua reverencia, e passou a diante, sem o Papa nunca tirar os olhos delle ate desaparecer.

CAPITULO LVI

De como Tristam da Cunha foi dar a obediencia ao Papa, e dos negocios que com elle tratou, e impetrou, segundo as instruções que pera isso levava, e de sua tornada para o regno.

PASSADAS estas vistas, ordenou o Papa que a segunda feira, xx do mesmo mes de Março lhe viessem os embaixadores fallar no qual se foram ao paço com os charamellas, e trombetas, e o Rei darmas diante com sua cota, acompanhados das familias dos Cardeaes, onde os o Papa recebeo na primeira salla, em hum estrado alto, com os Cardeaes ao redor, em seus assentos, e os embaixadores, e Barões de Roma com alguns Prelados. Ao qual estrado sobiram os nossos embaixadores ha beijarlhe o pe, e tras elles todos os fidalgos da embaixada, e familiares, ho que feito, Tristam da cunha lhe deu a carta del Rei, que o seu Secretario leo em alta voz, a qual lida começou de orar ho doutor Diogo pache-co per tão bom estillo, e com tanta graça, e desenvoltura, que foi louvado de todos os que o ouviram. Acabada a oraçam o Papa respondeo na mesma lingua latina, e per mais espaço do que he costume o fazerem os Papas, tudo em louvor del Rei, e da naçam Portugueza. Acabado este razoamento, o Papa se levantou, levandolhe Tristaão da cunha a faldra ate ha sua camara, donde se despediram delle, e assi se acabou esta segunda vista, e logo a terça feira seguinte forão na mesma ordem com o presente, pera o que o Papa os foi esperar em Belveder, porque o Elephante não podia sobir aho paço, onde perante

todos los Cardeaes, e embaixadores que estavam em Roma, recebeu o presente do Pontifical, e outras joias, o que andou de mam em mam, sem ficar Cardeal, nem embaixador que o nam visse com espanto. O que feito, o Papa se alevantou pera ir ver o Elephante, e onça ao jardim, onde esteve hum bom pedaço, vendo as habilidades, de que o Elephante usava, e o modo que a Onça tinha em caçar, pera o que alli mandou trazer algumas alimarias, que logo matou, o que feito perguntou a Tristão da Cunha se queria logo audiencia, ou que ficasse para outro dia, o que se remeteo para quinta feira seguinte, em que o Papa, os esperou no paço, e recebeu com muita honrra, e gasalhado, ouvindo mui bem tudo o que lhe da parte del Rei dixerão, do que os pontos geraes crão sobela proseguçam do Concilio, reformaçam da Egreja, e guerra contra os Turcos. Os particulares eram sobelas terças, e dizimos e assi sobelas Egrejas, e mosteiros peras comendas, dos quaes pontos, os geraes nam ouverão effeito, porque nem se fez ho Concilio nem se reformarão as cousas da Egreja, nem menos se pos em obra a guerra contra os Turcos. Mas os pontos especiaes das terças, e dizimas concedeo a el Rei, para elle e pera seus successores de todas as Egrejas Cathedraes, Parrochiaes, e Abadias, que rendessem de cincoenta cruzados pera cima, em quanto fizessem guerra aos Reis de Fez, e Marrocos, nam entrando nisso engano, e se fizesse em effecto, e assi concedeo os mosteiros, e egrejas pera comendas. Mas quanto as terças, e dizimas el Rei as não quis levar, posto que soubesse que o Papa Clemente quarto as concedera a el Rei dom Afonso de Castella, o decimo do nome, quando tomou Iaem, e Murça aos mouros, por espaço de vinte annos, e depois lhas confirmar o Papa Innocencio octavo, em

quanto fizesse guerra aos Mouros, nem telas concedidas o Papa Alexandre sexto a el Rei dom Fernando, e a Rainha dona Isabel Reis catholicos de Castella, Leão e Aragão, em quanto fizessem guerra aos Reis de Grada. O que el Rei fez movido de sua Real, e boa condiçam por nam aggravar os Prelados, e outro Ecclesiastico do regno, contentandosse de lhas alargar por cento, e cincoenta, e tres mil cruzados, que se offerecerão a lhe pagar em tres annos. Isto tudo passou no segundo anno do Pontificado deste Papa Leão decimo, e as Bullas foram expedidas a xxix dias Dabril deste anno de M.D.xiiii pera a execução das quaes mandou o Papa a estes regnos por Nuncio, e Legado a latere Antonio pucio Florentim com grandes poderes. Alem destas terças, dizimas, Mosteiros, Egrejas pera comendas, concedeo o Papa Cruzada a el Rei que trouxe este Nuncio, na execução da qual, per mau resguardo, culpa, e demasiada tyrania dos officiaes della, foi o regno mui avexado e sobretudo a gente popular, a quem faziam tomar por força as Bullas fiadas por certo tempo, no cabo do qual se não pagavam lhes vendiam seus moveis, e enxovaes, publicamente em pregão per muito menos do que valião pela qual deshumanidade os mais dos executores desta Cruzada ouverão ma fim, de que não quero dizer os nomes, por os filhos, e netos dalguns destes ainda viverem. E quanto aos mosteiros, impetrados peras commendas que aviam de chegar a vinte mil cruzados de renda cadanno, el Rei os soltou, e o Papa lhe outorgou por isso a apresentação delles, e de todos os outros mosteiros de seus regnos em sua vida, e lhos outorgava por preço de vinte mil cruzados, pera todos seus successores, se el Rei os quizera pagar, e em lugar destes mosteiros lhe concedeo mais Egrejas para assi encher a par

do numero dos vinte mil cruzados, que cabião aos mosteiros. Das quaes egrejas, dalgumas dellas ficavam a cada hum dos Retores sessenta cruzados cada anno de renda, e doutras cincoenta, e doutras quarenta, e doutras trinta, e cinco. Alem destas egrejas annexou el Rei outras que eram do seu padroado, pera comprimento dos vinte mil cruzados, de que ficavão aos rectores sessenta cruzados de renda cadanno. O processo, e taxa destas comendas dos vinte mil cruzados de renda fez o mesmo Antonio pucio e com elle foi nomeado dom João do porto Bispo de Targa, e declarado pera juiz das egrejas que se tomaram em lugar dos mosteiros. E quanto as egrejas do padroado da coroa, que el Rei soltou pera comprimento dos vinte mil cruzados das comendas, o processo dellas fez dom Diogo pinheiro Bispo do Funchal, que pera isso foi diputado pelo Papa, os quaes processos, e Bullas com todallas escripturas que tocão a este negocio mandou el Rei que se lançassem no cartorio do convento de Tomar, onde ao presente devem estar guardadas como cousa tam substancial requiere. Impetradas estas cousas do Papa, e negociadas outras de menos substancia que Tristão da Cunha levava per lembrança, estando ja pera se partir, chegarão novas a Roma como o Turco fazia huma grossa armada degales pera mandar sobre o regno de Sicilia, pelo que o Papa fez as suas prestes, da qual armada, sabendo quão bom cavalleiro era Tristão da Cunha, e em quantos feitos de guerras se achara sobelo mar, lhe cometeo, que quizesse aceitar a capitania, do que se excusou, por pera isso não ter licença del Rei. Despedido assi do Papa, Cardeaes, e embaixadores, e outras pessoas principaes que então estavam em Roma se partio pera o regno, onde chegou estando el Rei em Lisboa.

CAPITULO LVII

Em que se contem huma carta que Alberto do Carpe escreveo ao Emperador Maximiliano, per cujo embaixador estava em Roma, das novas desta embaixada tirada da lingoa latina na Portugueza.

S Acratissimo, e invencivel Cesar, a poucos dias que são vindos ha esta cidade de Roma embaixadores do senerissimo Rei de Portugal a dar obdiencia ao nosso sancto Padre Leam. Sua entrada foi cousa fermosa pera ver, porque eram tres embaixadores, hum da ordem dos Baroens, que tinham o primeiro lugar, e os cutros dous doctores em leis, os quaes traziam huma magnifica, e pomposa companhia. Primeiramente vinham diante seis trombetas, e seis charamellas, e depois hum Indio sobre hum fermoso cavallo, ornado de huma sella da India, o qual trazia de traz de si sobre as cubertas das ancas do cavallo, huma besta semelhavel a hum Leão pardo, mas de menor corpo e mais delicada, de muitas, e desvairadas cores. A este seguia hum Elephante Indio, que trazia encima de si hum cofre com hum rico presente, que o senerissimo, e christianissimo Principe enviava aos sanctissimos Padres, são Pedro, e são Paulo, e em seu nome ao nosso sancto Padre. O cofre era cuberto de hum panno tecido dourado, com as armas Reaes, que não tão somente cubria ho cofre, mas ainda todo o Elephante, encima do qual hia outro Indio vestido de huma roupa dourado, e seda, a palavra do qual o Elephante obedecia, caminhando por seu paço, e logo apos elle seguião algumas azeme-

las mui fermosas, cobertas com reposteiros de raz, e seda de diversas cores, e insignias. A traz estes vinham os criados dos embaixadores mui bem ataviados, e apos estes a ordem dos nobres, que erão em numero cincoenta, todos vestidos de panno douro e seda com colares de ouro, não menos de peso, que demonstra, de que os mais delles davam grande resplendor por caso das muitas perlas, e pedras de que eram semeados, e entre todos os outros um filho do primeiro embaixador, aos quaes seguia o Rei darmas do dito Rei, vestido de huma roupa de panno douro com as armas do regno coroadas, e cercadas em torno de mui fermosas perlas, e robis. Apos estes vinham os embaixadores vestidos magnificamente, e o primeiro delles trazia hum mui rico chapeo de perlas, nam digo somente ornado, mas todo cuberto. Depois dos embaixadores vinha muita gente de conselho de grave, e honrrada presença, e no fim toda a turba dos familiares, o Papa com muitos Cardeaes, se foi ao castello de Sanctangello, por ver passar os embaixadores. Todo o povo universal de Roma correo por ver esta novidade, o que não he maravilha; porque poucas vezes, ou nunca aconteceo mandarem os Principes Christãos legados a Roma com tam magnifico aparato, nem Roma no tempo passado, quando possuia muitas provincias, posto que visse alguns Elephantes de Ethiopia, e de Africa, nam vio nenhum dos das Indias o qual Elephante em chegando diante da janella onde o Papa estava lhe fez reverencia poendo os geolhos no chão, fazendo alem disso, outras cousas que lhe o seu rector mandava. Depois desta primeira vista foi assinado dia, ao qual hos embaixadores forão ao Paço, onde fezerão obdiencia na maneira acostumada, fazendo hum delles huma arenga mui prudente, em latim, e digna de Principe Christão. Depois em outro dia

assinado forão a Belveder, onde o Papa estava acompanhado de todos os Cardeaes, e embaixadores, e alli lhe apresentarão os dões que lhe levavão, não menos sumptuosos, que religiosos, dandolhe primeiro hum carta daquelle mui poderoso Rei que continha em poucas palavras o seguinte. Como elle offerecia as primicias das cousas da India, e Ethiopia, ao nosso muito piadoso Salvador, e a seus Sanctos Apostolos, S. Pedro, e S. Paulo, e ao seu Vigairo na terra, pedindo a sua Sanctidade humildosamente, que aceitasse seus pequenos dões com aquella benigna vontade, com que lhos elle mandava. Os dões erão, as sagradas vestiduras, tanto para os ministros, como para os clerigos, para servirem a toda maneira de sacrificio. sc. tanto ao officio da Missa como ao das vespervas, as quaes chamam tunica, almatargas, casulla, capa, e assi ornamentos do Altar. Todas estas vestiduras eram tecidas douro, e tam cubertas de pedras preciosas, e perlas, que em poucos lugares se podia ver o ouro, e eram as perlas, e pedras postas, e metidas per arteficio admiravel, per alguns nos entrelaçados a maneira de hum Romã o qual arteficio era cousa muito para ver, porque a obra era maravilhosa, sumptuosa, e magnifica, em certos lugares era como pintada de ouro, e seda a face de nosso Salvador, e dos Sanctos dous Apostolos distintamente, ornados de muitas perlas, e pedras preciosas a que nos chamamos scravonetas ou robis, nam contra feitos, nem polidos, mas rudos, e simples, assi como se trazem dos lugares em que se achão, com seu so resplendor natural, tal qual se deve as cousas divinas, que direi mais para comprehender tudo em hum palavra, a materia era preciosa, mas a obra a sobrepujava com espanto. O que pola singular religiam, e devaçam deste Principe me moveo a screver estas cousas, pola

ventura mais largamente, e com mais palavras do que o as occupaões de vossa Magestade poderam sofrer, mas eu o fiz pera que nada passasse por silencio do pertencente a gloria deste mui alto Principe, parente de vossa Magestade, porque a estendido, e engrandecido nçssa religião com grande gloria ate os Garamantas, e Indios, e pelo louvor que merece pela largueza, e liberalidade que usou com a sancta Se Apostolica. O dom foi mui agradavel ao nosso Sancto Padre, e aos Reverendos Cardeaes, e a todas as ordens dos Prelados, e a todo o povo Romão, o dito Rei foi louvado da mui sanctissima bocca do Papa, per palavras mui honrradas em consistorio publico, respondendo aos embaixadores de sua Magestade, especialmente quando acceptou os dões, os quaes segundo a estimaçam dalguns são avaliados desvairadamente, porque huns os põe em quinhentos mil cruzados, outros em quatrocentos mil, e outros em trezentos, pelo menos todavia as perlas nam sam de muita grandura, nem os robis, mas em multidad, e numero mais que infindos. Certo, assi he dê crer, que nunca a nenhum Papa da Egreja Romana forão apresentados tão ricos, nem tão fermosos ornamentos, nem tão preciosos. Eu acompanhei os embaixadores, como he costume da corte Romana, e depois os fui visitar, e lhes offereci toda minha ajuda, em nome de vossa Magestade, ao serviço de seu serenissimo Rei, em todo o que elles ouvessem mister de vossa Magestade, a qual cousa lhe foi muito agradavel e entre outras cousas que dixerão de seu Rei, de nenhuma cousa folgava tanto como de ser conjunto per linha de parentesco a vossa Magestade. O mesmo dia que elles offerecerão o Elephant, e todolos outros dões, veio ao nosso sancto Padre hum messageiro dalguns povos Christãos, que guardão, e conservam a Fe da Egreja catholica, que

morão junto com Hierusalem, e se chamão Maronitas, habitantes nas mōtanhas de Suria, o qual depois de ter apresentadas as cartas ao nosso sancto Padre, lhe deu a obdiencia em nome de todos, pedindo pelos ditos povos confirmação de hum Arcebispado que tinham ellegido, porque pela distancia dos lugares, elles não guardavão a maneira da Egreja Romana, mas pela doutrina, e pregaçam dos Frades da observancia de são Francisco, que moram em suas terras a acceptarão de cincoenta annos pera ca, e se sobmeteram a obediencia do nosso sancto Padre. Deos per sua clemencia de longa, e bemaventurada vida a vossa sagrada Magestade, na boa graça da qual mui humildosamente mêcomendo. De Roma a xvii de Março de M. D. xiiii. Esta carta por dar mor fe ao que tenho scripto desta embaixada, me pareceo cousa conveniente poer aqui para com ella confirmar o grande aparato com que el Rei mandou Tristam da Cunha a Roma, e a riqueza do presente, e admiravel arteficio da obra do Pontifical, o qual senão podera estimar senam daquelles que o virem, e o entenderem, como se pode crer que o fez este Alberto do Carpe, Italiano de linhagem dos Condes do Carpe, o qual foi hum dos doctos homens que ouve naquelle tempo em toda Europa, na lingua latina, e artes liberaes, a quem se podera dar mor fe que a mim, a huma por nelle aver as partes que digo, e a outra, porque sendo estrangeiro senão podera ter por suspeito em nenhuma das cousas que em esta carta screveo, principalmete sendo scripta a hum tal Principe como o era o Emperador Maximiliano.

CAPITULO LVIII

*Da embaixada que a Rainha Helena avo de David, e
Emperador da Ethiopia Rei do Abexi mandou a el
Rei dom Emanuel.*

A Trás fica dito da vinda de Matheus embaixador do Emperador, e Rei do Abexi a India, e de como Afonso Dalbuquerque lhe deu embarcação pera o regno, na nao de que era capitão Bernaldim Freire, que partio no começo de Janeiro de M. D. xiii, per quem mandou el Rei ametade de hum corno de huma alimaria que tem a mesma virtude, ou mais que o do Onicorno, e he de cor quasi como a unha de hum Cervo, e assi lhe mandou huma pedra a que chamam Baizar que tem grande virtude contra a peçonha e humas cubertas de cavallo mui ricas, feitas em Daquem, com sua colla, testeira, e sella, o que tudo ouve do despojo de Benastarim. E tornando Bernaldim freire em cuja conserva vinha Francisco Pereira Pestana por capitão doutra nao, elles invernaram em Moçambique, onde fizeram tal companhia a este embaixador, que el Rei os mandou prender pera lhes dar ho castigo que merecião. E porque Francisco Pereira nam entrou na barra de Lisboa quando Bernaldim Freire, de quem se apartara passadas as ilhas, el Rei polo conhecer por assomado, e de grande opiniam, receandosse que pellos erros que cometera contra o embaixador Matheus, e em Quiloa sendo capitão da fortaleza, fosse tomar porto fora destes regnos, mandou logo armar duas caravellas, de que deu as capitancias a Diogo Dias, e a Antonio Mendez cavalleiros de sua casa pera o irem buscar, e lho tra-

zerem preso, mas antes de partirem elle entrou no porto de Lisboa, e da nao foi levado preso a torre de S. Pedro, onde sahio, assi Bernaldim freire que estava na cova, a rogo, e petição do mesmo embaixador. E por parecer cousa conveniente a esta Chronica dar razam desta embaixada, e a causa donde procedeo vir este embaixador de tão longe a estes regnos, repartirei este negocio de mais longe, e com a mor brevidade que poder, o que foi pelo modo seguinte. El Rei dom Ioam o segundo vivendo teve sempre grandes desejos de descobrir a navegação da India, e assi de ter alguma noticia do preste Ioão das Indias, por ser Christão, parecendolhe que se poderia naquellas partes ajudar de sua amizade, pelo que mandou a isso per algumas vezes e em diversos tempos homens que sabião a lingua Arabia entre os quaes foram, hum Afonso de Paiva natural de Castelbranco, e Ioão Pirez de Covilhã, os quaes despedio de Santarem, no mes de Maio do anno do Senhor de mil, e quatrocentos, e oitenta, e seis, que seguindo seu caminho foram tera o Cairo, dali a Thor fingindo serem mercadores, donde foram ter a çuaquem que he na costa da Ethiopia, do qual porto navegaram pera Adem. Desta cidade Dadem tornou Afonso de Paiva para a Ethiopia, polas novas que acharão aver naquella parte hum grande Rei Christão, parecendolhes que este seria o preste Ioam, mas porque não tinha disso nenhuma certeza, e sabião que a Ethiopia não jaz na India, e que o preste Ioam se chamava das Indias, acordaram entre si, que Ioam Pirez de Covilhã fosse pera aquella parte da India ver se achava novas do que hiam buscar, no que andando foi ter a Calecut, e a Goa, sem achar novas deste preste Ioão, as quais podia mal achar, porque segundo o recita Paulo Veneto no seu Itenerario, foi desbaratado este preste

Ioão, e morto em batalha pelo senhor, ou Emperador do Cathaio, e se apoderou de todas suas terras, que são no sertão da India, e desdentão ate agora não ouve mais preste Ioão naquellas partes, posto que aja ainda muitos Christãos nestorianos. Nam achando Ioam Pirez nenhum recado deste negocio, navegou dalli a çofalla, e de çofalla tornou a Adem, e de Adem ao Cairo, pera se dalli tornar a o regno com Afonso de Paiva, onde assentarão de se ajuntar, pera levarem novas a el Rei do que cada hum fezera, onde achou Ioam Pirez de Covilhã dous Iudeus Portugueses que lhe derão cartas del Rei, dos quaes soube como Afonso de Paiva morrera alli. E porque el Rei lhes mandava nestas cartas que senão viessem sem irem a Ormuz, e saberem certeza deste preste Ioão das Indias, Ioão Pirez se tornou a Adem, e Dadem navegou a Ormuz, e Dormuz tornou a Meca, e dahi foi ao monte Sinai, ver a casa da bemaventurada sancta Catherina, donde tornou ao Thor do qual lugar veo ter a Zeila, e dalli per terra chegou a corte do Emperador da Ethiopia Rei do Abexi, que se chamava Alexandre, ao qual deu as cartas que lhe levavam del Rei, scriptas em lingua Arabia, de que levou muito contentamento, e mandou tratar mui bem Ioam Pirez, hõ qual tendo ja despachado, veo a falecer, e por nam ter filhos succedeo no Imperio hum seu irman per nome Nau, de quem nunca Ioam Pirez pode aver licença pera se tornar, ate que morreo, per cujo falecimento veo a regnar hum seu filho per nome David, que lhe tambem não quis dar licença pera se vir pera Portugal, o que o dito Ioam Pirez vendo, desesperado de nunca poder sair daquella terra se casou, e ouve de sua molher muitos filhos, e filhas. Neste meo tempo descubrio el Rei dom Emanuel de toda a navegaçam da India com a armada, em que

foi por capitam Vasco da Gama, e outras que depois mandou, da qual navegaçam, e das victorias que os Portugueses tinham avidas na India, e lugares que nella tomaram sespalhou a fama per todas aquellas provincias, ate chegar a corte do Emperador David, por quem, por ser ainda moço governava a Rainha Helena sua avo, a qual desejosa da amizade del Rei dom Emanuel lhe mandou por embaixador este Matheus, Christão Armenio homem muito prudente, e de que ella se servia em negocios de calidade, e confiança, e pera dar mais credito a embaixada, mandou com elle hum mancebo abexi, de casta, e linhagem mui nobre os quaes vieram ter a India com assaz trabalho, e perigo de suas pessoas, ate chegarem onde Afonso dalbuquerque estava, que os recebeo, e mandou ao regno do modo, que fica dito.

CAPITULO LIX

Do recebimento que el Rei fez ao embaixador Matheus, em que se contem o treslado da carta que lhe a Rainha Helena escreveo.

EL Rei dom Emanuel gostava muito Dalmeirim, onde tinha os mais dos invernos, per caso da muita caça, que naquelle lugar a, donde vindo pera Lisboa, com a Rainha donna Maria sua mulher, lhe deram novas Nalverqua aos xix dias de Fevereiro, deste anno de M. D. xiiii, como avia novas de serem chegadas duas naos da India as Ilhas, de que erão capitães Bernaldim freire, e Francisco pereira pestana, nas quaes vinha hum embaixador do Preste Ioam, como se vulgarmente entre nos nomea, e logo a huma sesta feira xxv do mesmo mes estando el Rei nos paços de Sanctos o velho entrou Bernaldim freire no porto de Lisboa, o qual em chegando mandou el Rei prender, pelas informaçoes que ja tinha da ma companhia que fizera ao embaixador, e de quam mal o tratara, e com estes que hiam prender Bernaldim freire mandou outros pera acompanharem o embaixador, e o fidalgo que com elle vinha ate a pousada, que lhe mandou dar em casa de Gonçalo lopez almoxarife dos escravos, e a segunda feira logo seguinte mandou el Rei o Bispo da Guarda dom Pero vaz, e dom Martinho de Castello branco, que fizera Conde de Villa nova aos doze dias deste mes de Fevereiro pera com outros muitos fidalgos e suas valias acompanharem os embaixadores, em cuja companhia se foram a Sanctos onde el Rei reccebo em pe fora do estrado, fazendolhes muita

honrra, e gasalhado, e logo alli deu Matheus a el Rei a carta que trazia de crença, escripta em lingoa Arabia, e Persiana. O que feito se tornaram: perá pousada, e ao outro dia vieram visitar a Rainha, Principe, e Infantes acompanhados de dom Ioam sotil Bispo de Çafim, e dahi a tres dias el Rei lhes deu audiencia, em que Matheus, como homem sabio, e prudente dixe mui apontadamente, e mui seguro a el Rei as cousas que trazia a cargo pera com elle tratar, dandolhe huma carta da Rainha Helena, e cinco medallhas douro que pesaram cada huma oito cruzados, cunhadas, com letras que dezião serem da lingoa Abexi, apos o que lhe apresentou huma Cruz feita em redondo, com huma argola de prata, que era do lenho da Cruz em que nosso Senhor Iesu Christo padeceo por nos salvar, metida em huma caixeta douro com sua fechadura, e chave que el Rei recebeu em geolhos, dando muitas graças a Deos com as lagrimas nos olhos, pela merce que recebia em lhe mandar hum tal, e tam precioso dom, e com elle cartas, e embaixadores de hum tão poderoso Rei Christam como o do Abexi, e tam remoto, e apartado dos da Europa. Depois que Matheus apresentou esta Cruz a el Rei lhe deu outra carta escripta nas mesmas linguas Arabia, e Persiana metida em hum canudo douro, de que o treslado he o seguinte.

Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Sancto, tres Pessoas hum so Deos, a salvaçam, e graça de nosso Senhor Redemptor Christo Iesu Filho de nossa Senhora Maria virgem, o que foi nascido na casa de Bethlem. A graça, e a bençam seja sobre o amado irmam christianissimo Rei Emanuel, cavalleiro dos mares, sobgigador, e vencedor dos Cafres, incredulos, e dos mouros, prospere vos o Senhor Iesu Christo, e vos de victoria sobre vossos imigos, e alar-

gue, e estenda vossos regnos pelos rogos, e devaçoens dos messageiros do Redemptor Iesu Christo, os quatro Evangelistas, São Ioam, Lucas, Marcos, e Matheus, suas sanctidades, e oraçoens vos guardem. Fazemos vos saber amado irmão, que a nos chegaram de vossa grande, e alta casa dous messageiros, hum se chamava Ioam, e outro Ioane Clerigo, e nos dixeram muitas cousas, desejando mantimentos, e gente, e pera isto se fazer como deve, enviamos a vos nosso embaixador Matheus, irmam do meo serviço, com licença do Patriarca Marcos, que nos da a bençam, e manda os Clerigos a Hierusalem, Padre nosso, e de todo meu senhorio, elle he o esteio da Fe de Iesu Christo, e da sancta Trindade, e elle enviou messageiros a hum vosso porto da India per nosso mandado, pera fallarem com os vossos, e lhe offerecerem, e darem mantimentos, e gente, e lhes foi dito que o Senhor do Cairo fazia armada de gales, e naos pera mandar contra as vossas armadas, pera o que nos vos daremos muita gente que este no estreito de Meca, Bel, Almandeb, ou para os enviardes a India, ou ao Thor, e fazer desterrar estes Mouros, de sobre a face da terra, e nos iremos por terra, e vos por mar, que nos somos poderosos pela terra, pera que as offertas que se apresentam ao sepulchro sancto, nam as dem mais a comer aos cães. Este he o tempo segundo dizem, em que dixe Iesu Christo a Sancta Maria sua madre, que no derradeiro tempo se alevantaria hum Rei da parte dos frangues, e que este daria fim aos Mouros, e este he o mesmo tempo em que Christo o prometeo a sua Madre. Tudo o que vos Matheus nosso embaixador, da nossa parte dixer, vos o recebei como de nossa propria pessoa, e o crede, porque elle he o principal que para isso temos, porque se outro que mais soubera ou mais

entendera que elle tiveramos, nos volo enviaremos. Tambem vos quiseramos enviar nossa embaixada pelos vossos que ca nos enviastes, mas arreceamos de vos nam apresentarem nossas cousas como queremos. Por este nosso embaixador Matheus vos enviamos hum Cruz do lenho, em que foi crucificado nosso Senhor Iesu Christo em Hierusalem, do que me foi trazido da mesma cidade de Hierusalem, de que fiz duas Cruzes, das quaes a hum nos fica, e a outra vos enviamos com a nossa embaixada, o dito lenho he preto, e leva hum argolla pequena de prata, bem vos poderamos mandar muito ouro, mas porem arreceamos que os mouros per onde avia de passar ho tomarem, e se vos ouverdes por bem, do que nos teremos muito contentamento quererdes casar vossas filhas com nossos filhos, e enviardelas ca, e tomardes nossas filhas pera vossos filhos, volas enviaremos la, com seus dotes de muita somma douro, e prata. A salvacão, e graça de nosso Redemptor Iesu Christo, e da nossa sancta Senhora Maria Virgem se estenda sobre vossos estados, e sobre vossos filhos, e filhas, e sobre toda vossa casa Amen. Assim vos fazemos saber, que se ordenassemos nossas gentes, e hostes que poderiamos fazer muito mal aos Mouros imigos da nossa sancta Fe, mas nossos regnos, e senhorios são todos no sertão, nem temos madeira pera fazer navios senam muito longe dalguns portos pequenos que temos no mar, pelo que somos pouco poderosos nelle, no qual vos podeis muito. Iesu Christo vos queira sempre ajudar, que certo as cousas que tendes feitas na India sam milagrosas, e se quizerdes armar mil naos, nos as proveremos de mantimentos, e daremos em abastança aos que nellas virem todas as cousas que lhe forem necessarias.

CAPITULO LX

Em que se trata da Fequetem os Christãos da terra do Abexi, a que os antigos chamão Ethiopia sobelo Egipto.

DEPOIS de o embaixador do Emperador da Ethiopia, Rei do Abexi ter dadas suas cartas embaixada, e presentes que trazia, el Rei lhe assinou hum dia para perante elle, e dos Prelados do regno que então andavam na Corte, e Doctores, em Theologia responder a algumas perguntas acerca das cousas da Fe, e religiam que os Christãos do Abexi tem, e usam no qual consistorio respondeo particularmente ao que lhe foi perguntado, perante o gentil homem Abexi que com elle vinha, o que Antonio Carneiro Secretario del Rei escrevia, os quaes artigos mandou o mesmo Antonio carneiro no anno de M. D. xv. a Rui fernandez dalmada, residente na cidade Danvers no Ducado de Brabante, que depois ahi foi feitor del Rei dom Ioam terceiro. O qual estando eu na mesma cidade de Anvers servindo el Rei em sua companhia me mostrou estes artigos que eu no anno do Senhor de M. D. xxxi, pus em lingua Latina, com o treslado da carta da Rainha Helena, que atras fica escripta, e depois disto o mesmo Rei me mandou chamar no anno de Mil, e quinhentos, e trinta, e tres pera se de mim servir, neste regno, onde achei outro embaixador do mesmo Emperador David Abexi de naçam, sacerdote, e Bispo sagrado, per nome Zagazabo, homem mui docto na lingua Caldea, e Arabia, e mui experto nas cousas da sagrada Scriptura, ao qual depois de feita entre nos amizade, e bom conhecimento, amostrei a carta da Rainha Helena que trouxera Matheus, e os artigos a que respondera perante el Rei dom Emanuel, e elle me dixe que alguns

diferiam da verdade, mas que nem por isso se devia dar culpa a Matheus por ser homem secular e pouco experto nas cousas da Theologia, e nas cerimoniaes da religiam Christã dos Abexis, por ser estrangeiro Armenio de nação, mas que visto o desejo que eu tinha de saber a verdade destas cousas me prometia de compor hum tratado de tudo o que a este negocio convinha, e mo dar para o poer na lingoa Latina, e por eu ser ido destes regnos quando acabou esta obra, elle me mandou o livro a Padua, onde por respeito dos estudos residi seis annos, do qual livro, que eu tresladei na lingoa latina, porei aqui com a mor brevidade que poder, aquillo que for necessario pera na verdade se saber o que toca a fe e costumes da religião desta gente Christã, e isto pelas mesmas palavras, que o este Bispo embaixador escreveo no tratado que me mandou. Cremos no nome da sancta Trindade, Padre, Filho, Spiritu Sancto, que he hum so senhor, tres nomes huma divindade, tres faces huma semelhança igual conjunçam de tres pessoas, iguaes em divindade hum regno, hum trono, hum juiz, huma charidade, huma palavra, e hum espiritu, a palavra do Padre, e do Filho, palavra do Spiritu sancto, e o Filho he a mesma palavra, e a palavra era acerca de Deos, e acerca do Spiritu Sancto, e acerca de si mesmo, sem nenhum defeito ou divisam, Filho do Padre, e Filho do mesmo Padre, sem começo. sc. Primeiramente sem mãe, Filho do Padre. O segredo, e mysterio de sua nascença ninguem a sabe senão o Padre e o Filho, e o Spiritu Sancto, o qual Filho no começo era a palavra, e a palavra, era palavra acerca de Deos, e de Deos era a palavra, e espiritu do Padre, Spiritu Sancto o espirito do Filho Spiritu Sancto, o Spiritu Sancto espirito de si mesmo, sem nenhuma deminuição, ou augmentação, o qual

Spiritu sancto consolador, e nosso intercessor, Deos vivo, que procede, do Padre, e do Filho, falou pela boca dos Prophetas, e descendeo em flamma de fogo sobelos Apostolos na porta de Siom, os quaes pregaram per todo o mundo a palavra do Padre, a qual palavra era o mesmo Filho. O Padre não he primeiro por ser Padre, nem he Filho derradeiro por ser filho, e assi o Spiritu Sancto nam he primeiro, nem derradeiro, tres pessoas, hum so Deos, que ve tudo sem ser visto de ninguem, que com seu so conselho criou todalas cousas, depois do que o Filho de sua propria vontade pera nossa salvaçam, com o querer do Padre, e consentimento do Spiritu Sancto, descendeo de sua altissima morada dos Ceos, e encarnou per obra do Spiritu Sancto no ventre de Maria virgem, a qual Maria era ornada de duas virgindades, huma espiritual, e outra carnal, e nasceo sem nenhuma corrupção, ficando ella virgem depois do parto, e com grande milagre, e segredo, inflammada do fogo da devindade, pario seu Filho Iesu Christo, sem sangue, e sem dores, o qual foi homem innocente, e sem peccado, perfeito Deos, e perfeito homem, sem ter mais que hum aspecto. Criouse pouco a pouco, mamando como menino o leite de Maria virgem sua mãe, e aos trinta annos de sua idade foi baptizado no rio Iordam, e assi como os outros homens andou, cansou, suou, ouve fome, e sede, o que tudo soffreo de sua propria vontade. Fez muitos milagres, e per sua divindade deu vista aos cegos, sarou òs demonihados, manquos, e leprosos, resucitou os mortos, o qual per derradeiro de sua propria vontade foi preso, açoutado, esbofeteado, crucificado, e morreo por nossos peccados, e com sua morte venceo a morte, e o diabo, e com sua sancta paixam remio nossos peccados, e tirou de nós todas nossas infirmitades, e com

o baptismo do seu sangue, o qual baptismo foi a sua morte, baptizou os Patriarcas, e Prophetas, e descendeo aos infernos, onde estava a alma Dadam, e de seus filhos. E no splendor, e poder de sua divindade, e com a força da Cruz quebrou as portas, de fogo, e de arame, e dos infernos, e prendeo Satanas com cadeas de ferro, e remio Adam, e seus filhos. Isto tudo fez Iesu Christo, porque era cheo de divindade, e a mesma divindade estava na sua alma, e no seu sanctissimo corpo, e esta divindade deu virtude a Cruz, a qual divindade elle teve sempre, e tem com o Padre em Trindade, e unidade, nem o mesmo Senhor Iesu Christo, em quanto andou na terra careceo hum so momento de sua dignidade, e divindade, em fim foi sepultado este mesmo Iesu Christo, Principe da Resurreiçam, Iesu Christo dulcissimo, Iesu Christo Principe dos Sacerdotes, Iesu Christo Rei de Israel, e resurgio com grande força, e poder, e depois que foram compridas todas as cousas que os Sanctos Prophetas dixeram sobio ao Ceo com gloria, onde esta posto a dextra do Padre, donde a de vir com gloria (trazendo a sua Cruz diante da sua face, e na mam a sua espada da justiça) a julgar os vivos, e os mortos. Creio na sancta Egreja Catholica, e Apostolica, creio em hum Baptismo que he a remissam dos peccados, spero resurreiçam dos mortos, e a vida eterna no tempo que a de vir. Creio a senhora sancta Maria virgem, virgem no spirito, e na carne, a qual como Madre de Deos, e charidade de todas as gentes, Sancta dos Sanctos, Virgem das Virgens, acato, e venero de todo meu coração. Creio o sancto lenho da Cruz, ser o leito da Paixão de nosso Senhor Iesu Christo filho de Deos, o qual Christo he nossa salvaçam por quem somos salvos, escandalo aos Iudeos, e doudice aos gentios. Nos sem nenhum medo pre-

games, e cremos a fortaleza da Cruz de nosso Senhor Iesu Christo, do mesmo modo que o Doctor sam Paulo nolo ensinou. Assi creio que sam Pedro he pedra da lei, a qual lei he edificada sobelos Prophetas, fundamento, e cabeça da Egreja Catholica, Oriental, e Occidental, onde se conhece o nome de nosso Senhor Iesu Christo de cuja Egreja sam Pedro Apostolo tem o poder, e as chaves do regno do Ceo, com que pode abrir, e fechar, ligar, e absolver o qual se assentará com os outros Apostolos seus companheiros sobre doze cadeiras, com honrra, e louvor, apar de nosso senhor Iesu Christo, que no dia do Iuizo nos ade julgar, o qual dia sera de prazer aos sanctos, e de tristeza, e temor aos peccadores, quando os lançarem nas flammaz ardentes do inferno, com seu pai o Diabo. Creio os sanctos Prophetas, Apostolos Martyres, e Confessores serem verdadeiros imitadores de Iesu Christo, os quaes honrra, e venero com os sanctissimos Anjos de Deos, e o mesmo faço aquelles que os seguem. Alem disto creio que a confissam de todos meus peccados devo fazer de boca ao sacerdote, per cujos rogos, per Iesu Christo nosso senhor, espero alcançar salvação de minha alma. Assi mesmo conheço o Pontifice Romam por primeiro Bispo, e pastor das ovelhas de Iesu Christo, e todos os Patriarchas, Cardeaes, Arcebispos Bispos dos quaes elle he cabeça a quem como a menistros do Senhor Iesu Christo humildosamente obedeço. Esta he minha fe, e lei, e do pouco Christão da Ethiopia, subgeito ao precioso Ioam, a qual com tanto amor de Iesu Christo he confirmada antre nos, que nem por medo de morte, nem de fogo, nem de cutello, ajudado da graça de nosso salvador Iesu Christo, ei de arrenunciar, nem negar, e esta fe avemos fe levar todos no dia de juizo diante da face de nosso Senhor Iesu Christo.

CAPITULO LXI

Dos costumes que os Abexis guardam acerca da religiam, e opiniões que tem, e institutos porque se regem, abbreviados do mesmo livro que me deu este Bispo Zagazabo.

TEMOS oito livros a que chamamos Manda, e a Bethilis, os quaes compuseram os Apostolos nos Concilios que fizeram per vezes em Hierusalem, em que nos mandam, que nosso jejum seja ate o poer do Sol, e que jejuemos todalas quartas feiras em lembrança do conselho que os judeus tiveram naquelle dia pera matarem nosso Salvador Iesu Christo, e que jejuemos as sextas feiras por em tal dia o crucificarem. Os quarenta dias da coresma, mandaram que jejuassem a pão, e agoa, e que sete horas do dia, e da noite orassemos, e rezassemos, sem entendermos em outros negocios que nos das cousas divinas, e que no dia da quarta feira, e sexta se diga Missa a horas de vespera, porque entam spirou nosso Senhor Iesu Christo no sancto lenho da Cruz. Que nos Domingos nos ajuntemos a hora de terça do dia na Egreja, pera ler, e ouvir os livros dos Prophetas, o que feito mandam que se pregue a doctrina do sancto Evangelho, e apos isso se diga a Missa. Ordenarão que em lembrança, e memoria de nosso Senhor Iesu Christo guardassemos nove dias, sc. da Anunciaçam, Natal, Circumcisam, Purificação, Baptismo, Trasfiguração, Domingo de Ramos, ate a oitava de sexta feira das indulgencias, Ascensão, e Penthecoste com suas octavas, e por assi o mandarem os Apostolos nestes livros dos Concilios, ou Synodos,

comemos carne todos os dias desde dia de Pascoa, ate dia de Penthecoste, e em todo este tempo ate a octava do Penthecoste mandam que nam jejuemos, por mor honrra, e veneraçam da Resurreiçam de nosso Senhor Iesu Christo. Mandaram mais que o dia da morte de sancta Maria Virgem, e da sua Ascensão celebremos com muita festa. Alem disto hum Emperador do Abexi, per nome Semente de Iacob, ordenou em louvor, e honra da mesma Senhora Sancta Maria xxxiii, dias de guarda, pelo discurso de todo o anno, e em lembrança da nascença de nosso Senhor Iesu Christo, ordenou que aos xxv dias de todos os meses do anno se fizesse festa, e se guardasse aquelle dia. E assi ordenou que de cada mes se guardasse hum dia em louvor do Anjo sam Miguel, e segundo o ordenaram os Apostolos nestes oito livros dos Concilios guardamos o dia do martyrio de sancto Estevam, e de outros martyres. E polas mesmas constituições scriptas nos mesmos livros, guardamos sabbado, e o Domingo, o sabbado porque nelle repousou Deos depois de ter criado o mundo, e o Domingo por nelle resurgir nosso Salvador Iesu Christo. No dia do sabbado comemos carne, excepto nos da coresma, nos quaes dous dias cremos que repousam no Purgatorio sem serem atormentadas as almas dos fieis Christãos, o qual repouso lhes outorgou Deos nestes dous dias ate acabarem o tempo de sua penitencia, e sairem daquelle lugar, e cremos que as esmolas feitas ca no mundo aproveitam a estas almas, tanto pera lhe deminuir os tormentos, como para lhencurtar o tempo, que ali aviam destar, pera remissam das quaes, o Patriarca não concede nenhuma indulgencias, porque cremos que a limitaçam, assi das penas, como do tempo dellas pertence so a Deos. Somos obrigados a guardar seis preceptos do

sancto Evangelho que nosso Senhor Iesu Christo encomendou per sua boca, de darmos de comer aos famintos, de beber aos que hão sede, agasalhar os peregrinos vestir o nus, visitar os enfermos, consolar os presos. Não contamos mais que cinco peccados mortaes, o que tomamos do derradeiro capitulo do Apocalipsi, onde diz, os cães ficaram de fora e os feiticeiros, e os dissolutos sem vergonha, e os homicidas, e os que adoram idolos, e todolos que amam mentira, e a usam. Mandam os Apostolos nestes livros dos Concilios que se casem os clerigos, o que se assi faz entre nos, mas isto he depois que tem alguma noticia das cousas divinas, o que feito, e celebrado o Matrimonio os recebem na ordem dos Sacerdotes, ao qual estado senão recebem senão depois de idade xxx annos para cima. A nenhum bastardo, nem natural se podem dar ordens, as quaes só ho Patriarcha da. Os Bispos, e Sacerdotes, se lhes morre a primeira mulher não podem mais casar, com tudo dispensa nisso o Patriarcha se sam pessoas de muita calidade, e que he necessario fazersse assi pelo bem commum. Nenhum Sacerdote pode ter manceba, senam de todo deixar o officio sacerdotal, ficando de todo inhabil pera nunca poder sacrificar, nem tratar as cousas divinas. Se entre nos alguns dos Bispos, ou sacerdotes tiver filho bastardo, o privão logo, sem nenhuma remissão de quantos beneficios tem, e da dignidade Episcopal, e sacerdotal, os bens dos quaes Bispos, e sacerdotes se morrem sem filhos legitimos, vem ao precioso Ioam, e nam ao Patriarcha. Os frades não casam, e quanto aos clerigos, assi elles como leigos nam podem ter mais que humaso mulher, os que casam nam se recebem a porta da Egreja, senão em casa dos seus pais ou parentes. Nestes mesmos livros dos Concilios mandam os Apostolos, que qualquer sacerdote que for tomado em

adulterio, homicidio, furto, ou em dizer falso testemunho, que lhe tirem as ordens, e dignidade sacerdotal, e o castiguem como aos outros malfeitores leigos. Qualquer pessoa, seja clérigo, ou leigo que conhecer molher, ou por sonhos se corrompe, nam pode entrar na Igreja se não depois de passadas xxiii horas, e o mesmo nam podem fazer as molheres que andam com seu costume, senam sete dias depois que se lhe for, e ham primeiro de lavar os vestidos que traziam andando com sua purgação. As molheres que parem macho nam vam a Igreja senam quarenta dias depois do parto, e as que parem femea depois dos oitenta. Tambem he defendido antre nos, que nem Gentios, nem cães, nem outra nenhuma alimaria entre nas Igrejas, nas quaes nos não podemos entrar, senão descalços, como o fez Mouses quando lhe Deos dixe, que o lugar onde estava era sancto. O tempo que estamos nas Igrejas nos he defeso, que nam riamos, nem passeemos, nem cusparamos, nem escarremos, nem falemos em cousas profanas e assi he defeso aos que tomão o venerabile Sacramento, de nam cuspir todo aquelle dia, e se cospem os castigam com graves penas. No dia da Epiphania nos Baptizamos com grandes festas, e solenidades o fazemos, nam porque creamos ser necessario para nossa salvação, senão em memoria do baptismo de N. Senhor Iesu Christo, usamos a circuncisão desdo tempo da Rainha Sabà. Esta Rainha se chamava Maqueda, a qual como soubesse da grande prudencia de Salamam, determinou de o ir visitar, e desputar com elle, por ella ser mui sabia, e experta nas cousas de sua religiam, onde aprendeo de Salamam os Mandamentos institutos, e cerimonias da lei, e ouvio delle os livros dos Prophetas, do qual depois de despedida pario no caminho hum filho que concebera delle, a quem pos nome Meilech, que

depois de ser de idade de xx annos mandou a el Rei Salamão, pera o douctrinar, pedindolhe que o ungissem por Rei da Ethiopia, diante da arca do Testamento, e fizesse lei que dali por diante os filhos succedessem no regno de Ethiopia, e nam as filhas, como entam acostumavam, ao qual Meilech Salamam mudou o nome, e lhe deu o de seu pai David. Este David depois de bem ensinado nas cousas da lei tornou Salamam a mandar a Rainha Sabà sua mãe, acompanhada de muita gente nobre, e officiaes de sua casa, que lhe pera isso ordenou, entre os quaes era Azarias primeiro sacerdote do templo, filho de Sedohoc o qual pediu a David que lhe ouvesse licença de seu pai para sacrificar diante da arca do Testamento antes que se partissem, para rogar a Deos pelo bom successo da sua viagem, o que lhe Salamam concedeo. Azarias como teve esta certeza mandou fazer secretamente humas taboas do mesmo molde, das que estavam na arca do Testamento, as quaes no dia que sacrificou, meteo na arca, e tomou as verdadeiras, que Deus dera a Mou-ses no monte Sinai, e as levou comsigo, sem o ninguem saber, se nam depois de ser em Ethiopia, onde o revelou a David, o qual se foi logo a tenda de Azarias, onde estavam as taboas, com grande alegria, fazendo grandes festas per todo o caminho, balhando, e saltando diante da arca onde hiam as taboas, como o fezera el Rei David seu avo o que continuaram ate chegarem onde estava a Rainha Maqueda sua mãe, que recebeo as taboas com muita devação, e as mandou poer em lugar a isso conveniente, e logo dahi a pouco pos o governo de todos seus regnos, e senhores em seu filho David, do qual tempo pera ca, como temos por annaes, succederam sempre no regno filhos machos, o que a ja bem dous mil, e seiscentos annos que continua, e assi ficaram os officios da casa

dos Reis nas linhagens daquelles que nos mesmos carregos servirão este Rei David, sem se nunca mudarem, nem se poderem mudar, por o assi termos por lei, e desdentam pera ca guardamos a lei de Deos, e usamos a circuncissam, o que se tambem fez nas mulheres, nam por o mandar a lei de Deos, senam polo esta Rainha Maqueda ordenar, e ficou assi em uso até agora, e depois da circuncisam se baptizarem os machos aos quarenta dias, e as femeas aos oitenta, e o dia que se baptizão lhes communicão o venerabele Sacramento em huma migalha de pam. E alem disto entre nos outros senão usa a Crisma nem a Extrema unçam, nem os temos por sacramentos, como o faz a Egreja Romam e segundo o manda a lei de Mouses, e os institutos que temos dos Apostolos nam podemos comer nenhuma cousa daquellas que a lei defende, e poem por mas, e cujas o que fazemos pera cumprir em tudo a lei velha, e nova, dos quaes dous Testamentos temos oitenta, e hum livro. sc. do velho xlvj, e do novo trinta, e cinco, os quaes livros guardamos sem delles mudarmos nada, nem somos obrigados a guardar nenhuma constituição que façam os Patriarcas, nem os Bispos sobpena de peccado mortal, nem elles podem instituir leis porque nos obriguem a tam grave jugo, como he o do peccado mortal. Quanto ao sacramento do baptismo, nos o recebemos quasi primeiro que todos Christãos, porque foi desdo tempo que o Eunuco da Rainha Candacis, per nome Indich, nolo pregou, ensinado pelo Apostolo S. Phelippe, como se conthem nos Actos dos Apostolos. E quanto ao que toca aos mininos, a que a Egreja Romam chama pagãos, por nam receberem a agoa do baptismo, nos lhe chamamos meos Christãos, e temos que se salvam, por serem nascidos de paes Christãos, no baptismo dos

quaes, e do Spiritu Sancto, e do sangue de nosso Senhor Iesu Christo se salvam. E assi constituiram os sanctos Apostolos que nos confessemos aos sacerdotes, e a penitencia que nos devem dar segundo a calidade de cada um dos peccados, e temos por costumes, que como peccamos, assi homens como molheres, nos imos confessar, tomando logo o corpo do Senhor em ambalas specias do pão e do vinho consagrado, o que fazem assi clerigos como leigos. O sacramento da Eucharistia nem se guarda nas Egrejas como se faz ca em Europa, nem se da este venerabele Sacramento a ninguem em sua casa, nem ao Patriarca, nem ao precioso Ioam, nem aos doentes, e se o querem se fazem levar as Egrejas pera o assi receberem. Viamos sempre hum confessor, nem podemos tomar outro, senão em ausencia do que nos confessa. Os sacerdotes nam podem ouvir de confissão aquelles a que se confessam, os quaes sacerdotes, e os frades de qualquer ordem que seja vivem todos de seus trabalhos porque as Egrejas nam tem os dizimos como cá, com tudo tem terras que os clerigos, e frades aproveitam de que se mantem sem pedirem esmollas, o que se nam via, nem permite antrelles, e o tem por afronta, nem recebem outras esmolas, senam as que offerecem nas Egrejas, nas exequias dos mortos, e outras que cada hum da pro sua devaçam. Nas nossas Egrejas não se diz mais em cada huma dellas que huma so Missa cada dia, sem se por ella dar premio ao sacerdote nas quaes Missas senam mostra a Hostia, nem ho vinho consagrados como o usa a Egreja Romam, e assi tomam a corpo do Senhor todos sacerdotes, diaconus, e subdiaconus, e os leigos que se acham na Egreja. Nam temos por costume dizer nenhuma Missa pola remissão das almas. Enterramos os mortos com Cruzes, e oraçoens em lu-

gar certo, entre as quaes oraçoens, disemos o começo do Evangelho de sam Ioam, e ao dia seguinte do enterramento damos esmolas por elles, e alguns outros dias depois nos quaes dias todos comemos, e bebemos juntamente os parentes, e amigos do morto, e rezamos por sua alma, e fazemos sermoens em louvor delle, e das cousas que em sua vida fez bem feitas. Tudo o que atras dixe toca as cousas da Fe, agora direi do nosso Patriarca, o qual não pode ter esta dignidade senão for ellegido pelos frades Abexis, que estão em Hierusalem na casa do sancto Sepulchro, o que he pelo modo seguinte. Tanto que morre o Patriarca lhes manda logo o Emperador precioso Ioam hum messageiro a Hierusalem, os quaes como lhe dam este recado, ellegem logo hum Patriarcha o qual ha de ser natural de Alexandria, e frade da ordem de sancto Antonio Ermitam. Feita a elleição mandãona ao Patriarca de Alexandria ao Cairo, onde sempre reside, per este messageiro, e se ha eleição lhe parece boa, a confirma, e manda logo o ellecto Patriarcha, pera a Ethiopia com o mesmo messageiro, onde o recebem com totalas cerimoniaes requeridas a hum tal dignidade. Neste negocio se passam as vezes dous annos; e mais, no qual meo tempo despensa o precioso Ioam das rendas do Patriarcha como lhe bem parece. O officio principal do Patriarcha he dar ordens; as quaes ninguem pode dar nem tirar senam elle, os Bispados, e beneficios da o precioso Ioam, e nam o Patriarcha, do qual depois morto fica o precioso Ioam por herdeiro insolidum. Este nosso Patriarcha procede com excommunhoens contra os contumaces, o que se guarda tam inteiramente, e executa com tanto rigor, que alguns destes per sentença manda matar a fome. Não concede, nem da indulgencias, nem per outro nenhum crime se entredizem

os Sacramentos da Egreja senão per homecidio. Este nome de Patriarcha, se diz na nossa lingoagem Abuna, e o que agora tem a cathedra do patriarcado se chama do nome do Baptismo Marcos, homem de mais de cem annos. O anno se começa antre nos no primeiro dia de Septembro no qual celebramos a festa do bemaventurado sam Ioam Baptista, e os outros dias de festa, como Natal, Pascoa, Penthecoste, e todos os outros celebramos nos mesmos dias que o faz a Egreja Romam, a Fé de nosso Salvador Iesu Christo (como temos per certas scripturas) nos pregou o Apostolo são Phelippe. O nosso Emperador nam se chama Preste Ioam, como erradamente lhe ca na Europa chamão, senão Ioão precioso, porque nos lhe chamamos na nossa lingoagem Ioam belul, que quer dizer Ioam precioso, e na lingoa Caldea lhe chamam Ioam encone, que quer dizer Ioão precioso, ou alto, nem lhe hão de chamar Emperador do Abexi, senam da Ethiopia. A successam deste seu imperio, regnos, e senhorios, nam vem ao filho mais velho, se não ao que o Emperador nomea, e este David que agora regna, he filho terceiro no qual o pai nomeou o Imperio, porque estando pera morrer mandou aos filhos, per ordem que se assentassem todos no seu throno real o que os outros fezerão, excepto David dizendo que a Deos não aprouvesse que vivendo seu pai se ouvesse elle dassetar na sua cadeira real, o que vendo o pai, e a humildade que usara nomeou nelle o Imperio em que a muitos regnos, e senhorios, tanto de Christãos como de Mouros, e Gentios, nos quaes todos, se não usa moeda da terra, se nam estrangeira, e por senão forjar moeda se da o ouro, e prata a peso. Nestas provincias não ha tamanhas cidades, nem povoaçoens como ca na Europa, a causa he andar o precioso Ioam sempre no campo, e se agasa-

lhar com todo seu exercito em tendas, o que faz para se a nobreza exercitar nas cousas da guerra, porque continuamente a tem com os Reis, e senhores seus visinhos, que todos sam infieis. Entre nos se nam usa o direito scripto, nem as demandas se fazem per scripto, senão verbalmente, o que he causa de aver poucas, e menos procuradores. Alem disto he bem que se saiba que Matheus não veo a estes regnos per mandado do precioso Ioam se não de sua avo, per nome Helena, molher que fora do Emperador que se chamava mã de Maria, avo deste David, a qual governava por ser David de menor idade. Esta Rainha era mui docta na sagrada Scriptura, em que compous livros, a hum chamam Enzerachebá, que quer dizer, louvai a Deos com órgãos, em que disputa da Trindade, e da virgindade de nossa Senhora mã de Iesu Christo, o outro livro se chama Chedale, Chay, que quer dizer raio do Sol em que trata da lei de Deos. Tudo isto que aqui screvi de nossa Fe, Religião, e costumes, eu Zagazabo, que quer dizer graça do Padre, Bispo sacerdote, e Bugana, Raz, sc. cavalleiro, vicerei da provincia de bugana, fiz por mo vos meu muito amado filho em Christo Damião de goes pedirdes pera assi dar a entender aos que reprehendem nossos institutos, que os temos dos livros dos Concilios dos Apostolos, e do livro do regimento que Christo nosso Salvador deu aos mesmos Apostolos, e assi pera renovar, e confirmar as amizades deste poderoso Principe com o Pontifice Romão e com o serenissimo Rei dom Ioam de Portugal terceiro do nome, que ao presente vive, e nam pera deminuir nem acrecentar nas instituições humanas, nem dos Pontifices Romãos senão pera se saber a conveniencia que a na observaçam das cousas da Fe, entre os Christãos da Europa, e nosoutros, e pera me informar dos er-

ros de Arrio Principe dos Herejes, e saber se os Christãos da Europa, e os nossos convinham contra seus erros, pera de todo serem destroidos, e anichilados, sobelos quaes erros em Nicea tendo o Pontificado Romão Iulio, se ajuntarão trezentos, e dezoito Bispos. E pera se saber se se guarda pelos Christãos da Europa o que os Apostolos mandão guardar nos seus livros dos Concilios, que he que todos os annos façamos duas vezes Concilio sobelas cousas da Fe, e ordenações Ecclesiasticas, de que o primeiro ordenarão que fosse per Penthecoste, e o segundo aos xviii dias do mes Doctubro, e assi me mandou ca Sua Magestade do precioso Ioam, pera saber como convem antre nos todos acerca dos erros de Macedonio hereje, per cuja causa sendo Papa Damaso, se ajuntarão em Constantinopla cento, e cincoenta Bispos, e assi sobelos errores de Nestorio, sendo Papa Celestino contra a qual heresia se ajuntarão em Epheso duzentos Bispos, e em fim pera saber do quarto, e grande Concilio Chalcedoniense, em que por causa da heresia de Euthiches se ajuntaram seiscentos, e trinta, e dous Bispos sendo Papa sam Leão do qual Concilio depois de muitas disputas, sem dellas aver nenhum bom effecto se forão todos, cada hum com a opinião com que a elle vierão, dos quaes Concilios e doutros que se depois celebraram tem o potentissimo Emperador da Ethiopia David meu senhor em scripto, e per extenso o que se nelles fez. Sobelas quais cousas me mandou ca e assi pera dar obediencia ao Pontifice Romão, o qual desdo começo da primitiva egreja tivemos sempre por primeiro Bispo, e oje em dia lhe obedecemos como a Vigario de Christo nosso Salvador, a cuja corte viriamos muitas vezes se o caminho alem de ser longo nos não fosse empedido pelos Mouros imigos da nossa sancta Fe; senhores

das provincias per onde somos constrangidos a passar, nem podemos per nenhuma outra parte vir as terras, e senhorios dos Christãos da Europa, senão pelas destes infieis.

CAPITULO LXII

Do sitio das terras, e senhorios que possui o precioso Ioam, Emperador da Ethiopia sobelo Egipto, e dalguns costumes da gente da terra, e ordem da sua casa.

As terras, e senhorios do Emperador da Ethiopia Rei do Abexi vem dar nas portas do mar Darabia, da qual banda tera de costa ate çuaquem, cento, e vinte legoas pouco mais, ou menos, metendosse aqui alguns lugares montanhosos, habitados de mouros que lhe não obedecem. Da banda do Occidente entra pelo sertão, ate entestar com terra de gente negra como a de Guine, Gentios que o reconhecem por senhor, e lhe pagam tributo em ouro, de que naquella provincia a muitas minas, assi nas serras, como na terra chã, que devem ser as mesmas de que vem o ouro a çofalla, ou per razam nam deve estar muito longe dellas. Da banda do Norte tem o Egipto, e do Sul os montes da Luma, dos quaes saem rios de que se fazem grandes alagoas, donde nasce o Nilo que corre toda esta terra, e a do Egipto ate sair no mar mediterraneo, junto da cidade Dalexandria, fronteira da ilha de Chipre. Faz este rio Nilo huma grande ilha, per nome Meroe, a que agora chamão Elsaba, ou Nobá, donde dizem os da terra que era senhora a Rainha Sabá, ou Maqueda, e que dalli

partio pera Hierusalem a ver-se com el Rei Salamam, que da mesma ilha foi tambem senhora a Rainha Candaces que mandou o Eunuco, per nome Indic a Hierusalem com offertas ao templo, que foi baptizado pelo Apostolo sam Phelipe, no qual nome de Rainha alguns scriptores poem duvida, dizendo como podia regnar esta Rainha na Ethiopia, sendo feita lei per Salamão, que na erança daquelles regnos succedesse senão macho, como se continuou ategora, segundo o afirma o Bispo Zagazabo no livro que me mandou a Padua, e sobristo fazem estes scriptores grandes duvidas, movendo algumas questões, que todas se lhe podem resolver per este modo, que esta Rainha Candaces molher de boa vida, e docta na lei de Moises, que os daquellas provincias guardavam, desdo tempo de David filho del Rei Salamam, a qual posto que tivesse nome de Rainha nam o era por sucessam, senam per conjunçam de matrimonio, e tinha nome de Rainha por ser molher do Rei daquella parte da Ethiopia, e assi o dizem os Abexis, e deste modo fica entendido este negocio sem se sobrisso fazerem longas, e duvidosas disputas. Os regnos, e senhorios deste Emperador precioso Ioão conthem em circuito (como mo dixe este Bispo Zagazabo) mais de sete centas legoas, a nelles grandes cerrancias, de que algumas são tão serradas que senão pode entrar nellas pera chegarem as povoações que tem senão por lugares tão estreitos que se fechão com hum a só porta, encima das quaes serrancias a muitos campos, e rios de que se regão, que os faz ser muito fertiles como o he a mor parte de todos estes senhorios de pão, e criações, e algodões, e o seria muito mais se a mor parte da gente nam fosse vagabunda, e ociosa, e assi de muitas minas douro, prata, cobre, estanho, ferro e chumbo, do que a muita cantidade, e o mesmo criações de ca-

vallos e mullas, não tem vinho, em lugar do qual usam uma beverage feita de mel, e agoa, que he como a que usam os Moschoitas, Roxos, Livonios, e Lituanos, a que chamam Mede, muito suave de beber e delle tam forte como malvasia de Candia, e do mesmo sabor, he muito são no corpo, em tanto que naquellas partes quasi não sabem que coisa he fisico, nem boticario, e eu me achei em alguns lugares destas provincias, nos annos de M. D. xxix. e xxxi, de que os moradores delles ate entam nam tinham noticia daçucar, nem sabiam que cousa era. Este Emperador David que neste tempo vivia, se intitulava do modo seguinte. David amado de Deos, columna da Fe, do sangue da Stirpe de Iudà, filho de David, filho de Salamão, filho da columa Syon, filho da semente de Iacob, filho de mam de Maria, filho de Nau per carne, Emperador da grande, e alta Ethiopia, de todos seus grandes regnos e provincias, Rei de Xoa, de Cafate, de Fatigar, de Angote de Baru, de Baaliganzi, de Adea, de Vangue, de Gojane, onde nasce o Nilo, de Marà, Vague madri, de Ambea, de Vagne, de Tigrimahon, de Sabaym, donde foi a Rainha Sabá, de Barnagaz, senhor ate Nobia, onde he a fim do Egipto. Todos estes senhorios conthem o espaço que dixe, que sera tamanho como toda Hispanha, e França ate o rio Rim, segundo a devida Iulio cesar nos seus Commentarios, e por este regno ser tamanho, e de gente Christã, e Mahometana, Barbara, e Gentia, nunca este Emperador está sem ter guerras com os mesmos vassallos, que se lhe rebellam muitas vezes, e quando a nam tem com estes he com seus vizinhos, de que tamhem tem alguns assaz poderosos, que lhe resistem, e fazem guerra, pelo qual respeito anda sempre no campo, e se agasalha em tendas que depois darmadas, assi as suas, como as outras tomam mais de tres

legoas de comprido, e traves, porque tem por costume assentar seu arraial em redondo, se o sitio do lugar o padece, no meo do qual fica a praça principal, e as tendas do Emperador, e officiaes de sua casa a legoa della, e as vezes mais, e as dos outros senhores, e mais praças per lugares ja certos: de maneira que onde quer que o arraial esta se sabe a parte em que cada huns destes senhores pousa, e onde estam as praças isto tão certo, que por rustico, que hum homem seja não podera errar estes aposentos. Neste arraial a treze freguesias, nas quaes cada hum dos fregueses he obrigado ouvir os officios divinos, e pregaçoens no seu templo, que he de tendas como o demais do arraial, em que continuamente a mais de duzentos mil homens de peleja, e serviços, e per este respeito (de o Emperador andar sempre no campo) não ha villas, nem povoaçoes que passem de dous mil vizinhos, mal cercadas, e muitas sem outros muros que tranqueiras, e as mais sem ellas, de que quasi todos os moradores sam lavradores, e mercadores, que não seguem a guerra, sacerdotes, e religiosos que administrão os sacramentos da Igreja nos lugares dos que sam Christãos, com tudo tem magnificas, e sumptuosas Igrejas, e mosteiros feitos de pedra, e cal, e cantaria mui bem lavrada. O estado deste Emperador precioso Ioão era tamanho que pareceria cousa fabulosa contallo, porque em seu modo, e cerimonias queria mostrar ser mais divino que humano, ate tanto, que muitos senhores, e Reis seus subjeitos lhe não podião ver o rosto senam per mysterio, porque a huns quando lhe hião fallar mostrava hum pe, e a outros huma mão, sem lhe mais poderem ver, e a resposta que lhes dava (estando elles na mesma camara, onde elle estava, em hum leito cuberto, e fechado com cortinas) era per terceira pessoa mas depois que

perdeo algumas batalhas, que contra elle ganharam seus imigos, e os Portuguezes lhe terem socorrido, como se na Chronica del Rei dom João terceiro dira tomou mais humanidade deixandosse ja gora ver, e communicar do modo que lhe dixerão que o fazem os Reis da Europa, no que me não alargarei mais, nem nos costumes das gentes daquellas provincias, remetendome ao que Franciscalvares capellam del Rei (que por seu mandado foi com o embaixador Duarte galvam ao precioso Ioam) escreveu em hum livro que compos das cousas que vio, e passou em spaço de seis annos que naquellas partes esteve, da qual embaixada se dira em seu lugar.

CAPITULO LXIII

De como Afonso Dalbuquerque despachou antes de partir de Cochim George Dalbuquerque pera Malaca, e da morte de Ninachetu.

ATRAS fica dito como per parecer de todos capitães, e outras pessoas nobres que se acharam em Cochim, depois da tornada de Afonso Dalbuquerque da viagem que fez ao mar Darabia, se fora invernar a Goa, deixando em Cochim seu sobrinho dom Garcia de noronha pera prover no despacho das naos que aviam de tornar pera o regno, que foram seis, e andandosse fazendo prestes despachou pera Malaca George Dalbuquerque pera la ficar por capitam, e servir Rui de brito patalim que então servia o mesmo cargo o qual partio de Cochim no mes de Janeiro deste anno de M. D. xiiii, com alguns navios que hiam em sua companhia, que seguindo viagem foi

ter ao porto de Pacem, onde achou o Rei que era nosso amigo em armas contra hum seu vassallo que se lhe levantara, na qual guerra o ajudou George Dalbuquerque, levando em huma batalha que ouverão, a dianteira com so a gente Portuguesa, em que o rebel foi desbaratado, e mortos muitos dos seus. O que feito se partio pera Malaca, onde chegou no mes de Julho, e foi bem recebido de todos, e assi de Rui de Brito, que sem a isso poer duvida lhe entregou a fortaleza, e se partio perà India. Depois de George Dalbuquerque ser em Malaca, dahi a alguns dias recebeo cartas Dafonso Dalbuquerque em reposta das que lhe mandara per Rui de Brito, em que lhe screvia acerca do officio de Bendara pera Abbadella, Rei de Campar, por quanto Afonso Dalbuqnerque lhe encomendara este negocio quando o despachou de Cochim, nas quaes cartas lhe screvia que lhe desse o dito officio, e suspendesse delle Ninachetu Gentio que o servia, a qual reposta auida despachou logo George Dalbuquerque, George Botelho, por ser amigo del Rei de Campar, e saber a terra, e lingoa pera o trazer em huma galeota que lhe pera isso deu, e com elle mandou Alvaro Vaz, e outro capitão cada hum em sua lanchara, em que hiam obra de sessenta Portugueses, e outra gente Malaia, mas antes de chegarem a Campar, soube George Botelho como el Rei de Lingua genrro del Rei de Bitam, tinha cercado o Rei de Campar, cujos capitães imigos eram por elle ser nosso amigo, e porque a gente do cerco era muita, e a nossa pouca despachou George Botelho huma lanchara a George Dalbuquerque, a pedirlhe gente, e navios pera ir socorrer a este nosso amigo, ao qual logo mandou Francisco de Mello, e debaixo de sua capitania de Tristã de Miranda, Antonio de Miranda Dazevedo, e Aires Pereira de Berredo cada hum em seu navio,

com outros em que irião cem homens Portuguezes, afora os da terra que seriam setecentos, os quaes acharão George Botelho com sua companhia na foz do rio de Campar, que todos juntos entraram ate chegarem a hum estreito que corre de longo da cidade, no começo da povoação do qual tinha el Rei de Lingua feita hum tranqueira muito forte de que dava assaz que fazer a el Rei de Campar. Os nossos em começando dentrar pelo estreito acharão tam estreito, e tão alcantilado dambalas bandas que se não estreverão passar adiante, com receo que de riba as pedradas, zargunchadas, e outros arremessos os matassem e ferissem a mam tente, sem de nenhuma maneira se poderem valer, pelo que logo se tornaram a boca do rio, com tenção de tolherem que nam viessem mantimentos a el Rei de Lingua, pera que constrangido da fome, ou descercasse a cidade, ou saíssem a pelear, o que nem recebeu fazer, porque sahio a elles com obra de oitenta lancharas e mais de seis mil homens, vindo o mesmo Rei de Lingua diante em hum lanchara tamanha como a grande galé apadesada, e artilhada, em que trazia duzentos homens nobres seus familiares. Na qual ordem sem serem vistos dos nossos per caso do Alcantil, e ribanceiras que o estreito tem de hum, e da outra banda, chegaram a George Botelho que estava na boca delle com sua armada, que em vendo a lanchara del Rei a começou de servir de bombardadas, de maneira que hum tiro lhe matou muitos remeiros, o que foi causa de todos os outros que ficavam daquella banda per onde a bombarda varejara, se lançarem a agoa, ou se deixarem cair pera dentro do bordo da lanchara, a qual ficando desmareada se atravessou no estreito ficando encalhada de hum, e da outra banda, que foi causa de nenhuma das que vinham atras poder passar adiante, o que vendo Geor-

ge Botelho foi logo aferrar a lanchara, em que achou assaz de resistencia, por caso da boa e nobre gente que nella hia, mas em fim elle a despejou, lançandosse, assi el Rei, como os outros, huns no lamarão para se salvarem em terra, e outros nas lancharas, que com a corrente da agoa estavam todas em pilha embaraçadas humas com as outras, sem poderem passar adiante per caso da del Rei que lho impedia, e a jusan-te da mare lhe tolher que não podessem tornar pera cima. Francisco de Mello, que com a sua frota estava abaixo do estreito, quasi na boca do rio, ouvindo o som das bombardas sem saber o que era, acudio ao lugar onde estava George Botelho, e achandoo ja na lanchara del Rei de Lingua que tinha destrocada, entrou per ella, e de humia em outra, elle, e o mesmo George Botelho as fizeram despejar todas, e foi tamanho o medo del Rei de Lingua, e dos seus, que logo alevantarão o cerco, acolhendo-se todos o mais depressa que poderam. O que feito el Rei de Campar se veo ver com Francisco de Mello, e George Botelho, a quem logo dixerão que a causa da sua vinda era pera o levarem a Malaca, onde o governador Afonso Dalbuquerque tinha ordenado que servisse de Bendara, o qual recado recebeo com muita alegria, por aver ja dias que esperava por elle, pelo assi ter assentado com George Dalbuquerque no tempo que o foi visitar a Malaca, pelo que se fez logo prestes com sua casa, molher, e filhos, dando-lhe Francisco de Mello pera sua embarcação a lanchara del Rei de Lingua, que elle teve por grande honrra, e das outras tomou Francisco de Mello as que se poderam marear, e as mais mandou poer o fogo. E deixando el Rei de Campar provido nas cousas que cumpriam a guarda de suas terras, se partirão, e sendo ja todos na foz do rio, pera seguirem viagem, veo ter com

elles, Ioam Lopez Dalvim, com poderes de George Dalbuquerque, pera irem todos debaixo de sua capitania sobre Bintam, ao que nam quiseram obedecer, desprezando-se de irem a hum tam honrrado feito, debaixo de sua bandeira pelo que depois de serem em Malaca, George Dalbuquerque procedeo contra os capitães, e pessoas nobres por nam obedecerem a seus mandados, do que dahi a poucos dias os absolueo, e a Ioam Lopez Dalvim, e George Botelho, com outros capitaens mandou sobre Bintam, mas elles se tornaram de la sem fazerem nada, pela ma disposiçam que acharam no negocio a que hiam. Ninachetu sabendo que el Rei de Campar era chamado pera servir de Bendara, vendo que sem causa lhe tirava Afonso Dalbuquerque o officio que lhe dera pelos serviços que tinha feitos a el Rei dom Emanuel, antes, e depois daquella cidade ser sua, de nojo, e tristeza tomou de si mesmo vingança, porque na mesma hora que lhe derão as novas, se queimou pubricamente em uma fogueira de Sandalos e lenho aloes, o que fez com grande pompa, e aparato ao modo Gentio, recitando aos que eram presentes o discurso de sua vida, e serviços que fizera a el Rei dom Emanuel, e a causa porque se matava. Este foi o galardam que hum tam bom velho, e tam leal homem houve em pago da grande amizade que teve com os Portuguezes, desde o dia que toram a Malaca, ate que elle movido de huma tamanha ingravidam per si mesmo deu fim aos seus.

CAPITULO LXIV

Do sitio do regno de Cambaia, e costumes dos da terra, e de huma embaixada que Afonso Dalbuquerque mandou ao Rei que entam regnava.

O Regno de Cambaia, a que tambem chamam do Guzarate, he tamanho que se afirma aver nelle mais de setenta, e cinco mil povoaçoens, entre cidades, villas, e bons lugares afora as aldeas pequenas que sam infinitas, he muito rico, e abastado, a nelle muitas ribeiras, a mor parte das quaes se metem no rio Indo, que neste regno entra no mar, na enseada, a que os scriptores antigos chamam Canticolpus. Ahi tanta abstança de pão, criaçoens, e caças daves, e de monte que abastam seis legoas de terra, pera manterem hum exercito de cem mil homens seis meses, que parece cousa incrivel, nem o ponho aqui senão por se ter por cousa muito certa, assi entre os da terra, como entre os Portugueses que la andaram. Criansse tambem muitos cavallos pequenos como quartaos de Dinamarca, e os grandes, que usam na guerra lhes vem em grande quantidade da Arabia, e da Persia. Os lugares da costa deste regno sam habitados de mouros, e o sertão pela maior parte Gentios, entre os quaes a huma gerançam a que chamam resbutos, que sam homens de guerra, e governavam a terra do tempo que eram todos gentios, mas depois que se os Reis fizeram mouros, estes Resbutos se recolherão as montanhas ficando sempre em sua crença, e dalli fazem muitas vezes guerra ao Rei de Cambaia. Ahi outro genero de Gentios a que chamão Banjaens que vivem misticamente assi en-

trestes Resbutos, como entrê os Mouros, os quaes nam comem cousa que tenha sangue e per sua lei não podem matar, nem ver matar cousa nenhuma, e isto em tanto que as candeas com que se alumiam metem em alenternas por as moscas, mosquitos e borboletas senam virem queimar no lume dellas. Sam tam charidosos nesta parte, que compram per dinheiro os homens que os Mouros, e Resbutos condemnão por sentença a morte, mas fora deste precepto nenhuma outra charidade usam, porque sam todos onzeneiros, e falsarios de todo genero de pedraria, e mercadorias. A tambem neste regno Bramanas, que he outra sorte de Gentios religiosos, de que ja tenho tratado. Tem assi estes Gentios como os Mouros casas feitas ao nosso modo mui grandes, com seus pateos, varandas, e camaras tudo lavrado de macenaria, e pintado douro, e azul, e outras cores, com muitos jardins, e tanques dagoa, de que a alguns tamanhos que podera andar nelles huma grande barca bem carregada. Ahi neste regno muitos mercadores, e mui ricos, assi Gentios, como mouros, huma das mores mercadorias da terra he de pannos dalgodão. A costa do mar em algumas partes deste regno espraia duas, e tres legoas, e com a enchente vem tão de subito que hum homem a todo correr se nam pode salvar do macareo, e hum cavallo corre perigo, se o cavallo nam for ligeiro, pelo que se pode crer que esta he huma das provincias em que Alexandre Magno andou, e donde tambem foi senhor el Rei Dario que elle desbaratou, do que Arriano, que em lingua Grega escreveo a vida de Alexandre faz mençam, e assi do curso, e recurso destas mares, e diz que os cavallos desta terra se mantem de peixe seco, o que oje em dia assi se faz, o Rei deste regno he Mouro, e tem mui grossas rendas, e se serve com grande estado, tem senhores seus vassallos,

e de cento, e duzentos, ate oitocentos mil cruzados de renda. Entre os homens de guerra que traz a soldo, a muitos Abexis, Coraçoens, Turquemanes, Arabios, Persios, e Mamelucos, que o vem servir pelas muitas merces que lhe faz, alem do soldo, e ordenados que delle tem. Usam na guerra Elephantes, que lhe vem da ilha de Zeiland, e por esta terra ser de muito trato, e em seus portos se recolherem muitas naos de mercadores dessejou muito Afonso Dalbuquerque fazer hum fortaleza na cidade de Dio, que está situada em hum ilheta de bom porto apegada com terra firme, per cujo respeito he de grande trato, no que sabendo que lhe era contrairo Miliquiaz capitam desta cidade, como ja fica dito, depois de ser na India se carteceu com hum grande privado del Rei de Cambaia per nome Meliquegupi, fazendo grandes vantagens a todas as suas naos que vinhão a Goa, mandandolhe alguns presentes, com tençam de per sua via aver licença del Rei para fazer alli hum fortaleza, sobelo que tendo ja reposta do mesmo Meliquegupi, dandolhe esperança de se poder affectuar o que desejava, determinou de mandar hum embaixador a el Rei de Cambaia, pera o que escolheu Diogo Fernandez de Beja, e com elle por acessor Iaimes Teixeira, e por secretario da embaixada Francisco Paez, e por lingoa Duarte Vaz e vinte Portugueses homens nobres, a que mandou dar tudo o que lhes era necessario pera suas pessoas, e despesa do caminho. Com a qual companhia partio Diogo Fernandez de Goa no mes de Fevereiro deste anno de Mil, e quinhentos, e quatorze, e o primeiro porto que tomou de Cambaia, foi o da cidade de çurrate que era de Meliquegupi, onde chegou aos quinze dias do mes de Março, e foi bem festejado Destrocem governador da cidade por ja ter recado del Rei de Cambaia pera receber o embaixador, e

lhe fazer todas as honrras que podesse pelo que vieram muitos homens nobres da cidade, e alguns criados do mesmo Rei que se alli acharam receber Diogo Fernandez a praia. Depois de serem na cidade, o Governador lhes mandou a todos suas cabaiaes em nome del Rei, que he a maior honrra que se entrelhes faz aos embaixadores, e pessoas de qualidade estrangeiros. Diogo Fernandez depois de ser em çurrate soube que Meliquegupi andava fora da graça del Rei, pelo que como o remate de seu negocio estava neste homem que entam andava agravado determinou de se tornar perà India, o que sabendo o Regedor de çurrate, e hum irmão do mesmo Meliquegupi que alli estava esperando por elle, lho estranharam muito, e nam tam somente lho nam consentirem, mas antes lhe derão logo xxxiii cavallos pera o caminho, e doze carretas para levarem fato, e criados pera lhe curarem os cavallos, e trinta piães da terra frecheiros, e hum capitam del Rei com gente de cavallo pera os acompanhar. Partido Diogo Fernandez de çurrate, foi ter aos quatro dias de Abril a Champanel, que he hum das principaes cidades do regno de Cambaia, e das mais fortes, onde se vio com Meliquegupi, de quem recebeo muita honrra, e gasalhado, avisandoo logo que Miliquiaz capitão de Dio com suas manhas, e peitas lhe avia destrovar o negocio da fortaleza que vinha pedir. Ali esteve Diogo Fernandez tres dias acabo dos quaes partio perà cidade de Madava, que he maior que a de Champanel, e de milhores edificios, dandolhe Meliquegupi tudo o que lhe foi necessario pera o caminho, e gente de cavallo com hum capitam seu criado, encomendando a Diogo Fernandez que ate chegara. Mādava nam pousasse senam onde lhe aquelle seu capitam dicesse, porque poderia correr risco de sua pessoa e dos que com elle

hião, nam o fasendo assi. Chegados a Madava, Codamaçam guazil mor del Rei o mandou receber antes de entrar na cidade com muita gente de cavallo, trombetas, e atabales, e dizer que viesse pousar com elle ate que el Rei tornasse da caça, onde avia dous, ou tres dias que andava, e o deixara assi ordenado, o que Diogo Fernandez com parecer do capitão criado de Meliquegupi assi fez. Chegados a casa de Codamação elle os veo receber a hum pateo, e mandou agasalhar em hum apousento das suas casas, que eram muito grandes e magnificas, onde forão mui bem tratados, e logo ao outro dia pela manhã, por quanto el Rei viera aquella noite da caça, se foi o guazil Codamaçam ao paço, e de la mandou recado a Diogo Fernandez que estava el Rei esperando por elle, onde se logo foram acompanhados de muitos senhores, e gente de cavallo. El Rei estava lançado em hum catele vestido de pannos brancos dalgodão muito finos, ao qual chegaram depois de terem passados muitos pateos, e casas todas terreas, e assi o era a em que el Rei estava acompanhado dalguns dos principaes senhores de seu regno. Diogo Fernandez em chegando lhe fez cortezia ao nosso modo, e o mesmo fezeram todolos outros Portugueses, do que mostrou levar gosto. Depois de lhe Diogo Fernandez dar ha carta de Afonso Dalbuquerque, mandou a Meliquequadrage, filho do Regedor de çurrate que desse ao embaixador a cabaia e assi a todolos outros per sua ordem, o que feito os despedio, dizendo a Diogo Fernandez pelo seu lingoa a que o a que vinha dicesse a Codamaçam seu guazil, e que logo o despacharia. Depois de serem na pousada lhes mandou el Rei per Meliquequadrage hum bacio grande cheo de Mafrada-xaos, que he moeda de prata da terra, dizendolhe que aquillo lhe mandava el Rei pera lavagem das camisas,

alem do que em quanto alli estiveram lhes mandou dar cada dia para sua despesa trinta pardaos douro. Ao outro dia se vio Diogo Fernandez com Codamaçam, a quem relatou os negocios a que vinha, de que o principal era, pedir licença a el Rei pera o governador Afonso Dalbuquerque mandar fazer huma fortaleza em Dio, em que os Portugueses estivessem seguros da gente da terra, e podessem tratar sem entrelles aver differenças, do qual negocio lhe deu a resposta Codamaçam dalli a dous dias, dizendo-lhe que el Rei seu senhor por guardar a amizade del Rei dom Emanuel era contente lhe deixar fazer fortaleza em çurrate, o que Diogo Fernandez não quiz acceptar, e dahi a tres dias lhe tornou com recado del Rei que daria a fortaleza em çurrate ou Bonbain, ou em Naim, ou em Doubez, mas que em Dio a não podia dar, per justos respeitos, o que tudo estorvava Miliquiaz com suas manhas, e grossos presentes que mandava a todolos do conselho del Rei. Finalmente vendo Diogo Fernandez que sua estada era de balde se despedio del Rei de quem recebeo merces, e assi todolos outros Portugueses, e per elle mandou presentes a Afonso Dalbuquerque em retorno dos que lhe mandara pelo mesmo Diogo Fernandez, e outros pera da sua parte mandar a el Rei dom Emanuel, em que entrava huma alimaria a que os daquella terra chamam Ganda, de que fallarei particularmente na quarta parte desta Chronica. A qual Ganda lhe trouxeram estando ja em çurrate, onde os feitores de Meliquegupi lhe derão de sua parte alguns presentes para Afonso Dalbuquerque, que lhe tambem mandara outros per Diogo Fernandez, e lhe aviaram sua embarcação, e matalotagem pera o mar. O que feito se partio perà India, a treze dias do mes de Septembro deste mesmo anno de M. D. xiiii onde achou Afonso Dalbuquerque

em Goa occupado em fazer huma armada pera outra vez ir ao mar de Arabia como dava a entender, mas sua tençam era ir a Ormuz como se ao diante dira.

CAPITULO LXV

De como Afonso Dalbuquerque mandou Pero Dalbuquerque ao cabo de Guardafum, darmada, e da embaixada que mandou ao çabaim dalcam, e doutra que recebeo del Rei de Narsinga, e da que lhe mandou per Antonio de Sousa, e Ioam Teixeira.

De pois de Afonso Dalbuquerque ter despachado de Goa Diogo Fernandez de Beja pera Cambaia, determinou de mandar Pero Dalbuquerque seu sobrinho ao cabo de Guardafum a andar darmada, e dahi a Ormuz pedir a el Rei as pareas que devia de dous annos, e pera negociar outras cousas que lhe deu per lembrança, o que fez pera dissimular com el Rei, e o assegurar de sua ida a Ormuz, pera o que se ja fazia prestes, dando a entender que era pera outra vez ir ao mar Darabia, e sobre Adem. Despachado Pero Dalbuquerque partio de Goa em Fevereiro deste anno de M. D. xiiii, com tres naos a fora a sua de que eram capitães Hieronymo de Sousa, Rui Galvam, e Antonio Raposo foi ter a çacotora, onde fez augoada, e dahi navegou ao cabo de Guardafum, na qual paragem andou as presas todo o veram em que tomou dez naos de Mouros carregadas de muitas mercadorias, que hião pera o mar Darabia, e por lhe o tempo servir se foi a Ormuz, onde em chegando, que foi no fim de Maio, o mandou el Rei Torunxa

visitar que entam regnava, por ja ser morto seu ir-
mam el Rei ceifadim e logo ao outro dia mandou Pe-
ro Dalbuquerque, Tristam de Gà, a visitar el Rei e
darlhe as cartas que pera elle trazia de Afonso Dal-
buquerque, a sustancia das quaes era pedir fortaleza,
e as pareas que devia, e retificar as pazes assentadas
antrelles, e el Rei ceifadim seu irmam. A resoluçam
do que foi nam dar lugar pera se fazer a fortaleza, e
das pareas pagar dez mil xerafins com excusas de por
então não poder dar mais, e que quanto as pazes era
contente de as retificar, e guardar do mesmo modo
que dantes foram assentadas, o que vendo Pero Dal-
buquerque determinou de cumprir outro artigo de
sua commissam, que era ir descobrir a ilha de Baha-
rem, o que sabendo el Rei de Ormuz lhe aconselhou
que o nam fizesse por a navegaçam ser perigosa pera
naos de quilha, e grandes como as suas, por causa
dos muitos baixos que no caminho ha, mas vendo
que o não podia mudar de sua opinião lhe deu dous
pilotos, rogandolhe que favorecessem hum seu capi-
tam que o la andava servindo. Acabado de tomar
conclusão nestes, e em outros negocios, Pero Dalbu-
querque partio Dormuz a sete dias de julho do mes-
mo anno, e sendo ja junto a ilha de Baharem a duas
jornadas, com temporal arribou a Raxel onde achou
Mirbuzaca capitão do xequé Ismael, que tinha toma-
das vinte terradas do capitam del Rei Dormuz as
quaes lhe Pero Dalbuquerque mandou pedir, por se-
rem del Rei Dormuz, vassallo e tributario del Rei
dom Emanuel amigo do xequé Ismael, ao que Mirbu-
zaca nam pos duvida, e as mandou logo entregar ao
capitão del Rei Dormuz. O que feito Pero Dalbuquer-
que se tornou pera Ormuz, onde chegou aos seis dias
do mes Dagosto, e foi mui bem recebido, assi del Rei
como dos da cidade, por causa das vinte terradas que

fezera entregar. Depois destar alli alguns dias tomando vitualhas, e refresco pera o caminho e ter recebidos os dez mil xerafins, e lhe el Rei mandar presentes pera elle, pera os outros capitães, e assi pera Afonso Dalbuquerque se partio perà India, e chegou a Goa aos xxviii. de Septembro onde achou Afonso Dalbuquerque, que o recebeo mui bem, pela muita riqueza que trazia das presas que neste caminho fezera, das quaes el Rei ouve huma grão somma que lhe coube do seu quinto, que veo a preposito pera se pagarem soldos, e outras despesas necessarias pera a armada, que andava fazendo prestes pera ir subjugar este Regno, e cidade Dormuz, como fez. Neste tempo que despachou Pero Dalbuquerque pera o cabo de Guardafum, e Diogo Fernandez de Beja pera Cambaia mandou João Gonçalvez de castelhranco com embaixada ao Çabaim dalcam, em companhia de um embaixador que lhe mandára o mesmo Çabaim, o negocio era sobre lugares, que lhe pedia Afonso Dalbuquerque no sertão, prometendolhe por isso a entrada dos cavallos da Persia em suas terras, e nam a el Rei de Narsinga, que avia muitos dias que com elle trazia este requerimento, pera estes cavallos irem ao porto da cidade de Baticalla que he sua, sobelo que avia poucos dias que viera tambem hum seu embaixador, mui bem acompanhado a Goa, ao qual Afonso Dalbuquerque fez muita honrra, e os despachou sem tomar conclusam em nenhuma das cousas a que vinha por nam trazer cõmissão del Rei pera lhe acordar outras que lhe ja per vezes mandara pedir. Com tudo, porque Afonso Dalbuquerque desejava dalcancar del Rei de Narsinga as cousas que apontara a este seu embaixador, e sobre todas a cidade de Baticala, ou de Bacalor, lhe mandou com embaixada em companhia deste embaixador, Antonio de Sousa, e Ioam Teixei-

ra bem acompanhados, que o acharam em Bisnaga, de que foram bem recebidos, com tudo elles se tornarão sem negociar nada do que levarão a cargo, e assi ficaram elle, e o Çabaim dalcam sem averem entrada destes cavallos em suas terras, que era cousa que muito desejavam, e Afonso Dalbuquerque sem alcançar cousa nenhuma das que lhe a elles mandara pedir, e se tornar João Gonçalves de castelbranco da corte do çabaim dalcam, onde andou muitos dias, mais contente, e satisfeito da boa companhia que lhe fez, que do despacho que trouxe.

CAPITULO LXVI.

De como George de Brito chegou a India, e Afonso Dalbuquerque depois de ter despachadas as naos da carga, se foi a Ormuz, e do que la fez.

N Este anno de M. D. xiii partio de Portugal George de Brito por capitão de cinco naos, os outros eram Francisco Pereira Coutinho, Luiz Dantas, Emanuel de Mello, e Ioam Ferram dos quaes Luis Dantas chegou primeiro a Goa, e os outros no mes de Setembro, onde acharão Afonso Dalbuquerque fazendosse prestes para ir a Ormuz, dando a entender, como ja dixe, que sua determinação era ir outra vez ao mar Darabia. Chegado George de Brito com quem vinha o embaixador que el Rei Dormuz mandara a Portugal, Afonso Dalbuquerque se foi pera Cochim prover na armada que avia de mandar para o regno, que logo despachou e mandou nella a Gande que Diogo Fernandes de beja trouxera de Cambaia. O que feito partio pera Goa levando con-

sigo as naos, e navios que alli mandara aperceber para sua viagem, provendo de caminho nas fortalezas de Calecut, e Cananor onde depois de ser, tendo ja tudo prestes descobrio aos capitães, e pessoas principaes sua tençam, que era ir sobre Ormuz, o que a todos pareceo bem pera onde se fez a vela aos xxi dias de Fevereiro de M. D. xv, com xxvii naos, e navios, de que erão capitães Vicente Dalbuquerque em cuja nao hia Afonso Dalbuquerque, dom Garcia de Noronha, Aires da Sylva, Diogo Fernandes de Beja, Pero Dalbuquerque, Simam Dandrade, Vasco Fernandes Coutinho, George de Brito, Lopo Vaz de Sampaio, cada hum de huma nao grossa, Duarte de Mello, Antonio Ferreira, Rui Galvão de Meneses filho de Duarte Galvam, Fernam Gomes de Lemos, Dinis Fernandes de Mello, e Antonio Raposo, em cada hum seu navio, Pero Ferreira em huma taforea, Nuno Martinz Raposo, João Demeira, João Gomez, Francisco Pereira, João Pereira, Fernão de Resende, em caravellas, Silvestre Corco, Emanuel da Costa, Hieronymo de Sousa em tres gales, Fernandeanes, e Pero Correa, cada hum em seu bargantim. Com esta armada, e outros navios da terra, em que hia gente do Malabar a soldo foi Afonso Dalbuquerque surgir diante de Mascate. Alli soube novas do que passava em Ormuz, das quaes ficou pouco contente, pelo que feita augoada, e tomados refrescos se partio logo, e chegou a cidade aos xxvi dias de Março, no qual antes darmada surgir veo a elle hum messageiro del Rei, per nome Acem ale com muitos refrescos que lhe mandava, dizendolhe de sua parte que sua vinda fosse muito boa aquella cidade del Rei dom Emanuel, onde elle Afonso Dalbuquerque seria recebido como pai, e defensor della, e de todo seu regno, ao que lhe respondeo que sua vinda não era se nam pera o tratar como a filho,

e a todos seus vassallos o que assi acharia, se suas palavras respondessem com as obras. Despedido Acem ale, Afonso Dalbuquerque mandou logo rodear a ilha com os navios pequenos, pera que não viesse alguma gente de guerra a cidade, mandando aos capitães que a tal gente metessem a espada querendosse defender, e não o fazendo lhos trouxessem vivos, no que se passarão dous dias, avendo muitos recados, e visitasões de hum a, e da outra parte, no fim dos quaes mandou Afonso Dalbuquerque a el Rei o seu embaixador, que viera de Portugal, e da India ate li na sua nao, de quem soube muitas cousas secretas dos negocios de Ormuz, que lhe descobrio por ja ser Christão, e ter recebido a agoa do baptismo em Portugal, o qual era natural de Sicilia, e sendo moço foi captivo de Turcos, e sem saber o que fazia arrenegou a fe, a qual Deos o converteo para sua salvação, e em lugar do nome que dantes tinha, se chamava Nicolau Ferreira, pelo que el Rei dom Emanuel lhe fez merces, e o tomou por cavalleiro fidalgo de sua casa, e lhe lançou o abito da ordem da cavallaria de nosso Senhor Iesu Christo, alem doutras honrras que lhe fez. Com tudo Afonso Dalbuquerque receoso que el Rei per este respeito estivesse anojado delle lhe mandou pedir seguro, pera que lhe fosse dar conta das cousas que per sua commissam negoceara com el Rei dom Emanuel, a qual lhe mandou, e por arrefens hum sobrinho de Raix nordim, que era hum das principaes pessoas da casa del Rei. Os apontamentos com que este embaixador del Rei Dormuz veo a Portugal sam os seguintes.

Item pedia a el Rei dom Emanuel que ouvesse por bem lhe quitar os xv mil xerafins que pagava cadanno de pareas, respeitando estar muito pobre, per caso de não virem a Ormuz as naos que soham com

medo de suas armadas que continuamente trazia no mar, que era causa de as alfandegas de que tinha mor proveito que de todo o demais de seu regno, lhe nam renderem a quarta parte do que soham, e que fazendolhe esta merce se obrigava lhe fazer cadanno serviço de perolas, e aljofar que valessem tres mil xera-fins que mandaria cadanno entregar ao Governador.

Item. Que lhe pedia seguro geral perás naos Dormuz, e de seus vassallos poderem navegar perá India sem lhe ser feito danno, nem embargos pelos capitães de suas armadas.

Item. Que lhe pedia outro seguro geral pera quaesquer naos que viessem da India a tratar em Ormuz, que sendo achadas no mar de seus capitães, lhe não fosse feito danno, e as deixassem livremente seguir sua viagem.

Item. Que ouvesse por bem de não mandar dalli por diante suas naos a Ormuz, porque era huma ilha povoada destrangeiros, os quaes com medo dos Portugueses se hião della pera outras partes, do que recebia grande perda.

Item. Que pois que como seu vassallo lhe pagava pareas, e todo seu regno estava a sua obediencia, como cousa sua propria, que mandasse satisfazer as naos, e mercadorias que seus capitães lhe tomarão na India, porque nos contractos das pazes que assentou com seus capitães geraes, estava declarado que estes danos 'se satisfizessem das pareas que pagava, com as quaes sempre satisfizera, sem por estes dannos se lhe rebater nada.

Item. Que mandasse soltar todos os captivos moradores Dormuz, e de seus senhorios como seus vassallos que erão, dos quaes avia muitos nestes regnos de Portugal, e muitos mais na India.

Resposta a estes apontamentos.

Primeiramente. Quanto ao primeiro artigo, que se ate o presente tempo estivera el Rei de Ormuz a serviço del Rei dom Emanuel, e em quanto assi estivesse lhe quitava sete mil, e quinhentos xerafins cadanno, que he ametade das pareas e isto dando lugar que se fizesse fortaleza na Cidade Dormuz, e que se lhe aprouvesse de tomar a ilha de Baharem para si que então lhe quitaria cs xv mil xerafins.

Item. Ao segundo artigo que lho concedia, nam prejudicando ao trato, nem indo suas naos a lugares defesos por seus capitães geraes.

Item ao terceiro, que o havia por bem, vindo as taes naos de lugares que estivessem a seu serviço.

Item. O quarto artigo, e o quinto **sahir**am excusados.

Item. Quanto ao sexto, que mandava que se cumprisse, e se tornassem todos estes captivos, e fossem postos em liberdade sabendosse de certo serem naturaes de seus regnos, e seus vassallos.

Recolhido na nao de Vicente Dalbuquerque o sobrinho de Raix nordim por arrefens de Nicolau Ferreira, Afonso Dalbuquerque o mandou a el Rei bem acompanhado com a reposta de sua embaixada, que a não tomou bem delle por se tornar Christam, com tudo as cartas que lhe levava del Rei dom Emanuel recebeo com muita cortezia, e sem tratar mais nada com Nicolao ferreira o despedio. Pelo que logo ao outro dia Afonso dalbuquerque mandou Diogo fernandez de Beja, e o secretario Pero dalpoem a pedir-lhe fortaleza, e gasalhado na cidade pera sua gente, porque determinava estar alli oito, ou nove meses, sobelo que ouve muitos recados; mas em fim el Rei mandou dizer a Afonso dalbuquerque, per Raix nordim, que era contente de lhe dar a mesma fortaleza que ja estava começada, o que lhe alargava confian-

do delle como de seu pai, e que com o dito Raix Nordim tratasse de suas amizades, para o que levava seu poder, e as jurassem solemnemente. O que se assi fez, e assinados os contratos per cada huma das partes, Afonso dalbuquerque deu alguns presentes a raix Nordim, e aos que com elle vieram, e per Nicolao ferreira mandou a el Rei hum colar douro esmaltado mui rico, e per Acem ale huma bandeira de seda das armas reaes de Portugal, que el Rei mandou logo arvorar nos seus paços em sinal da amizade, e obediencia, apos o que se entendeo logo no fazer da fortaleza, que foi entregue em Domingo de Ramos derradeiro dia de Março pera o que el Rei deu todas ajudas necessarias, ate ser acabada.

CAPITULO LXVII

Em que se trata da progenia donde decende o Xequé Ismael, e dos recados, e embaixadas que ouve entrelle, e Afonso Dalbuquerque.

A Seita de Mahamed, segundo a conta dos Arabios começou no anno da nascença de nosso Salvador Iesu Christo, de quinhentos, e noventa, e tres, e segundo nossa conta de seis centos e sessenta, e seis, em que a diferença de sessenta, e tres annos, a qual deve ser, pola sua a que chamam lehegira, ser per luas, e a nossa por meses. Foi Mahamed Arabio de naçam, seu pai se chamava Abedalla, da linhagem de Ismael, com tudo Gentio, e a mãe Hebreia per nome Enima, gente popular, mas como Mahamed fosse homem sagaz, e astuto, doctrinado na secta dos Gentios e na lei Hebreia desde moço, e

na Christã per Sergio Arriano, secaz dos erros, e heresia de Nestorio, veo a valer tanto, e ter tanto credito que passando os lemites destas, fez outra nova, pregando a esta gente Arabia todo o genero de liberdade, pelo que adquirio a si grandes companhias desta, e doutras naçoens, com o que, e com ajuda de hum seu primo, com irmam, per nome Ale, bom cavalleiro, com quem casou huma sua filha chamada Fatema, conquistou muitas daquellas provincias, semeando a peçonha de sua errada doctrina, ate idade de sessenta e tres annos em que faleceo deixando seu primo, e genrro Ale por successor de todo seu estado, com nome de Califa, na qual dignidade teve algumas contrariedades, com tudo depois de ser confirmado nella, pelos principaes senhores daquellas provincias, o matarão per treição de Mahvia com quem tinha differenças, por nunca lhe querer consentir que elle tivesse o nome desta dignidade Califa, que antrelles he como Papa. Morto Ale, ouve entre os Arabios, e Persios grandes differenças, e guerras sobre as opiniões das seitas que Ale, e Mahamed lhes deixarão, porque Ale depois da morte de Mahamed querendo enmendar na seita que elle pregara fez outros muitos artigos diferentes para mais a sua vontade atraher a si aquella gente barbara, e innocente. Com tudo os Arabios declarando os Persios por hereticos, e cismaticos, ficaram com a opiniam, e seita de Mahamed, e os Persios com a de Ale, per cuja morte alevantou esta gente per Califa Hocem seu filho mais velho, que ouvera de Fatema filha de Mahamed, a qual dignidade lhe custou a vida, porque por este respeito lhe mandou o mesmo Mahvia dar peçonha de que morreo, ao qual succedeo hum seu irmam per nome Hocem, filho segundo de Ale, e de Fatema, que per mandado de Izait filho de Mahvia, matou

Homer que pera isso sobornou, do qual Hocem ficaram xii, filhos, que entrelles foram reputados per homens sanctos. Da linhagem de hum destes ouve na Persia hum homem poderoso, per nome Sophi, que per linha direita era da linhagem de Ale pelo costado de hum dos filhos de Hocem, per nome Musa Caim. Este Sophi se fez poderoso, e ganhou muitas cidades na Persia, e fez guerra aos Arabios, em que os desbaratou per muitas vezes; de maneira que veo a ter tanta authoridade que per sua causa tomaram muitas daquellas naçoens a seita de Ale, principalmente na Persia que de todo se someteo a esta sua opiniam, e por differença e serem conhecidos por desta seita, fez hum novo trajo pera trazerem na cabeça, em lugar das toucas foteadas que entam usavam, que sam huns carapuçoens de feltro altos, que se pregam, abrem, e fecham como hum folle, fazendo de cada banda seis pregas que fazem assim xii, em memoria dos doze filhos de Hocem. Este Sophi morreo pouco mais, ou menos no anno do Senhor, de mil, e quatrocentos, deixando hum filho per nome Lune, que entre os persios foi auido per homem sancto. A este succedeo Soltão Aidà seu filho Rei de Urdail, que tomou titulo de Xequé, o qual matou hum seu cunhado, per nome Iacobbec, ficando do dito Aidà catorze filhos, e cinco filhas, de que este Xequé Ismael de que tratamos era mais moço, que se fez senhor, e Rei de toda a Persia, e tam poderoso que nam arreceava fazer guerra ao Turco, e a outros grandes Reis, e Senhores, e porque era bom cavaleiro e magnanimo sabendo das muitas victorias que os Portugueses ouverão na India, deu commisam a hum seu Embaixador que mandara ao Çabaim Dalcam que visitasse da sua parte Afonso dalbuquerque, ou se se nam podesse ver com elle, o mandasse visitar per alguns dos

gentis homens, que levava em sua embaixada, em que avia cento de cavallo. A causa da qual embaixada era pera persuadir ao Çabaim Dalcam, que tomasse a sua carapuça, e fizesse per todos seus Senhorios rezar o costume da seita, e regra de Ale, sobelo que tambem mandou outro Embaixador a el Rei de Cambia, com outra companhia de cento de cavallo, os quaes ambos foram despedidos sem estes Reis quererem mudar suas cerimonias mahometicas, pela de Ale. Este embaixador do Xequê Ismael mandou visitar Afonso dalbuquerque a Goa, onde o mesageiro o não achou por ser ido ao mar Darabia. mas depois que veo o tornou a mandar visitar pelo mesmo, que se chamava Cojealeam, que o achou em Cochim pedindolhe que em sua companhia quisesse mandar hum Embaixador, porque a causa que mais desejava era telo por amigo, e ver alguns homens Portuguezes pela fama que tinha delles, e das cousas que tinham feitas na India. Deste recado foi Afonso dalbuquerque mui ledo, porque com ter o Xequê Ismael por amigo, assegurava milhor as cousas Dormuz, pelo que mandou com este mesageiro Miguel Ferreira, com oito de cavallo, o qual em companhia do embaixador foi a corte do Xequê Ismael, de quem recebeo tanta honrra, que o fazia assentar arriba de todoslos Embaixadores, que andavam na sua corte, fallando quasi todoslos dias com elle polo achar homem prudente, e lhe saber dar razam das cousas da India, e da Europa, e sobre tudo de Portugal, e del Rei dom Emanuel, e de seu estado, que era o que lhe mais a meude perguntava. Finalmente movido destas praticas determinou mandar hum embaixador a Afonso dalbuquerque com cartas pera elle, e pera el Rei dom Emanuel, cheas de muitos offerecimentos. Este embaixador que se chamava Peirim bonat, homem no-

bre, e muito accepto ao Xequé Ismael, chegou com Miguel ferreira a Ormuz pouco antes da vinda de Afonso dalbuquerque, onde despois de ser entregue da fortaleza, o recebeo em huma praça publica em cadafalso alto, em lugar donde el Rei Dormuz podia ver tudo, de huma janella dos seus Paços, nas quaes vistas deu o embaixador a Afonso dalbuquerque alguns presentes pera el Rei dom Emanuel entre os quaes vinha esta carapuça que eu mesmo tive na guarda roupa do dito senhor em meu poder, e assi outro parelle que recebeu, com a cada hum delles fazer muitas mostras de prazer por serem de um tal, e tão poderoso senhor como o aquelle he, e logo dahi a alguns dias despachou este embaixador, em cuja companhia mandou com embaixada ao Xequé Ismael, Fernão gomez de lemos com trinta de cavallo, e por accessor João de sousa, e por Secretario Gil Simoens, e por lingoa Gaspar Xirez boticaire por fallar muito bem a Persiana, das quais, que partiram Dormuz a cinco dias de Maio, deste anno, de M. D. xv, e do successo de sua viagem, e embaixada, tratarei na quarta parte desta Chronica, porque quando tornarão era ja morto Afonso dalbuquerque, e Lopo soares vindo de Portugal por governador da India, em cujo governo vira mais a proposito falar neste negocio.

CAPITULO LXVIII

De como Afonso dalbuquerque mandou matar Raix hamed, e porque causa.

ATRAZ fica dito da crua, e brava guerra que Afonso dalbuquerque fez a Ceifadim Rei de Ormuz, e ao tirano Cojeatar, que entam governava o regno, os quaes achou ambos mortos desta vez que la tornou, porque per falecimento de Cojeatar, Raix Nordim guazil da cidade Dormuz por ceifadim ser já de boa idade e ter filhos, e entender no governo do regno, ho fez matar com peçonha, per huns Abexis escravos do mesmo Rei, e nam quis levantar por Rei nenhum de seus filhos, senão Torunga seu irmam a que era afeiçoado tendo por certo que em quanto este fosse Rei seria elle mesmo senhor do regno, o qual por ser já homem de dias dava cargo de muitas cousas que comprião a seu officio, a hum seu sobrinho per nome Raix hamed, homem de idade de xxxv annos esforçado, e bom cavalleiro descansando sobrelle, alem do que parecendolhe que estaria mais seguro da privança del Rei, e governo do regno tendo esse sobrinho apar delle, o fez seu guardamor, e pera mais certeza do que cuidava deu outros cargos na casa del Rei a Raix Madofar, e Raix Ale, irmãos do mesmo Raix hamed, o qual Raix hamed pouco a pouco se apoderou tanto da pessoa, e casa del Rei, que nenhuma cousa se fazia sem seu parecer, e vontade, o que veo em tanto crescimento que tinha el Rei quasi como preso, sem ousar de fallar com ninguem sem elle ser presente, nem se mudar de hum casa para outra, nem hir fora do paço sem o

levar consigo, pelo que Raix Nordim receoso de lhe este sobrinho tirar de todo a privança del Rei, e o officio de guazil, por se ja entremeter em algumas cousas d'elle, se aqueixou disso em segredo a Afonso dalbuquerque, o dia em que se assentarão as pazes, o qual lhe Afonso dalbuquerque guardou tão bem, que nunca se soube se não depois que teve acabado o que compria a este negocio. Alem destas queixas el Rei mesmo hum dia, que per occasião teve tempo de fallar so com Alexandre de ataide lingoa, lhe disse que Raix hamed o tinha preso, que da sua parte em muito segredo pedisse a Afonso dalbuquerque que o livrasse do poder daquelle homem, pera que podesse a sua vontade servir el Rei dom Emanuel, e a elle como a pais em cuja conta nos tinha. Com este recado se resolveu Afonso dalbuquerque consigo mesmo sem disso dar conta a ninguem, de matar a Raix hamed, a que o tambem movia saber de certo que contrariava ante el Rei, e os da cidade, e assi o fazer da fortaleza, como o que tocava ao assego, e segurança das pazes que tinham assentadas, e por o dito Raix hamed, antes d'elle chegar a cidade ter feito tomar a el Rei Dormuz a carapuça, e oração do Xequé Ismael com proposito de o tirar da vassallagem del Rei dom Emanuel, e o poer debaixo do Xequé Ismael cujo vassallo Raix hamed era de nação, pelo que andou de longe dissimulando com mostras de ser muito seu amigo, e assi lho mandava dizer per seus irmãos, que o vinham as vezes visitar da sua parte, até que os assegurou, e permeio Dalexandre dataide, e Pero Dalpoem, secretario da India, e Diogo pereira mandou recados a el Rei, e ao mesmo Raix hamed, e a Raix nordim, dandolhes a entender que compria muito verse elle com el Rei pera per ante elles lhe dizer algumas cousas que comprião assi ao serviço del

Rei dom Emanuel seu senhor, como a elle mesmo. Destes recados se tomou conclusão que a vista fosse no Madraçal, que he hum casa grande como estaos, em que pousava Simão dandrade por ser perto da fortaleza, e no concerto foi que com Afonso Dalbuquerque viessem sos os capitães desarmados, e o mesmo farião os que estivessem com el Rei, salvo que el Rei levasse consigo hum paje com o seu treçado, e Afonso Dalbuquerque outro paje com a sua espada e que a outra gente Portuguesa, e Malabares ficassem na praia, e assi estes como os da cidade podessem estar armados. Isto assentado Afonso dalbuquerque se foi de noite a terra ver com os capitães que la estavam, aos quaes dixe em conselho, que sua determinação era matar Raix hamed do que todos foram mui alegres, assentando logo o modo que se nisso avia de ter, e que fossem armados secretamente os que o avião de matar, porque se arreceavam que fizesse o mesmo Raix hamed com sua valia, como de feito fez. Praticado este negocio, Afonso dalbuquerque se tornou a frota, e ao outro dia antemanhã se veo a terra com os capitães que estavam no mar trazendo toda a gente armada, e o mesmo fez a questava em terra, e com elle os malabares, os quaes todos assi huns, como os outros ficaram na praia postos em ordenança com alguns dos capitães, a que disse se deu o cargo, e com os outros armados secretamente se meteo no Madraçal. Raix Nordim como a pessoa a que tocava o cargo, por ser Guazil da cidade, mandou tambem perá praia a gente del Rei, e alguma da cidade, toda armada, em que entravão duzentos soldados de Raix hamed, que trazião saias de malha, capacetes, e adargas, o qual como soube que Afonso dalbuquerque estava no Madraçal, ordenou que el Rei se fosse logo pera lá, e adiantandosse de toda a com-

panhia entrou onde elle estava mui desenvolto, sem dar sinal do que determinava fazer, que era matalo. Afonso dalbuquerque como o vio, lhe fez bom gasalhado, perguntandolhe como estava el Rei, e se vinha já, mas suspeitando que estavam os nossos armados, e vendo que erão mais dos que se assentara que fossem, se tornou logo a sair, e em saindo achou el Rei que descavalgara ja, e entrava pello pateo do Madraçal acompanhado de sua guarda, e outra gente, vindo com elle Raix Nordim, e seus filhos xarofo, e Raix delamixa que todos vierão com el Rei ate li a pe, a quem Raix Hamed dixe que não entrasse onde estava Afonso dalbuquerque porque tinha gente armada consigo, mas el Rei sem ter conta com o que lhe dixe desejoso de se ver quite delle per prisão, ou per morte, como esperava que o avia de fazer Afonso dalbuquerque, entrou dentro na casa, levando com o melhor modo que pode diante de si, que em entrando Raix Nordim com seu filho Raix delamixa e Acem ale, que lhe vinham nas costas, dom Garcia de Noronha dixe a Emanuel velho, e a Diogo homem, que pera isso tinha apar de si, que fechasse a porta, o que fizeram tam de subito, que nem Raix Xaroso, nem Raix madasar, irmam de Raix Hamed, nem os que com elle vinhão armados secretamente poderam entrar. Pelo que se logo entrelles começou de fazer alvoroço, bradando que lhes abrissem a porta pois era assentado que el Rei, e Afonso dalbuquerque se aviam de ver com certo numero de homens, dos quais elle tinha dentro todos os seus, e el Rei sos quatro mais isto durou pouco porque em Raix Hamed entrando, se foi logo pera Afonso dalbuquerque determinado de o matar, segundo as mostras que deu, cuidando que o seguia seu irmam Raix modasar, com os outros da conjuraçam, ao qual em chegando

guiado per Alexandre dataide, dixe Afonso dalbuquerque que nam vinha como devia, pois trazia armas, que as tirasse logo, o que elle nam quis fazer, mas antes apunhou do treçado o que vendo Afonso dalbuquerque lhe travou do braço dizendo a Pero dalbuquerque que lho tirasse dali, ho que dizendo, lhe travou Raix hamed pela beca de velludo que trazia o pescoço, com muito animo estando ja Pero dalbuquerque apegado com elle, ao que acodirão Lopo vaz de sam Paio, Hieronymo de sousa, Rui galvam de menseses, Diogo fernandez de Beja, Antão nogueira, e outros capitães que estavam na casa, que o mataram logo a punhaladas, e lançaram o corpo na praia. Quando el Rei vio cair Raiz hamed ficou todo trespasado de medo, o que vendo Afonso dalbuquerque se foi parelle com o barrete na mam, e o abraçou, e assegurou do medo que tinha, dizendolhe, que por seu amor mandara matar aquelle tredor, pera o poer em liberdade, e poder governar seu regno como devia. Em todo este tempo a gente del Rei, e de Raix hamed que ficara fora, nam cessava de bradar que lhe abrissem, mas como lhes chegou a nova que jazia Raiz hamed morto na praia, cuidando que o mesmo seria del Rei, e de Raix Nordim, e dos outros começaram de dar vaivem a porta, e defeito a entrarão por serem muitos, se da praia nam acodiram Rui gonçalves, e Ioam fidalgo, capitães da ordenança, com boa parte da sua gente, porque a outra com os Malabares ficou para que os del Rei, e de Raix hamed que estavam em armas não fizessem algum alvoroço, os quaes capitães apacificarão esta gente de maneira que tiverão por partido não pedirem por então mais, senão que se el Rei era vivo lho deixassem ver. A nova do que passava no Madraçal correo logo per toda a cidade ao que em hum momento

se juntou a mor parte de quantos nella havia ao redor do Madraçal, bradando todos que queriam ver el Rei, senão que porião fogo ás casas; pelo que Afonso dalbuquerque lhe pediu que se deixasse ver daquelle povo para o assegar que lhe pareceo bem, e ambos mão por mão acompanhados dos que com elles estavam na camara, se forão a hum eirado donde el Rei dixe a todos os que o vião que elle era vivo, e posto em liberdade pera os poder melhor reger, e governar do que o ate li fizera, o que dito Raix nordim mandou a seu filho Raix xaroso que estava fora, que da parte del Rei fosse dizer a toda a gente de guerra que se nam movesse, nem fizesse desmancho, porque avia de mandar matar todos os que nisso achasse culpados. Raiz modasar que estava ao pe do terrado que era baixo se começou daqueixar com el Rei, pela morte de seu irmam, e com a dor que tinha, com tanta aspereza, que el Rei lhe dixe que assi elle como seu irmam Raix ale, e todos seus se fossem logo fora da cidade, e de seu regno do que mais anojado que da morte do irmão se foi com sua gente armada meter nos paços del Rei, pera se ali fazer forte com seu irmão Raix Ale, que ficara por guarda delles, dos quais se não quiseram sair, por muitos recados que lhes el Rei mandasse, nem o fizeram senão com medo de Afonso dalbuquerque, que os mandou ameaçar per hum capitam do Xequé Ismael, per nome Abrahembeque, que estava entam na cidade, per quem lhes mandou dizer que se se não saíssem por bem, que lho faria fazer por mal, do que atemorizados mandarão pedir seguro a el Rei, e a Afonso dalbuquerque pera que livremente, e sem danno, nem agravo se podessem ir da cidade, com suas familias, molheres, filhos, e fazenda pera onde lhes bem aprovesse, o qual seguro lhe logo mandaram, lemitando-

lhe dias certos pera fazerem o que pedião. O que assi assentado se foram pera suas casas, e dentro no prazo limitado para fora da cidade, e regno, que seriam quarenta casas, em que avia mais de mil pessoas, a fora os escravos, que toda esta gente metia Raix hamed na cidade, pouco a pouco, a fora muitos soldados que tinha de sua mão, e per derradeiro fez o mesmo Abrahembegne, que era hum das principaes pessoas desta conjuraçam, tendo todos assentado de lançar os portuguezes de Ormuz. e poer a cidade com o regno a obediencia do Xequé Ismael. Despejados os paços, el Rei se tornou parelles, acompanhado de todos os portuguezes que estavam em terra, e de numero infenito dos da cidade e por o lugar ser o mais forte della, Afonso dalbuquerque os entregou perante os principaes que alli estavam a el Rei, e a Raix nordim tomandolhes a menagem que teriam aquella fortaleza por el Rei dom Emanuel seu senhor, o que elles assi fizeram, sem a isso poerem duvida, dos quaes se despedio logo, e por ser tarde, e fazer escuro foi dormir a torre da fortaleza, e dalli por diante proveo no governo da cidade, e cousas que cumpriam a el Rei com muito seu gosto, e de Raix nordim, e dos principais de sua corte, e regno, e assentou tudo de maneira que desde então posto que depois ouvesse alguns desconcertos está esta cidade ate agora tanto ao serviço dos Reis de Portugal, e tão pacifica como se fosse hum das do mesmo regno.

CAPITULO LXIX

De huma entrada que fizeram dom Afonso genrro de Nuno fernandez de ataide, e o adail Lopo barriga com Side Iheabentafuf, ate cerca dos montes Claros.

SIDE Iheabentafuf em quanto viveo foi sempre leal vassallo del Rei dom Emanuel, e per qualquer modo, e meo que podia fazer guerra aos mouros, que não eram de pazes a fazia ou com a sua gente só, ou em companhia dos Christãos, o qual sabendo, que huns aduares Arabes de Marrocos estavam a tres legoas daquella cidade contra çafim, avisou disso Nuno Fernandez pedindolhe que lhe mandasse o adail Lopo barriga com alguma gente. Nuno fernandez como era guerreiro quisera ir em pessoa, o que nam fez por algum impedimento que a isso teve, mas mandou o adail com cento de cavallo, que foi ter as Salinas, onde achou Side Iheabentafuf com os seus Arabes donde partirão, e foram amanhecer ao outro dia a tres legoas de Marrocos, sem acharem os aduares que hião buscar, pelo que avendo ja tres dias que andavam neste negocio sem fazerem nada, se tornaram pera os seus aduares, e de ali se foram a Xiquer, onde souberam que a Cabilda de Oledemeta estava junto dos montes Claros, em hum lugar que se chama Aleborge, das quaes novas certificado Lopo barriga, avisou Nuno fernandez pera saber delle se queria ir a este negocio, o que elle nam pode fazer, mas mandou seu genrro dom Afonso, filho herdeiro do conde de Mira com duzentas lanças, os quaes juntos em Xiquer com Iheabentafuf, que trazia

consigo mil lanças, forão ao terceiro dia amanhecer onde tinham per nova que estavam os aduares de que nam acharam mais de dous mouros, que andavam segando seus pães, que captivarão e delles souberão pera que parte eram lançados estes aduares, e que eram mais de corenta, em que avia muita gente de cavallo, os quaes alcançarão não muito longe Daleborge a xxv, legoas de çafim, em que logo deram, levando Lopo barriga a dianteira com cento, e cincoenta lanças com que cometeo cento de cavallo que hião na reguarda dos outros, estes voltarão contrelle com muito animo, e lhe matarão hum homem de cavallo, mas Lopo barriga deu nelles, e os arrancou, seguindoos ate os misturar com os que hiam diante, entre os quaes todos se travou a pelleja de maneira que foi necessario acodir dom Afonso com a gente que com elle ficara, e assi lhe abentafuf. Com tudo o negocio durou per hum bom espaço, em que dos de pazes morrerão alguns, e dos portuguezes tres, mas em fim os inimigos forão desbaratados, e muitos mortos, e quinhentos captivos, e tomados quatrocentos camellos, e mais de mil cabeças de gado vacum, e de xx de meudo. Isto foi no começo do anno de M. e D. xxiiii, e se conta neste de mil, e quinhentos e xv, por as cousas dafrica irem enfiadas. Com esta cavalgada, se começarão a recolher os nossos, mas os mouros derão outravez nelles, e se tornou de novo a travar outra mais brava pelleja, porque os mouros com dor dos parentes, molheres, e filhos que de diante dos seus olhos vião levar captivos se esforçavão quanto podiam pera ver se os poderião salvar, e assi sua fazenda, e gados que lhe os nossos levavão, no qual recontro morrerão alguns delles, e posto que da nossa gente, nesta volta não morresse nenhum forão alguns feridos, assi dos Christãos, como dos mouros

de pazes, mas em fim dom Afonso, e Lopo barriga, e Iheabentafuf se saíram dos imigos seu passo cheo trezendo a cavalgada sem della perderem nada ate a cidade de çafim, donde avia tres dias que dom Afonso partira.

CAPITULO LXX

De huma entrada que Dom Ioam Coutinho quis fazer contra a serra do Farrovo, e da honrrosa victoria que ouve no caminho, comque se tornou Arzilla.

ANDANDO dom Vasco coutinho, conde de Borba capitam, e governador da villa Darzilla, no regno estava ahi por seu lugar tenente dom Ioam coutinho, seu filho que depois foi conde do Redondo muito esforçado cavalleiro, e industrioso nas cousas da guerra, e tão contino nellas, que poucos meses se passavão que nam fizesse entradas per terras dos mouros, do que pela mor parte lhe deu sempre Deos a victoria, das quaes cousas, em comparaçam das que dezião na corte que elle fazia desno tempo que eu pera ella vim, acho mui poucas por lembrança, o que deve ser, ou por que elle teria mais conta com a guerra, que com screver o que nella acontecia, ou per má guarda das cartas que mandava a el Rei, pelo que seus feitos nam são tão celebrados como o merecem. Este esforçado capitão dom Ioam coutinho na fim do mes de fevereiro, de mil, e quinhentos, e xiiii determinou fazer huma entrada ate serra do Farrovo, ha gente da qual he guerreira, e que continuamente corria ate as portas Darzilla, e de Tanger com quem os capitães destes dous lugares

tinham sempre assaz de negocio, de que de huma, e da outra parte se fazia as mais das vezes sangue. Partio dom Ioam coutinho de Arzila com cento, e corenta de cavallo, e antes de chegar a serra do Farrovo lhe vierão os corredores dizer que havia muita gente de cavallo no campo. Estes erão o alcaide Laro, e o de Moleiamar, e hum filho de Barraxa, pessoas principaes do regno de Fez, que hião com oitocentas lanças suas, e de Colotos correr a Tanger, aos quaes dom João sem nenhum receo foi tomar o passo, com quem ouve huma brava, e cruel batalha por todos os daquella companhia serem muito bons cavalleiros, mas em fim a vitoria ficou com os christãos, dos quaes morrerão alguns, de que não pude saber os nomes, e dos mouros morrerão mais de duzentos, em que entrarão hum irmão, e hum genro do Alcaide Laro, e hum parente muito chegado del Rei de Fez, que estava por fronteiro em Alcacerquibir. Os captivos foram quarenta, e hum, em que entrou hum primo do mesmo alcaide Laro homem de muita estima entre os mouros, e dous Xeques, e o adail de Moleinacer, e o alcaide Daicacerquibir, com os mais dos seus cavalleiros, no despojo entrarão noventa, e tres cavallos muito bem ajaezados, por a gente desta companhia ser toda nobre, e mui bem ataviada.

CAPITULO LXXI

De huma entrada que Lopo barriga adail fez per terra de mouros, e do que nella lhe aconteeo.

OS de Xiatima, e com elles Side bugima se vierão a queixar a Nuno fernandez dataide dizendo que o Serife por serem vassallos del Rei dom Emanuel, os lançava fora de suas terras, fazendo-lhe todo o danno que podia, pelo que lhe pediam que mandasse com elles Lopo barriga, com alguma gente pera os defender, o qual logo mandou com cincoenta lanças, que com os Arabes depois de serem juntas passou a serra do Farrovo da outra banda, e se forão assentar em Mesquereo, onde depois de terem ceado forão avisados por dous mouros dos da companhia, que vinhão de buscar huma matamorra de trigo, que o Serife vinha sobrelles, o que sabendo se poserão todos a cavallo tendo a gente do Serife ja roubado hum Aduar, e mortos alguns, aos quaes os nossos chegarão sem serem sentidos, e os seguirão ate pela manhã, de que matarão cinco, e lhe tomarão nove cavallos, com que se tornarão pera os aduares, dalli se foram a huma auguada que se chama Tafarez, donde Lopo barriga mandou a çafim hum cavalleiro portugues, que os do Serife ferirão, e hum mouro que captivarão neste alcance, pedindo a Nuno fernandez que lhe mandasse mais gente, porque sua determinação era passar adiante. Sabido este recado, Nuno fernandez lhe mandou outras cincoenta lanças, guiados per George mendez dataide, que chegou onde estavam a hum sabado, avendo oito dias que lhes a contecera o recontro com os do Serife.

Estando assi todos juntos, a segunda feira seguinte lhes correo o Serife em pessoa, com mil, e seiscentas lanças, a quem logo sairão todos, Lopo barriga com sua gente em duas batalhas, de que deu a dianteira a George mendez, e a Pero barriga seu sobrinho, os mouros de pazes fizeram o mesmo pondo-se todos na melhor ordem que puderão, porque o Serife trazia sua gente posta em tres batalhas, com muito concerto, de que a huma era de setecentas lanças, e a outra gente nas duas. Na maior vinha Side Abedelquibir primo do mesmo Serife, e elle a sua mão esquerda, e a outra batalha a direita, esta batalha do meo deu na nossa dianteira, em que hiam George mendez, e Pero barriga, e os cercaram ao redor, a quem Lopo barriga acodio, dando nas costas delles, no qual tempo os mouros de pazes derão na do Serife e na outra, travandosse entre todos huma brava peleja que durou hum bom espaço, mas em fim a gente do Serife começou de se retraher por causa de Pero barriga derrubar de hum encontro o primo do Serife, que era capitam da batalha do meo, pelo que esta batalha se desbaratou de todo ficando o Serife com a sua cerrada, sobre quem logo deu Lopo barriga, com alguns dos mouros de pazes, com tanto impeto que os desbaratou, e pos em fugida, no alcance do qual mataram os nossos mais de cento, em que entraram muitas pessoas principaes, de que hum foi o Xequê Bentagogim, e hum seu filho que ambos matou Lopo Barriga, acodindo a Paio Roiz que depois foi contador do mestrado de Christus a quem Bentagogim deu huma lançada na cabeça, de que o derrubou, e tendoo debaixo de si chegou Lopo Barriga, e o matou, ao qual acodindo hum seu filho, o matou tambem. O alcance se seguiu ate noite começando a peleja a horas de jantar, em que mataram os que dixe

e tomarão hum captivo e o tambor do Serife, per respeito do qual desbarato se vieram alguns aduares do mesmo Serife lançar com os nossos, e Lopo barriga se tornou pera çafim, onde per caso de huma tam honrosa victoria, foi bem recebido de todos, e envejado de muitos.

CAPITULO LXXII

De como o Adail Lopo Barriga foi sobela villa de Amagor, e a tomou e fez fogir o Serife que entam estava nella.

DEPOIS que o almocadem Diogo lopes chegou as portas de Marrocos, como ja tenho dito Nuno fernandez buscava todolos modos, e meos pera fazer o mesmo, com tenção de tomar esta cidade, pera o qual trato, sem dar entender aos mouros de pazes o pera que, mandava muitas vezes o Adail Lopo barriga, com alguma gente de cavallo, pelo sertam com recados aos Xeques, pedindolhe que pera hum certo tempo estivessem prestes com sua gente porque determinava fazer huma entrada de que aviam dalcancar muita honrra, e proveito. Andando o Adail nestes negocios soube como o Serife estava em hum seu castello que chamam Amagor, descuidado de o poderem la saltear, sobelo que com parecer dos Xeques dos Barbaros, e dos Arabes (que ja neste tempo eram todos vassallos del Rei dom Emanuel) screveo a Nuno fernandez pedindolhe que pera com brevidade cometer este negocio lhe mandasse mais gente de cavallo, e besteiros, e espingardeiros, o que logo fez dando a capitania a Alvaro mendez

cerveira seu sobrinho, que partio de Çafim huma segunda feira depois do Domingo de Lazaro, e chegou a Tedenest, onde foi bem recebido, e dalli sem repousar na villa foi ter ao arraial dos Arabes, que estava assentado junto do castello dos Moradis, que he do Serife, e passando daqui contra o castello de Amagor, onde elle estava, lhe veo fallar hum mouro honrado dizendolhe que não passasse adiante, porque se poderia encontrar com gente do Serife, com a qual de seu conselho, nam devia travar, senam em companhia do Adail, e Alvaro mendez cerveira lhe deu por isso as graças, tomandoo por guia, ate o levar per detras de humas serras onde o Adail estava com os de xiatima. Iunta esta gente que seriam duzentos Portuguezes de cavallo, e cincoenta besteiros, e espingardeiros de pé ao outro dia foram assentar seu arraial em hum lugar que se chama Tazamor, duas legoas donde partiram, e ao sabbado que era vespera de Ramos foram amanhecer huma legoa alem de Tafetana, em humas aldeas a que chamam Alfecefiz, donde he castello de sancta Cruz, e era capitam dom Francisco de castro, a oito legoas, das quaes aldeas que acharam despejadas, foram ter sobelo castello de Amagor, segunda feira da somana sancta, que esta situado em huma terra aspera, cercada de rochedo, com duas ribeiras que o cingem todo, onde o Serife estava, a qual villa he mui forte, e de grande termo, em que avera mais de cento, e oitenta aldeas: em os nossos chegando, e assentando seu arraial, que seria ainda duas horas de Sol, sairam della alguns de cavallo, a escaramuçar, a que acodiram huma parte dos mouros da capitania de Side bogima, que seriam setecentos de cavallo, com quem se travaram, de maneira que foram constrangidos o adail, e Side Bugima lhes acodir com alguma gente com que fizeram

recolher os imigos, e por ser ja tarde, assentarão de ao outro dia pela manham cercar o lugar, porque lhes pareceo que averia nelle tão boa gente que o nam despejariam, mas enganoos o pensamento, porque o Serife se acolheo logo, e tras elle se começou de despejar a villa, do que avisado Side bogima veo dar conta ao Adail do que passava, que ja achou apeado com os da sua companhia, pelo que poseram outra vez a cavallo em caminhando para a banda per onde se a gente salvava, ate chegarem as tranqueiras, onde plejaram sobela entrada, com cento, e cincoenta de cavallo, e duzentos de pe, que empuxaram duas vezes pera dentro e outras tantas foram elles repuxados pera fora, ate que a segunda, sendo ja os nossos juntos, os entraram matando os mais delles. Dos Christãos os primeiros que entraram esta segunda vez forão Diogo Roiz raposo, Antonio vaz homem pardo, e Pedralvarez espingardeiro, e hum escudeiro de Nuno fernandez que ali mataram. Os da villa vendosse entrados se lançaram pelo muro, e rochedos pera se salvarem, de que morreram a ferro duzentos, e dos que se lançaram pelo rochedo abaixo mais de mil almas, entre homens, molheres, e mininos, de que muitos morreram espetados em arvores que avia no rochedo per onde se lançavam, e assi os cavallos selados, e enfreados por nam ficarem em poder dos christãos. Na villa se achou grande despojo, por o Serife ter mandado que ninguem tirasse nada della, com proposito de a defender, e assi muitos mantimentos, hos captivos forão mais de quatrocentos, em que entrou hum tio do Serife, que era, alcaide do mesmo lugar de Amagor, tomaramlhe o tambor com que se dava sinal no seu campo, que trouxeram a Çafim com os captivos, e cento, e oitenta, e cinco cavallos sellados enfreados. Foi tanto o despojo de

movens, trigo, cevada, mel, manteiga, galinhas, gado, e outras cousas, que tres dias continuos não fezerão os mouros outra cousa que acarretar da villa pera o arraial, no fim dos quaes se partirão com o despojo, os mouros pera suas comarcas, acaudelados por Side bogima, que neste negocio o fez como bom cavalleiro, e os Portugueses com os captivos pera çafim, dos quaes porei os nomes dos que pude alcançar. O Adail Lopo barriga, Alvaro mendez cerqueira, Antonio vaz o mulato, Pedralvarez espingardeiro morador em çafim, Diogo roiz raposo, Simão dazevedo, Duarte taveira, Pero leitam, Eernam Dominguez, Francisco alvarez, e Duarte fernandez, todos sete Darzilla, mui bons cavalleiros, que avia alguns dias que estavam naquella cidade de Çafim, onde elles, e os demais que tornaram com esta cavalgada e tam honrada victoria auida na face e vista do Serife. Forão recebidos com muita alegria, e levados em procissam a Sé, acompanhandoos Nuno fernandez, e todas as pessoas nobres, com amais do popular, onde deram graças a Deos pela merce que a todos fezera. Posto que nesta entrada fossem dos Portugueses feridos muitos, nam morreo nenhum, com tudo a alguns delles mataram os cavallos dos mouros de pazes, morreo hum Xequé dos principais, com outros doze de cavallo, e foram muitos feridos. Esta foi humas das honrradas victorias que os Portugueses ate então ouverão naquellas partes Dafrica.

CAPITULO LXXIII

*Doutra entrada que o Adail fez per terra de mouros,
e do que lhe aconteeço.*

ALGUNS dias depois desta victoria sahio o Adail Lopo barriga de çafim, com cento, e vinte de cavallo, com que foi ter aos mesmos Aduares de Iheabentafuf, onde descansou hum dia, e ao outro forão todos sobre hum castello que se chama Agaballo, que entraram per força, de que o primeiro que sobio foi Lopo barriga per huma lança, no qual acharão assaz de despojo, alem dalgumas almas que captivarão, com que se vieram aos mesmos Aduares. Esta presa mandou Lopo Barriga a Nuno Fernandes escrevendolhe que viesse ter com elle porque toda a terra era despejada, e nam ficava senam o castello de Algel, onde o Serife se recolhera depois que lhe destroirão Amagor, o que sabido per Nuno Fernandez aballou logo de Çafim com a mais da gente de guerra que ficara na cidade, e com ella Martim afonso de melo, que alli viera ter de Mazagam, determinado de neste Castello Dalgel cercar ho Serife, os quaes chegaram onde estavam Iheabentafuf, e Lopo barriga, que todos juntos aballaram ao outro dia contra o Castello de Algel, e sendo a duas legoas delle não se pode saber porque causa Nuno fernandez se tornou pera çafim, do que se bem arrependeo depois, porque sem duvida elle destroira o castello por quanto o Serife na mesma hora que soube de sua vinda fogio caminho de Sus deixando no castello hum seu irmão com xx de cavallo, mandandolhe que se os christãos viessem, lho

deixasse, e se fosse pera elle, mas como o Serife soube que se tornara do caminho, se veo outra vez meter no castello. Nesta volta mandou Nuno Fernandez a Lopo barriga que fosse sobre humas furnas que estavam perto do caminho per onde hia, as quaes foi sem as poder entrar, em que lhe mataram alguns dos que com elle foram, e outros deitaram dos rochedos abaixo, e assi se tornaram pera onde o capitão estava, tomando todos seu caminho pera Çafim. Mas nam passaram oito dias que Lopo Barriga nam tornasse a chamado dos mesmos Arabes a ver se podia tomar este castello de *Algel*, com os quaes, e com cento, e cincoenta de cavallo, que levava, e alguns besteiros, e espingardeiros de pe se foi assentar em uma ribeira, ao pe do rochedo daquella furna, ou lapa, que he tres legoas do castello. Estando assim depois de comer ouviram huma grande grita, pelo que se poseram todos a cavallo encaminhando pera onde vinham estes que gritavam, que eram alguns dos Aduares do Serife, que se vinham lançar com os nossos, aos quaes seguio alguma da sua gente ate vista dos nossos aduares, a quem Lopo barriga juntamente com os mouros de pazes sahio, e os seguiram todas estas tres legoas, ate chegarem ao castello que esta entre humas serras muito agras, e por se desmandarem alguns que chegaram ao pe do castello foi necessario socorreremnos, por ja andarem maltratados da gente do Serife, de que foram postos em tanto aperto ao recolher, que a mor parte assi dos christãos, como dos mouros de pazes se começaram a desbaratar, em que mataram alem dos mouros, dezaseis de cavallo Portuguezes dos quaes foi hum Sebastiam matoso natural de Castelbranco, homen mancebo, e tam esforçado cavalleiro que se vivera segundo o nome que ja tinha entre os mouros e christãos, viera a

ser homem de grande marca. Lopo Barriga foi tomado as mãos, e ferido, mas depois de tomado, e o cavallo morto, se salvou milagrosamente em outro cavallo dos mesmos que o derrubaram, e assi se tornaram todos pera as tendas descontentes, e maltratados. Mas logo ao outro dia determinou Lopo Barriga assi terido como estava de ir sobreste castello Dalgel, no qual caminho roubou alguns lugares dos que estavam ao redor, e assentarão suas tendas não muito longe do castello, onde estiverão tres dias sem lhes ninguem sair do lugar, mas em fim o fizeram alguns de cavallo, a quem a nossa gente seguiu o alcance ate o pe do castello, onde se recolheram em as tendas que alli tinham assentadas, as quaes nam chegaram os nossos, com receo dalguma cillada, com tudo matarão sete, ou oito delles, e lhe tomaram vinte, e cinco cavallos, e assi se vieram pera suas tendas, e ao outro dia pela manham as foram poer ao pe do lugar, tão perto que não avia antrelle mais que hum monte pequeno, e hum ribeiro. Estando assi os de dentro saíram a travar escaramuça com elles, no que andando os nossos Arabes viram assomar gente, a qual era do senhor da serra que em pessoa vinha com cento de cavallo socorrer o castello, pelo que se poseram os mais em fugida, deixando as tendas, mas Lopo Barriga com os Portugueses, e alguns poucos dos nossos Arabes ficou alli ate noite cerrada, pellejando em hum passo per onde esta gente de cavallo avia de passar, em que lhe mataram hum besteiro de pe Portugues, no qual os deteve ate alta noite. Dalli se veo assentar a mea legoa trazendo as tendas que os nossos Arabes desemparrarão, dos quaes morrerão aquella noite de frio mais de quinhentos, e em amanehecendo lhe vieram correr obra de xxx de cavallo, que fez fugir e lhes tomou hum cavallo. Isto assi fei-

to ao dia seguinte foi Lopo Barriga ter a Calcate, onde ajuntou alguns dos Christãos que andavão espalhados pelo campo, com que tornou pera çafim.

CAPITULO LXXIV

De como Nuno fernandez dataide, e dom Pedro de sousa forão sobela famosa cidade de Marrocos, e do que passaram nessa jornada.

PElo Adail Lopo barriga soube Nuno fernandez dataide como deixava todos os mouros de paz convidados pera o que lhe mandara dizer, do que bem informado, despachou Alvaro dataide com cartas de crença a dom Pedro de sousa capitão Dazamor, mandandolhe dizer sua tençam, o qual por lhe o negocio parecer de muito peso pera tratar per cartas, se veo ver com elle a çafim, onde assentaram o que aviam de fazer, o que concluido dom Pedro se tornou pera Azamor, e logo dahi a poucos dias teve Nuno fernandez recado per Incet banzamarro judeu, e Francisco Diaz Atalaia que mandara com negocios dissimulados aos de Garabia de como estava o Serife em Morrocos. O que sabido mandou logo recado a dom Pedro que a hum dia certo se achasse com sua gente nas Salinas, e o mesmo mandou dizer a Cide meimam, Xerquia Abida, e garabia ho que todos fizeram, os Dabida, com seiscentas lanças, os de Garabia com mil e os da xerquia com viii. centas, e dom Pedro de sousa com duzentas, e xx peães, e Nuno fernandez dataide com trezentas, e dez e xii. peães. Do qual lugar das Salinas, dizendo Nuno fernandez aos mouros onde os levava (do que forão mui ale-

gres) partiram todos hum Domingo xxii. dias do mez dabrill deste anno de MD.xv. e foram jantar a Bosdam que he dalli duas legoas donde as dez horas do dia tomarão seu caminho per hum campo grande e feroso, levando Nuno fernandez a sua mão esquerda, xerquia, e Abida, e Garabia, a direita, ficando a gente Portuguesa entrelles, com que juntamente chegou com tres horas de sol a Mezerete, onde achou alguns xarquos dagoa roim, de que todos beberam. Naquelle lugar tiveram Nuno fernandez dataide, e dom Pedro de sousa, conselho com os xeques de toda esta companhia de mouros, pera saberem per qual porta da cidade de Marrocos a irião cometer, e assentaram que fosse per huma a que chamão de Side Belabeceti a que lhes parecia que poderião chegar com menos perigo, o que dom Garcia deça çuleima contrariou dizendo que o nam fizessem, porque antes de chegarem a ella avião dachar muitas açequias, e matamorras que lhes aviam dempedir o caminho, mas que fossem cometer a porta que se chama de Fez porque era a mais direita do caminho em que estavam, e melhor terra, o que a todos pareceo bem. Tomada esta conclusam partiram de Mezerete depois de cea, e foram repousar a huma legoa de hum rio que passarão em amanhecendo, os Christãos primeiro, e a pos elles xerquia de que era Capitam Side Meimam, e por nam travarem estes mouros huns com os outros, por alguns desconcertos que aquelle dia tiveram mandou Nuno fernandez com elles Luis Gonçalvez, e o almoxarife seu cunhado com alguns Portugueses, o mesmo fez com Abida, e Garabia. Passando o rio que seria menhã clara, viram per riba de huma serra hum Alcorão dos da cidade de que dizem que a nella mais de cento, dalli commeçarão de caminhar em ordem dando Nuno fernandez dataide o guião a seu

genrro dom Afonso, e a bandeira a Alvaro dataide com a outra gente. Dom Pedro de sousa fez da sua duas azes, com que hia a mam direita de Nuno fernandez, e Abida, e garabia diante, e amam esquerda Xerquia. Nesta ordem abalaram todos per huma terra cham de moutas, e mato raro, tendo já Nuno fernandez mandado diante Diogo Lopez almocadem com dous mouros a descobrir, e nas costas delles fernão Dominguez, com alguns besteiros, e espingardeiros. O Almocadem com os dous mouroa entrou dentro da barreira ate chegar a huma mezquita que esta defronte da porta de Side bellabeceti, per onde dom Garcia deça çuleima dixe que nam comessem, que achou ser como elle dixerá, e com esse recado se veo a Nuno fernandez o que sabido assentaram no que tinham ordenado de ir cometer a porta que se diz de Fez, abalando logo de longo de dous outeiros questam junto de Marrocos, passando pela colada dentrambos, onde os mouros de pazes fizeram huma fermosa mostra, de que os Portugueses se contentaram mais que não ja os da cidade parendolhes que detras destes ficavam muitos mais, e porque Nuno fernandez ouve medo que os imigos tivessem talhado o caminho, e feitas algumas acequias, e matamorras, mandou a Luiz gonçalves, e Lourenço mendez que passassem a diante ver se achavão algum impedimento que lhe estorvasse chegar, e recolherse, se necessario fosse, o que fizeram tornando com recado que podia passar a diante, que se da gente que saisse da cidade nam lhe recressesse perigo que do mais estava seguro, então mandou a doze dos de Garabia, que corressem ate as portas, pera ver se lhe saiam os da cidade. Despedidos estes corredores abalou o exercito, indo dom Pedro de sousa pela estrada com suas batalhas, e Nuno fernandez dataide por

cima de um pam muito fermoso, que se regava da goa de dous canos que vem da rio, os quaes passaram per humas quebradas que tinha per que cabiam dous a dous, trez a trez de cavallo, ate se poerem em hum rosio duas carreiras de cavallo da porta de Fez. Dom Pedro se pos mais acerca do muro que Nuno fernandez, por a estrada por onde hia lhe dar pera isso lugar, Xerquia ficou a mam esquerda de Nuno Fernandez, a porta dos cortidores, Garabia a porta de Cide belabecetij, que era mais perigosa de todas pelas acequias, e matamorras que tem, Abida a porta do Rob. Os da cidade, em que avia muita gente de guerra, sairam pela porta de Fez aos corredores que Nuno fernandez mandara, e o mesmo fezeram pelas outras trez portas, em tanta cantidade que tiversm os nossos assaz detrabalho em soste o peso da gente, e revolta da escaramuça em que Cide meimam foi ferido em huma perna, e o adail Lopo barriga cahio com o cavallo e passara mal se lhe não acudira seu sobrinho Pero barriga, e os de Garabia, dos Mouros morreram alguns, assi dos de pazes, como dos da cidade. Esta peleja durou mais de quatro horas, e foi tanta a multidad de gente de pe, e cavallo que sahio da cidade, que Nuno fernandez e dom Pedro tomarão por partido recolherensse em boa ordem a hum porto do rio que esta junto da cidade, com todos Mouros de pazes, em que ouve muitas voitas, de huma, e da outra parte com mortos, e feridos de cada huma dellas. Depois de serem no porto por ser tam estreito que nam podiam passar se nam dous, e trez apar, os da cidade os começaram a dapertar mais, o que vendo Nuno fernandez pedio a dom Pedro que tivesse conta com os que passavam, que elle faria rosto aos da cidade, e hos deteria ate que todos fossem alem do rio, o que se fez com as-

saz trabalho, mas posto que o aperto fosse grande dos nossos não morreo nenhum com tudo alguns foram feridos, dos Mouros de pazes morreram dez, ou doze, e foram muitos feridos por que estes se meteram na escaramuça mais que os Christãos, e fizeram o mais do negocio. Passado assi o vao, caminhando o exercito em sua ordem, os da cidade como afrontados de serem tantos, e lhe virem correr as portas, e sobre todos hum alcaide que alli estava del Rei de Fez passaram o mesmo vao, vindo quasi afio commeter a nossa gente, aos quaes sendo ja o campo mea legoa alem do rio voltaram Abida, e Garabia, e apos elles os da Xerquia com alguns Christãos, que se desmandaram da ordenança, e os fizeram voltar ate o rio, em que lhe mataram dous cavalleiros, e dez cavallos, de que hum foi o Alcaide del Rei de Fez, o que feito se tornaram perà bandeira, que com os mais Christãos estava esperando por elles em hum teso, donde logo Nuno fernandez dataide, e dom Pedro de sousa aballaram, e foram cear em huma ribeira que se chama Ihenim Iubem hahabras, quatro legoas do porto. Dali foram ter a Ebabuguederem, e Hagosdem, onde estiveram huma noite, e ao outro dia foram jantar a Tazarote, onde os de Oledambrão lhes mandarão hum grande presente de vacas, carneiros, galinhas, pam e fructas, do qual lugar foram dormir a Almedina em companhia de Side meimam, que posto que viesse ferido festejou a todos mui magnificamente. Dalmedina tomou dom Pedro de sousa seu caminho pera Azamor, e Nuno fernandez dataide pera Çafim, onde chegou as cinco horas depois de meo dia, avendo ja oito que dali partira. Os Portugueses conhecidos que se acharam nesta jornada, de que pude alcançar os nomes, sam dom Afonso gentro de Nuno fernandez,

dom Garcia deça çoleima, dom Pedro de Noronha, Martim afonso de mello, Christovam de mello, dom Francisco dazevedo, Joam brandam, Emanuel de mello, Pero lourenço de mello, o Adail Lopo barriga Pero barriga seu sobrinho, Vasco de pinna, Alvaro do Tojal, Diogo lopez almocadem, Duarte lopez seu irmão, Luiz gonçalves, o Almojarife seu cunhado, o Feitor, o Contador Nuno gato, Alvaro dataide, Lourenço mendez, e Emanuel cerqueira, Diogo de faria, Sebastiam lopez, Fernam dominguez, George mendez dataide Ioam ferreira, Pero dataide, Emanuel dataide, e Gonçallo de sousa. Aos mais que se nesta entrada acharam, a quem a negligencia dos que tinham a cargo descrever estas cousas a el Rei cegou a gloria que elles juntamente merecerão com os nomeados, são tam bem dignos de muito louvor, por chegarem per terra de tantos imigos a huma tal, e tam memoravel cidade, e tam metida no sertam como o esta de Marrocos he, de quem os escriptores antigos e modernos, Gregos, Latinos, e Arabios, tantas, e tam memoraveis cousas tem ditas, do que tudo he digna de muitos mais louvores, se os della mores quisessem poer por escripto.

CAPITULO LXXV

De como dom Ioam coutinho, Capitam Darzilla, e dom Duarte de Meneses, capitam de Tanger foram sobre Alimbilia, e a destruíram.

A Limbilia he huma grande aldea, situada na serra do Farrovo, na fralda della, cinco legoas Darzilla, pera onde descobre de rosto. Sobresta aldea, de que ja tratei, foi algumas vezes dom Vasco coutinho Conde de Borba para a destruir por dali correram muitas vezes os Mouros o campo Darzilla, fazendo as mais vezes muito dano ahos nossos, no que continuando, seu filho dom Ioam coutinho, agastado destas entradas que acostumavão fazer os mouros desta aldea, com outros que se com elles ajuntavam determinou de a destruir, e porque pera este negocio avia mister mais gente da que então tinha em Arzilla, escreveu a Tanger a dom Duarte de meneses pedindolhe que se juntassem ambos para irem sobrella, o que fizeram aos sete dias do mez de Maio deste anno de M. D.xv. os quaes tomando seu caminho, do lugar em que se ajuntarão, mandaram correr Almogavres da banda da serra contra Arzilla pera azedarem os Mouros, e os trazerem ate virem cair em huma cilada em que se avia de poer dom Duarte com sua gente, na qual, por o caminho ser mais comprido do que cuidavam senam pode lançar, por lhe amanhecer antes que la chegasse. Os mouros da aldea nam arrecearam de decer abaixo, onde tinhão suas tranqueiras, aos quaes dom Duarte sahio por baixo da serra, e dom Ioam de huma ribeira onde se lançara, os quaes

seguindo tras elles pelo outeiro arriba chegarão a som de trombetas a aldea, posto que os Mouros antes de os commeterem, zombando da nossa gente os chamavam como por desprezo dizendo-lhes que subissem pera riba que la achariam quem lhes respondesse, do que anojados, bradando, arriba, arriba os levaram até aldea, fazendo-os sahir pela outra banda, e assi foi ganhada e tomado o despojo que poderam levar. e lhe poseram o fogo, e a todalas outras que ha dalli ate o rosto de Benanifa, por cima da serra da outra banda de Tanger e assi a outras contra Benamaçar, e lhe queimaram duas mui fermosas mesquitas, e as casas de çalabem çala capitam que fora de Septa, quando a el Rei dom João primeiro tomou, que tinham as portas encouradas, e ferradas de grossos cravos de ferro, de maneira que destruíram quasi toda a serra do Farrovo, sem nenhum dos cavalleiros que nella moram, em que ha muitos, e bons ousar de sair a nossa gente, trabalhando cada hum de se salvar o melhor que pode pelo que não captivaram mais de xv, e matarão dez. Fez esta entrada tanto espanto per toda a terra, e foram disso taes novas a el Rei de Fez que com toda a gente de sua cevadeira, e outra se veo paràquellas partes, receoso que passassem os Christãos alem da serra do Farrovo, ao qual dom João coutinho lançou huma cilada, sendo ja da outra banda da serra contra Arzilla, mas o negocio lhe succedeo ao contrario do que cuidava, porque se não encontrou com el Rei nem com nenhuma da sua gente. Os nomes dos cavalleiros que se neste negocio Dalgubilia acharam nam ponho aqui, não por minha culpa, senam pela da carta que o mesmo dom Ioam coutinho escreveu a el Rei, na qual de nenhum delles faz mençam.

CAPITULO LXXVI

De huma armada que el Rei mandou ao rio da Mamora, de que deu a capitania a dom Antonio de Noronha seu scrivão da puridade pera na boca deste rio fazer uma fortaleza.

A Cousa que el Rei sobre todas mais desejava era ter na costa do mar da Barbaria muitas villas, e lugares, e porque ja tinha mandado sondar ho rio da Mamora, e informaçam per espias do lugar mais seguro, em que na boca delle se podia fazer uma fortaleza, ordenou neste anno de M.D.xv, mandar a este negocio dom Antonio de Noronha seu scrivam da puridade, que depois foi Conde de Linhares, irmão de dom Fernando Marques de villa real, e a successão se dom Antonio fallecesse nesta viagem, deu a dom Nuno mascarenhas, levando mais em suas instruçoens, que acabada a fortaleza da Mamora, dom Antonio lhe desse navios, e trez mil homens para ir fazer outra fortaleza em Anafe a qual fortaleza desejava el Rei tanto tella naquellas partes, que por esse so respeito ordenou de mandar esta armada a Mamora, pera que acabada esta se fizesse a outra com menos trabalho, e perigo, no que deu manifesto sinal, depois do desbarato desta gente que foi a Mamora, porque sendo no mez Dagosto, logo determinou de Setembro do mesmo anno mandar dom Vasco coutinho Conde de Borba com huma armada a fazer esta fortaleza de Anafe, o que nam ouve effeto, posto que pera isso ja el Rei tivesse feita alguma despesa, e dadas as instruções ao Conde do que avia de fazer na viagem. Mas tor-

nando a esta armada de que era capitam geral dom Antonio de Noronha, hião nella mais doito mil soldados afora officiaes que avião de fazer a fortaleza, marinheiros, e moradores pera la ficarem com suas molheres, e filhos, na frota averia duzentas velas, entre naos, navios, gales, e fustas, com a mor parte da qual partio de Lisboa, aos xiii dias do mes de Junho dia do bemaventurado Santo Antonio donde foi ter ao cabo de sancta Maria, e alli esperou ate os vinte do mesmo mes per dom Alvaro de noronha, e pola gente do Algave. Os quaes todos juntos se fez a vela, e o primeiro lugar que viram Daffrica foi Larache, que os da frota quizerão cometer se lho dom Antonio consentira, que por evitar o alvoroço que sobre isto se ja fazia mandou correr de longo da costa, e aos xxiii dias de Junho vespera de S. Ioam baptista chegou a barra do rio da Mamora, huma hora ante sol posto. Os capitães, e pessoas conhecidas que hiam nesta armada, de que pude alcançar os nomes, forão dom Nuno mascarenhas, dom Afonso dataide, dom Alvaro de noronha, dom Bernardo Emanuel camareiro mor del Rei, dom Gaspar, dom Ioão de Noronha da ilha da Madeira, Garcia de mello anadel dos besteiros da faldilha, Pero dafonseca, Laçarote de mello, Antonio de saldanha, dom Rodrigo de noronha, D. Pedro dazevedo, dom Antonio seu irmão, Duarte de lemos, Pero moniz, dom Antonio de sousa, Tristam da silva, Rui de mello, Simão gelez senhor da torre de donna Chamor, Francisco lopez gyram, George correa, Christovam leitam, Fernão vaz corte Real, Vicente de mello, Antonio real, Gaspar de paiva, Ioão serrão, Inacio de bulhões, Diogo berrio, Pero berrio, e Ioão martinz dalpoem seus sobrinhos, Stevão barroso, Icão da costa, Balthasar de sequeira, Rui varella, Rui de farão, Pero vieira,

Pero gonçalves de tavora, Diogo butaca, que hia por mestre da obra da fortaleza, Pero bentes, e o Charino. Surta a armada, mandou dom Antonio a Diogo berrio que com a sua caravella, possesse de huma banda da barra a fusta de Pero bentes, e da outra a do Charino, com os quaes foi Antonio de saldanha, e a Berrio mandou que como isto fizesse entrasse primeiro que todos pela barra dentro, e fosse ancorar no lugar onde se avia de fazer a fortaleza segundo o regimento que pera isso levava del Rei, e apos elle mandou que entrassem João martinz daIpoem com a sua caravella que levava carregada dartelharia, e tras elles Tristão da silva, Rui de mello, Christovam leitão, coroneis da gente da ordenança, aos quaes seguião os capitães. Depois da frota ser dentro, Diogo berrio foi mostrar a dom Antonio o lugar em que se avia de fazer a fortaleza, ho qual a juizo de todos pareceo pouco conveniente pera isso, pelo que assentarão que se fizesse em outro mais perto da foz em que havia fontes dagoa, e melhor posto para desembarcarem, no qual mandou lançar em terra dous esquadrões da gente dordenança, e huma villa de madeira que levava, e outros petrechos necessarios, o que se tudo fez na mesma noite que entraram, e logo ao dia seguinte depois de ter armada a villa de madeira se começou de entender no fazer da fortaleza, no que todos ajudavam assi capitães, como toda a outra gente, com tanta diligencia, que em poucos dias fizeram a cava de catorze palmos de altura, e vinte de boca, em que tomavam ha agoa de mare, e soltavam quando queriam. Procedendo assi a obra, os mouros creciam cada dia, porque Moleinacer Rei de Mequinez, que he duas jornadas, donde se esta fortaleza fazia acudio com trez mil de cavallo, e trinta mil de pe, e o mesmo fez Molei mahamed Rei de

Fez, com muito maior companhia de maneira que era tamanho o exercito que trazião que cobria a terra, duas legoas ao redor. Com tudo dom Antonio nam deixava proceder na obra da fortaleza, e ha acabou quasi de todo antes dentrar o mes Dagosto, posto que com muito trabalho porque os mouros os vinham cada dia cometer, aos quaes era forçado sairem os nossos, em que ouve recontros com morte de muitos de huma, e da outra parte, e em hum delles mataram os mouros dos nossos mais de mil, e duzentos. E porque o mor danno que os Reis de Fez, e Mequinez recebiam, era dos navios da frota que entravam, e sahiam pela barra, porque alem de trazerem mantimentos, e cousas necessarias pera a obra da fortaleza, varejavam com a artelharia os do seu arraial, mandarão fazer na entrada do rio huma estancia muito forte, donde com a artelharia defendiam o passo a todos estes navios, ao que dom Antonio acudio com huma nao grossa forrada de vigas, e sacas cheas de lãa, estopa, algodam ate o lume dagoa, pera receber os tiros que vinhão da estancia e lhe responder com outros, e os navios passarem a salvo por detras della, a capitania da qual nao, e de tres caravellas, que defendiam este passo, depois de outros a soltarem pelo muito danno que recebiam da estancia deu dom Antonio per derradeiro a Gaspar de paiva que a sosteve trinta dias, ate de todo os mouros meterem a nao no fundo, que foi huma das causas de todos começarem a perder a esperanza de poderem mais soste a fortaleza, por lhe começarem per este respeito de faltar os mantimentos, e ser ja morta, e ferida muita gente, alem da que estava doente, e ter dom Antonio recado del Rei dom Emanuel, pelas informações que lhe escreveo do que passava, que se os outros capitaens assentassem que se devia de deixar a forta-

leza o fizesse, e se tornasse pera o regno, no que todos consentindo, a soltaram em dia de sam Lourenço dez dias Dagosto, em que a desordem com que se tudo fez foi causa de morrer muita gente a ferro, e afogada na vasa do rio, e se perderem mais de cem navios, que per mau governo foram dar na praia; de maneira que se achou per conta morrerem nesta viagem quasi quatro mil homens afora muita artelharia, mantimentos, e muniçoens de guerra que ficaram na fortaleza, e se perderam nos navios que deram em seco, alem de muitas mulheres, mininos, e outra gente que ficou captiva em poder dos Mouros. Esta foi a mor perda de gente, e munições de guerra que el Rei dom Emanuel ouve em todo ho tempo de seu regnado, ha qual nova lhe foi dada em Lisboa, e a recebeo com muita paciencia, dando por isso graças a Deos, como o sempre fez em todolos casos prosperos, e adversos que lhe aconteceram.

CAPITULO LXXVII

De como el Rei mandou Lopo soarez dalvarenga por governador a India e do que na viagem passou ate chegar a Cochim.

AFONSO dalbuquerque fazendo pouco caso de muitos capitulos e más informações que del-le mandavam a el Rei pessoas que per sua virtude, e esforço lhe tinham enveja, misturada com odio confiando na bondade del Rei, e nos muitos, e estremados serviços que lhe tinha feitos, lhe pedio per suas cartas, que havendo respeito a ter post

quasi toda a costa da India a sua subgeiçam, com muitas cidades della, Reis, e senhores lhe pagarem pareas, e tributo e serem seus vassallos, confederados e amigos, entre os quaes erão Ormuz, Goa, Malaca de que podia fazer conta como de cousa sua propria, ouvesse por bem lhe fazer merce de titulo de Duque de Goa, na qual cidade desejava de se apousentar, e repousar de tantos trabalhos quantos tinha tomados por seu serviço. No despacho deste requerimento pode tanto a industria dos contrarios de Afonso dalbuquerque que não tam somente desviaram el Rei da boa vontade que lhe tinha, mas ainda lhe deram a entender que hum tal requerimento trazia consigo sospeita de se querer fazer tyranno, e alevantarsse com Goa, onde tinha muitos criados, e achegados moradores, e officiaes que lhe queriam como a pai, e que sobre tudo isto tinha a vontade dos naturaes da terra de que era amado, e querido, e que tendo esta cidade por si, com os castellos, e fortalezas da ilha se alliaria com o çabaim dalcão e com el Rei de Narsinga, e outros senhores do sertam, e da costa, o que se fesesse viria pouco a pouco ser tão ponderoso, que os da terra se erguerião com elle, e os Portugueses que la andavão obedecerião mais a seus mandados que aos de sua Alteza. Os quaes pareceres fezerão tamanha mudança em el Rei, que nam tam somente lhe quis conceder o que pedia mas antes assentou de o fazer vir pera o regno, e mandar por governador Lopo soares dalvarenga, parecendo-lhe que na execuçam de fazer embarcar Afonso dalbuquerque faria todalas diligencias necessarias, por saber que nam era muito seu amigo, assentado isto se deu pressa a armada que aquelle anno avia de ir perà India, que era de treze naos, na qual alem dos mareantes foram mil, e quinhentos soldados, em que

entrava muita gente nobre. Os capitães das naos erão o mesmo Lopo soarez, Christovam de tavora, dom Goterre de monroy, Simão da sylveira dom Garcia coutinho Francisco de tavora, Alvaro telez barreto, dom João da Silveira, George de britto, Alvaro barreto, Simão dalçaçava, Diogo mendez de vasco goncellos, e Lopo Cabral. Com Lopo soarez hia Fernão perez dandrade na nao de seu cunhado Francisco de tavora provido da capitania de huma armada que el Rei ordenou que se mandasse a China, e que fossem com elle nomeadamente George mascarenhas e Jananim rabelot que avia de ficar por feitor em Pacem, per onde Fernam perez avia de passar. E porque estava receoso, assi pelas novas que teve da viagem que Afonso dalbuquerque fez ao mar Darabia, como per cartas que lhe vieram de Rodes, que mandava o Soldam de Babilonia fazer em Suez, e no Thor naos, e gales pera mandar a India, encommendou muito a Lopo soarez que uma das primeiras cousas que fizesse depois de ter despachada a armada em que havia de tornar pera o regno Afonso dalbuquerque, fizesse huma viagem ao mar Darabia, e trabalhasse muito por queimar, e desbaratar aquella do Soidão; e porque lhe mandou que sem duvida nenhuma posesse em obra esta viagem, parecendolhe que era este o proprio tempo em que devia de despachar Matheus embaixador da Rainha Helena, mãi do Emperador da Ethiopia Rei do Abexi, o mandou em sua companhia, e com elle por embaixador ao mesmo Rei, Duarte galvam fidalgo de sua casa, e do seu conselho, homem de dias muito prudente, que o servira, e a el-Rei dom Ioam segundo, em muitas embaixadas nas cortes dos papas, e do Emperador Fedrique, e Maxemiliano seu filho e dos Reis da França, e Inglaterra, e em outros muitos negocios, de que sempre

deu boa conta, do qual Duarte galvam tenho tratado na Chronica do Principe dom Ioam filho del Rei dom Afonso quinto, onde fallo na tomada de Cantalapedra, pelo que aqui não direi o demais das calamidades, e partes dignas de louvar que nelle avia, mas de sua embaixada tratarei na quarta parte desta Chronica. Prestes a frota, Lopo soarez partio do porto de Lisboa aos sete dias Dabril deste anno de M.D.xv, e sem lhe na viagem acontecer cousa que seja para contar, chegou com toda a armada a Moçambique, onde achou duas naos de que eram capitães Luiz figueira, e Pedreanes, dalcunha Frances, que el Rei o anno passado, no mez de Julho mandara do regno a ilha de S. Lourenço, pera no porto de Matatana fazerem huma fortaleza, o que não avendo effecto, se vieram do mesmo porto, onde estiverão seis meses a Moçambique com algum gengivre, e embar que resgatarem. Tomadas em Moçambique as provisoiens, e refrescos necessarios para a armada, e despedido Christovam de tavora pera çofalla, donde hia provido por capitam na vagante de Sancho de thoar que la estava Lopo soarez se partio, levando consigo as duas naos que alli achara, e a de que viera por capitão Christovam de Tavora deu a Fernam perez dandrade, e sem tomar mais porto chegou ao de Goa a dous dias de Septembro deste mesmo anno onde logo deu a posse da capitania da cidade a dom Goterre de monrroy que della hia provido na vagante de dom Ioam deça, e despachou George de britto pera Malaca, que levava a capitania na vagante de George dalbuquerque, com quem mandou Antonio pacheco, que hia provido da capitania do mar, e mandou Diogo mendez de vasco goncelos a Cochim, que hia provido da capitania, e feitoria, pera dar aviamento a George de britto, e co-

meçar logo dentender na carga das naos que aviam de tornar para o regno, nestes negocios, e em outras cousas que proveo em Goa, se passarão doze dias. O que feito se partio gera Cochim, e de caminho foi a Cananor, onde deu a posse da capitania da fortaleza a Simão da silveira que a levava per vagante de George de mello que então acabava, e a de Calecut que então servia Francisco nogueira, deu a Alvaro telez barreto. Chegado a Cochim foi mui bem recebido de todos, pelo cargo que levava mas com desgosto secreto dos mais, pelo bem que queriam a Afonso dalbuquerque, e sobre todos del Rei de Cochim, que tomou muito mal mandalo el Rei da India, o que deu bem a entender no pouco gasalhado que fez a Lopo soarez a primeira vez que se viram, que foi muitos dias depois de sua chegada, de cuja amizade em quanto esteve na India fez sempre pouco cabedal dizendo muitas vezes em pratica aos seus, e alguns Portuguezes com que fallava familiarmente, que pois Lopo soares era forte de sua condição que o mesmo faria elle, e o trataria, nam como o fezera a Afonso dalbuquerque, porque sempre cada hum delles quisera o que outro queria, com a qual conformidade de vontades, todos eram contentes, e el Rei dom Emanuel seu irmam melhor servido, e sua fazenda acrecentada.

CAPITULO LXXVIII

Do nascimento do Infante dom Duarte, e das calidades de sua Real pessoa, e filhos que deixou.

ESTANDO el Rei em Lisboa pario a Rainha dona Maria sua molher nos paços da ribeira, o Infante dom Duarte, aos vii dias do mez de Setembro do anno do Senhor de M.D.xv. O qual Principe foi mui inclinado a letras, e armas, grande caçador, e monteiro, e muito musico, era tam dado ao monte que por matar hum porco montes, ou hum veado dormia muitas vezes vestido no campo, do que reprehendido, per hum seu familiar, lhe respondeu que os homens não podião bem exercitar a guerra se na mocidade senão acostumassem ao trabalho da caça, porque com este se faziam abiles pera poderem sofrer todolos outros. Foi casado com dona Isabel, filha de dom Iames Duque de Bragança mulher mui discreta, bem inclinada, dotada de muitas virtudes, e muito Catholica Christãa. Este casamento contratou el Rei dom Ioam terceiro, com dom Theodosio irmão desta senhora, sendo já seu pai delles ambos falecido, ho qual dom Theodosio, pelo grande amor que lhe tinha, e desejo de a ver casada com hum tam virtuoso Principe, entre outras cousas que lhe deu em casamento, foi a villa de Guimarães, com o titulo de Duque. Forão estas vodas celebradas no anno do Senhor de M.D.xxxvi. annos, em Villaviçosa, lugar do mesmo Duque as quaes el Rei foi presente com os Infantes seus irmãos, e os mais dos senhores destes regnos. O aparato destas festas foi tamanho que com assaz trabalho o podera

hum Rei fazer com mor magnificencia. Viveo este Principe depois de casado quatro annos, com muito amor dantrelle, e sua molher. Falleceo na cidade de Lisboa em humas casas que estam apar dos estaos, onde el Rei seu irmam entam pousava, deixando de seu matrimonio duas filhas, dona Maria que casou com dom Alexandre Farnes, Principe de Parma e dona Catherina que casou com dom Ioam Duque de Bragança, Princezas dignas de muitos louvores pelas grandes calidades, e virtuosas partes que em cada huma dellas ha. E a infante ficou prenhe de quatro meses da qual emprenhidão pario em Almeirim no mez de Março seguinte, depois do falecimento do Infante hum filho a que poseram nome dom Duarte, que he ao presente condestabre destes regnos, e Duque de Guimarães, Principe em que a natureza ategora tem dado mostras de boa speranza que se delle pode ao diante ter. Antes que este virtuoso Infante dom Duarte falecesse, ou por revelação ou per qualquer outro modo, dixe a seus irmãos, e alguns seus criados, e familiares o tempo em que avia de morrer, e se lho querião despersuadir então lho afirmava mais. Foi mui devoto, e abstinente, e trouxe muito tempo hum silicio entre a carne, e a camisa, com tanto segredo que nunca se pode saber pelas pessoas que o vestiam, e despiam, senam per ocasiam, poucos dias antes que falecesse. Estando doente, depois de ter recebido os Sacramentos da Igreja, e feito todolos actos de Christão, dixe hum segunda feira aos que com elle estavam, que dali adous dias avia de morrer, o que assi foi, porque spirou a quarta entre as dez, e onze horas do dia, havendo onze que adoecera. Falleceo aos vinte dias Doctubro de M.D.xxxx, em idade de xxv. annos, levaramno a enterrar ao Mosteiro de Bethlem os ir-

mãos da Misericordia, acompanhado de toda a Corte, Ordens, e Cleresia da cidade.

CAPITULO LXXIX

De como por mas informações George dalbuquerque mandou degolar por justiça el Rei de Campar e de huma batalha que os nossos ouveram no mar com a gente del Rei de Bintam.

A TRAZ fica dito como no começo do anno de M.D.xiiii. despachara Afonso dalbuquerque seu primo, e o que passou no caminho ate la ser, e de, como deu a posse do edificio de Bendara a el Rei de Campar com titulo de Macubume, que he dignidade como entre nos Vicerei, por cujo respeito se matou a si mesmo Ninachetu, que servia o officio de Bendara. Morto Ninachetu, estando el Rei de Campar em posse pacifica deste officio, e a terra toda contente do modo, e ordem que tinha assi com os Mouros como com os Gentios, el Rei de Bintão, pola grande perda que recebia por todo o trato daquellas provincias se reduzir a Malaca, determinou per qualquer modo que podesse lhe ordenar a morte, posto que fosse seu genrro; e porque sabia quão bem quisto era, assi dos Christãos, como dos Gentios, e mouros, pela qual causa acharia mui difficoltosamente quem per dinheiro o quisesse matar a ferro, ou com peçonha, tomou outro caminho bem dissimulado, e mui desviado deste, mandando aos capitães de suas lancharas que tomassem alguns barcos de Malaca, e lhos trouxessem com a gente, o que elles fizeram per algumas vezes, aos quaes depois de os

trazerem a Bintam elle fazia muito gasalhado, reprehendendo perante elles os capitães que lhos traziam dizendolhes que bem sabião que elle era rei de Malaca, que lhe os Christãos tinham tomada per força, e que aquelles que lhe assim traziam presos erão seus vassallos que lhes mandava que dalli por diante, onde quer que os achassem lhes fizessem muito boa companhia, porque fazendo o contrario os mandaria castigar, isto per palavras tão asperas, que parecia aquelles que lhe levavão presos ser aquillo a mesma verdade, aos quaes mandava dar de comer o tempo que ali estavão, e fazia merces dizendolhes que se fossem embora, que sperava em Deos ser cedo senhor de Malaca, como o já fora, por lho assi ter prometido Abedalla seu filho Rei de Campar, per cuja industria, e saber sperava antes de poucos dias, não tão somente cobrar a cidade, mas ainda a fortaleza, e matar todos os Christãos que alli achasse. Estas novas se comçaram despalhar em Malaca de humra pessoa em outra ate chegarem ao capitão George dalbuquerque, e a Bartholameu perestrello, que então chegara da India provido de feitor, e provedor da fazenda, do qual os filhos de Ninachetu erão grandes amigos, que por vingarem a morte do pai lhe affirmaram ser aquella nova verdadeira, e que tinham disso certeza, e avisos que lhe mandarão de Bintam alguns navios que la tinham. Com esta informaçam que teve por verdadeira, se foi Bartholameu perestrello a George dalbuquerque, que o tambem quis saber dos mesmos filhos de Ninachetu, os quais se o bem afirmarão dantes, muito milhor o fizeram entam, pelo que a instancia de Bartholameu perestrello, que foi o accusador principal deste innocente Rei, assentou de o mandar degolar per justiça. O que concludido entrelles ambos, e alguns outros que os queriam compra-

zer, sem nenhuma forma, nem ordem de justiça mandou a George botelho que fosse a sua casa, e lho trouxesse preso, do que se elle excusou, porque era seu amigo, e o conhecia por bom homem, e leal aos Portugueses, dizendo a George dalbuquerque que nam acertava em fazer o que fazia, porque alem del Rei de Campar ser innocente do que lhe punham na cidade per sua morte avia daver mais revoltas, e trabalhos dos que ouvera pela morte de Utetimutaraja que Afonso dalbuquerque mandara justiça. Mas estas razões não o poderam devirtir do que tinha assentado, mandando a George botelho, que sopena de caso maior e perda de todos seus officios, e bens fosse da parte del Rei logo prender el Rei de Campar, e lho trouxesse dentro a fortaleza, o que assi fez, dissimulando com elle, dizendolhe que o mandava chamar o capitão para tratarem cousas que cumprião a serviço del Rei, e bem da cidade. Depois de ser na fortaleza, o capitão o começou de reprehender dos erros, em que lhe dixeram que caira, e lhe fez ler a inquirição que disso mandara tirar, o que elle tudo contrariou, pedindo que lhe dessem tempo pera provar, que aquillo que lhe punham era falso, e enganos del Rei de Bintam seu sogro, pelo desgosto que tinha delle servir de Bendara, e Macubume daquella cidade, o que lhe nam aproveitou, porque nem lhe derão lugar a prova, a qual elle pedio que lhe deixassem dar da cadea, nem ouvir testemunhas que logo appontou pera se saber que era innocente, sem culpa do que lhe punham, mas antes foi logo com boa guarda levado da fortaleza, com pregam a praça, onde o degolaram, pedindo publicamente, diante de todo o povo que alli estava, justiça a Deos de quem o fazia morrer sem causa. O castigo da qual injustiça parece que quis logo Deos executar, mostrando ser

ha mor parte da culpa da morte daquelle innocente de Bartholameu perestrello, porque xvii dias depois de o terem justigado morreo elle de morte muito acelerada, exemplo para os homens deverem de seguir mais a razam, e verdade, que não os appetites da vontade, misturados com vingança. Esta morte del Rei de Campar foi muito sentida pelos mais de Malaca, por ser mui bemquisto, e tratar sempre seu officio com muita justiça, e verdade, do que succedeo que desconfiados os mercadores da fe dos Portuguezes, poucos a poucos se começaram dissimuladamente a sair da cidade dando novas do que passava, pelo que nenhum mercador ousava vir a Malaca, de modo que em pouco tempo ouve tanta falta de mantimentos que perciam muitas pessoas a fome, a qual necessidade quis o capitão acudir com o credito, e industria de George botelho que mandou ao rio de Siaca com hum navio, e duas lancharas, o qual por ser muito conhecido por todas aquellas partes, e tido por homem de verdade, e saber bem a lingoa, fez tanto com hum senhor dos principaes que vivem por aquelle rio a riba (posto que fosse subjecto a el Rei de Bintão) que ouve por bem os das suas terras tornarem a levarem mantimentos a Malaca, e quaesquer outras mercadorias que tivessem, e o mesmo alcançou do senhor de Menancabo, que he quasi na ponta da ilha de Samatra, defronte de Malaca, da banda do Sul donde vem aquella cidade ouro de humas minas, em que a boa cantidade delle, o que tambem fezerão por amor delle outros senhores daquellas comarcas ao redor, de maneira que assi as mercadorias, como as virtualhas tornaram em poucos dias ao preço que dantes tinham. Andando assi occupado nestes negocios mandou el Rei de Bintam dizer por hum mensageiro ao Senhor de Siaca seu vassallo, que se lhe

desse a cabeça de George botelho, o casaria com hum sua filha, porque elle era o que lhe fazia a guerra mais que nenhuma outra pessoa, o que quizeria poer em obra, mas a traição lhe foi descoberta per hum homem daquella comarca que fora seu captivo, e elle soltara sem lhe levar resgate. Traz este messageiro, que el-Rei de Bintam mandou a Siaca, despachou doze lancharas pera irem em busca de George botelho, do que Georçe dalbuquerque foi avisado, pelo que mandou armar nove lancharas, de que deu a capitania a Francisco de mello o galego dalcunha, pera se ir ajuntar com elle onde quer que estivesse. Os outros capitães eram Francisco fogança, Ioam salgado, Carlos carvalho, Christovão dias, Diogo mendez, Diogo diaz, e outros dous Portugueses. O que sabendo el Rei de Bintão, mandou logo sair, alem das doze lancharas que ja tinha mandadas sobre George botelho xxiv, pera irem pellejar com Francisco de mello, com as quaes todas se encontrou, e ouve hum cruel, e brava batalha em que os desbaratou, e matou muitos delles, mas nam foi sem perda dos nossos, dos quaes morreram na pelleja dous Portugueses e depois em Malaca das feridas xxxv, e dos Malaios muitos, com a qual vitoria se tornou Francisco de Mello a Malaca, e George botelho ficou fora do perigo que se lhe ordenava sem o saber, que dahi a poucos dias, depois de ter mandado gram somma de mantimentos a cidade, se tornou com muito resgate douro que fezera com os de Menancabo, onde achou George debrito (que como atraz dix) Lopo soarez despachara de Goa para ir servira capitania da fortaleza de que vinha provido de Portugal, donde partira a sete dias Dabril, e chegou a Malaca no fim de Outubro, do mesmo anno de Mil, e quinhentos, e quinze, cousa que depois, nem dantes aconteceo.

CAPITULO LXXX

De como Afonso dalbuquerque ouve delRei Dormuz toda a artelharía que tinha na cidade, e mandou dom Garcia a Cochim provido da capitania darmada que avia de vir para o regno, com quem mandou os Reis cegos Dormuz, o que foi feito se partio perà India, onde faleceo em chegando a barra de Goa.

MORTE Raix hamed, como fica dito, as cousas Dormuz começaram tomaro termo que Afonso dalbuquerque desejava, que era poersse tudo na ordem que lhe parecia ser serviço de Deos, e del Rei dom Emanuel, o que sabido por todolas provincias vizinhas, muitos senhores da Persia, e Arabia o mandaram visitar por seus embaixadores com presentes, e outros vierão em pessoa velo, pela fama que delle, e de suas grandezas, e esforço tinhão. Neste tempo sespalharam novas como os Rumes se fazião prestes no mar Darabia para com huma grossa armada virem sobre Ormuz, mas ainda que se não tivessem por mui certas, tomou dellas Afonso dalbuquerque achaque pera mandar pedir emprestada a el Rei toda a artelharía que tinha na cidade, pera poer na fortaleza, e nas naos, o que fez mais pola ter em seu poder, que por necessidade que della tivesse, a qual el Rei e Raix norodim, lhe logo mandarão entregar toda, sem a isso poerem nenhuma duvida. Isto feito dom Garcia de noronha seu sobrinho lhe pedio licença pera se vir pera o regno, que lhe deu, e embarçam em huma nao, na qual lhe mandou que levasse quinze Reis ce-

gos com suas molheres, filhos, e criados que estavam em Ormuz, pera os em Goa entregar ao capitam, a quem escreveo que os tivesse a bom recado, e lhes desse tudo o que lhes fosse necessario, o que fez por nam ficar da casta destes Reis senam ho que regnava entam, por não recrecerem no regno algumas revoltas, e alevantamentos, porque estes todos eram herdeiros, e seus filhos delles, os quaes hos tyrannos, que governavam ja de muito tempo atras aquelle regno, tinham por costume, para mais a sua vontade tyrannizarem tudo ellegerem muito moços, e como estes regnavam cinco, seis mezes, ou hum anno ou mais os cegavam, pondoos todos em boa guarda por lhos não furtarem, e assi cegos lhes davam tudo o que lhes era necessario, da renda do regno. Com esta companhia partio dom Garcia de Ormuz ao vinte dias Dagosto, deste anno de M. D. xv. levando poderes de Afonso dalbuquerque para fazer a carga das naos que aviam de ir para Portugal de que lhe deu a capitania. Partido dom Garcia chegou com bom tempo a Cochim, onde andando ocupado no que compria ha carga das naos chegou Lopo soarez, que mudou o posto a tudo o que elle fazia, do que desgostoso nam quis mais entender em nada, posto que lho Lopo soarez encomendasse. Afonso dalbuquerque antes da partida de dom Garcia se começou achar mal de camaras, causadas, ou do trabalho, ou da idade, estas o deixaram per alguns dias: mas depois da partida de dom Garcia lhe tornarão mais fortes, de que pouco a ponco se achava cada vez peor, sentindo em si que aquella poderia ser a derradeira, mandou chamar todos os capitães, e per ante Pero dalpoem secretario da India lhes tomou a fe, que morrendo elle obedecessem todos a quem declarasse por Governador da India, segundo os poderes que para isso tinha athe el Rei seu Se-

nhor prover como o por bem tivesse, do que todos lhe fezerão preito, e menagem de o assi fazerem sem nenhum delles a isso poer duvida, do que mandou fazer hum assento pelo mesmo Pero dalpoem em que todos assinaram. Isto acabado fez logo seu testamento, em que ordenou as cousas que compriam a sua alma, tomando os Sacramentos da Egreja, como Catholico Chistão. O que feito, chamou seu sobrinho Pero dalbuquerque, e lhe dixe que pela confiança que delle tinha, e saber que el Rei Dormuz, e Raix nordim, e os mais da cidade lhe queriam bem, e os Portugueses, por ser tam bom cavalleiro como era, folgariam de ficar com elle, lhe fazia merce da capitania daquella fortaleza em nome del Rei dom Emanuel seu senhor, a qual lhe entregava logo, e o regimento e governo della, por quanto elle nam tinha ja forças corpøaes pera o poder fazer. Pero dalbuquerque lhe teve em merce a honrra que lhe fazia, e confiança que mostrara ter delle, começando logo a entender no que compria a seu cargo, e Afonso dalbuquerque no que tocava a sua alma, dizendo logo a Diogo fernandez de beja que ate o outro dia fizesse prestes a nao Frol da rosa, de que era capitão pera se ir nella caminho da India, onde desejava morrer, e sobre tudo na cidade de Goa, e o mesmo mandou dizer aos capitães que com elle aviam de tornar, e a el Rei Dormuz per Pero dalpoem, e Alexandre dataide, pedindolhe que lhe perdoasse por senão ir despedir delle, que o fezera de boa vontade se sua doença lho consentira, mas que se lhe Deos desse saude, elle o tornaria ainda a ver, e que por suas cousas em quanto vivesse, faria como por cousas de proprio filho, em cuja conta o tinha, que lhe encommendava Pero dalbuquerque seu sobrinho, que deixava por capitam daquella fortaleza, pera que em tudo o ajudasse, e

favorecesse como delle sperava, que elle o serviria em tudo muito bem, por lho elle assi deixar encomendado sobpena de sua bençam. El Rei ficou muito triste pela subita partida de Afonso dalbuquerque, e muito mais por saber quam mal o tratava aquella doença, e com as lagrimas nos olhos respondeo a Pero dalpoem, rogando-lhe que da sua parte dicesse a Afonso dalbuquerque que nenhuma nova tanto ao contrario de seus desejos lhe poderam dar como aquella, mas que a esperança de o ainda poder ver o consolava, que Deus fosse sua guia, e lhe desse muita vida, pera o tornar a ver naquella cidade e que em quanto viesse oulharia sempre pelas cousas del Rei dom Emanuel, e suas delle como de pais, em cuja conta os tinha. Tornado Pero dalpoem, Afonso dalbuquerque se despedio de seu sobrinho Pero dalbuquerque, e dos outros capitães, e gente nobre que avia de ficar, o que feito se embarcou por evitar visitas, que já nam lhe contentava nada por respeito da muita fraqueza que em si sentia pelo que mandou logo levar ancora, e foi surgir huma legoa da cidade, onde esteve dous dias esperando pelas naos, e gales que com elles avião de ir, o que tudo prestes se fez avela, hum sabado pela manham dez dias do mes de Novembro, a qual hora chegou a sua nao Acem ale com duas terradas em que lhe el Rei mandava muitos refrescos, com a qual lembrança se alegrou, e pelo mesmo Acem ale respondeo ao recado del Rei, tendolhe em mercee o presente, e assi a Acem ale, como aos remeiros, mandou dar vinho, dinheiro, e algumas peças com que se tornarão contentes, dalli tomou seu caminho perá India, e sendo a traves de Calaiate veo ter com elle huma terrada, que vinha de Dio com cartas de Side hale, e de hum embaixador do Xequé Ismael, porque o avisavam

como Lopo soarez era chegado a Goa com titulo de governador da India, e que el Rei dom Emanuel o mandava ir para Portugal. Afonso dalbuquerque alterado com esta nova, conhecendo que vir Lopo soares por governador, era negocio forjado por seus imigos, alevantou as mãos pera o Ceo dizendo em alta voz, Deos seja louvado, mal com os homens pera mor del Rei, mal com el Rei per mor dos homens. Esta nova fez tanta impressam nelle, que logo dixe que seus trabalhos erão acabados, o que Deos per sua misericordia lhe tinha ja concedido o descanso delles, o qus dito screvo hum carta a el Rei em que dizia. Senhor screvo a vossa alteza com saluços que he sinal de morte. Nesses regnos tenho hum filho, peçolhe que mo faça grande como meus serviços merecem, os quaes lhe eu fiz com minha serviçal condiçam, pelo que a elle mando que sobpena de minha bençam volo requera, e quanto as cousas da India ellas fallaram por si, e por mim. Despedida a terrada, seguio sua viagem, e sendo a vista de Goa sentindo em sua disposição se lhe chegar a hora da morte, mandou a hum seu criado que no bargantim se adiantasse, e lhe fosse chamar Fr. Domingos, vigario geral seu confessor, que veo ter com elle sabado a noite, a mesma hora em que surgio na barra, com o qual a passou toda, fallando nas cousas que comprião a salvação de sua alma sendo a tudo presente Pero dalpoem, que deixou por seu testamento, e tendo feitos, e compridos todos os actos de bom christam, ouve Deos por bem o domingo ante manhã xvi dias de Dezembro deste Anno de mil e quinhentos, e quinze, o chamar desta vida pera a sempiterna. Como se na cidade soube de sua morte acodio a praia huma multidam de gente de mestura Christãos, Gentios, e mouros, fazendo por elle gran-

des choros, e plantos cada hum a seu modo, porque os mais destes o tinham por pai, pelos muitos bens que a todos fazia, e alli speram pelo corpo pera o acompanharem a sepultura que elle ordenou em seu testamento que fosse na capella de nossa Senhora da Concepçam que elle mandou fazer sobela porta porque entrara na cidade quando a ganhou aos mouros, onde foi levado com as ceremonias devidas a huma illustre pessoa vestido no habito de Sanctiago, de cuja ordem era commendador. Por sua morte mostraram muito sentimento os Reis de Calecut, Cananor, e Coulam, e sobre todos o de Cochim que era muito seu amigo, e o mesmo se sentio no Çabaim dalcão, e em Miliquiaz senhor de Dio não por lhe estes dous quererem bem, senam pela grande estima em que o tinham, mas sobre todos deu mores mostras Xurandar Rei de Ormuz, quando lhe deram as novas de seu falecimento, porque o chorou muitos dias, e se ençarrou e tomou do ao seu modo. Depois da morte de Afonso dalbuquerque chegou á India Afonso lopez da costa, que el Rei Dom Emanuel despachara do regno no fim do mes Dabril com cartas per elle, porque lhe escrevia que estava arrependido de o mandar vir, que se fosse sua vontade podia ficar na India em qualquer fortaleza das que quisesse, issento de Lopo soarez, e que na sua vagante lhe mandaria a governança da India, com titulo de Vicerrei. Esta boa vontade que el Rei tinha de novo concebida em seu peito com desejo de fazer muitas merces a Afonso dalbuquerque, posto que por ser ja defunto lhe não podesse aproveitar, fello a este filho de que faz mençam na sua carta, que se chamava Braz dalbuquerque, a quem per lembrança do pai, el Rei mudou o nome de Braz em Afonso, e lhe fez muitas merces de tenças, e juros. Ha ossada do qual

Afonso dalbuquerque esse seu filho, por lho elle assi mandar em seu testamento, fez trazer da cidade de Goa a de Lisboa no anno de M.D.Lxvi. em duas naos e foi posta na Igreja da Casa da Misericordia, e a trasladaram ao Mosteiro de nossa Senhora da Graça da Ordem de Sancto Agostinho dos Eremitães, com tanta pompa, e solemnidade quanta a hum magnanimo, e victorioso capitam convinha onde a sepultaram na capella mor da mesma egreja que lhe os religiosos concederam pera sepultura, e jazigo della, e delle, e de seus descendentes, pela qual graça lhes doctou cincoenta moios de trigo de juro. Acompanharam esta ossada da egeja da Misericordia ate o Mosteiro onde jaz, todos os irmãos desta Confraria, e as ordens de sancto Augustinho, e de S. Francisco da observancia, e os Conegos, e Cabido da Sé de Lisboa, e a Capella del Rei, com a mais da Nobreza do regno que se entam achou em Lisboa, e gram parte do povo da cidade, contando cada hum as façanhas deste illustre capitão, o qual acto se fez hum domingo depois de jantar dezanove dias do mesmo anno de M.D.xxxxxxvi. Do discurso da vida do qual Afonso dalbuquerque compoz este seu filho Afonso dalbuquerque hum livro a modo de commentarios, em que mui por estenso conta todo o processo das cousas, e casos que lhe aconteceram em quanto viveo.

FIM

Da terceira parte da Chronica do Felicissimo
Rei D. Emanuel

OBRAS PUBLICADAS

- I — HISTORIA DO CERCO DE DIU, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume (esgotada).....
- II — HISTORIA DO CERCO DE MAZAGÃO, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume (esgotada)....
- III — ETHIOPIA ORIENTAL, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes (esgotada).....
- IV — O INFANTE D. PEDRO, chronica inédita por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes.....
- V — CHRONICA D'EL-REI D. PEDRO I, (O CRU OU JUSTICEIRO) por *Fernão Lopes*, 1 volume.....
- VI — CHRONICA D'EL-REI D. FERNANDO, por *Fernão Lopes*, 3 volumes.....
- VII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes.....
- VIII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por *Gomes Eannes d'Azurara*, VOL. I, II E III (VIII, IX E XI).
- IX — DOIS CAPITÃES DA INDIA, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume.....
- X — ARTE DA CAÇA DE ALTENARIA, por *Diogo Fernandes Ferreira*, 2 volumes.....
- XI — APOLOGOS DIALOGAES, por *D. Francisco Manuel de Mello*, 3 volumes.....
- XII — CHRONICA D'EL-REI D. DUARTE, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....
- XIII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO V, por *Ruy de Pina*, 3 volumes.....
- XIV — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO II, por *Garcia de Resende*, 3 volumes.....
- XV — VIDA DE D. PAULO DE LIMA PEREIRA, por *Diogo do Couto*, 1 volume.....
- XVI — CHRONICA D'EL-REI D. SEBASTIÃO, por *Fr. Bernardo da Cruz*, 2 volumes.....
- XVII — JORNADA DE AFRICA, por *Fernonymo de Mendonça*, 2 volumes.....
- XVIII — HISTORIA TRAGICO-MARITIMA, por *Bernardo Gomes de Brito*, VOL. I E II.....
- XIX — JORNADA DE ANTONIO D'ALBUQUERQUE COELHO, por *João Tavares de Vellez Guerretro*, 1 volume....
- XX — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO HENRIQUES, por *Duarte Galvão*, 1 volume.....
- XXI — CHRONICA D'EL-REI D. SANCHE I, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....
- XXII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO II E DE EL-REI D. SANCHE II, por *Ruy de Pina*, 1 volume....
- XXIII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO III, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....
- XXIV — CHRONICA D'EL-REI D. DINIZ, por *Ruy de Pina*, 2 volumes.....
- XXV — CHRONICA D'EL-REI D. MANUEL, por *Damião de Goes*, vol. I a VII

EM PUBLICAÇÃO

CHRONICA D'EL-REI D. MANUEL, por *Damião de Goes*, VOL.

DP
604
G6
1909
v.8

Goes, Damião de
Chronica d'el-rei
D. Manuel

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

